**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA EM HUMANIDADES, DIREITOS E OUTRAS LEGITIMIDADES**

MEIRE ANNE HOEPPERS RUIZ

**O negativo das migrações: o caso haitiano na
cidade Brusque, SC.**

São Paulo
2019

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA EM HUMANIDADES, DIREITOS E OUTRAS LEGITIMIDADES**

MEIRE ANNE HOEPPERS RUIZ

O negativo das migrações: o caso haitiano na cidade Brusque, SC.

Dissertação apresentada ao Programa Humanidades, Direitos e outras Legitimidades da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, para obtenção do grau de Mestre em Ciências.

Área de concentração: Cidadania, Direitos e Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Zilda Márcia Grícoli Iokoi

São Paulo
2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

R934n Ruiz, Meire Anne Hoeppers
O negativo das migrações: o caso haitiano na cidade Brusque, SC / Meire Anne Hoeppers Ruiz ; orientadora Zilda Márcia Grícoli Iokoi . - São Paulo, 2019.
109 f.

Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-Graduação Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades da Universidade de São Paulo. Área de concentração: Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades.

1. Haiti. 2. Imigração haitiana. 3. História oral. 4. Alteridade. I. Iokoi , Zilda Márcia Grícoli, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Iloyse Hipollyte, Serdieu Desernè, Patrick Pierre Philonise, Daniel Sanon, Ansy Amantious, Johnny Siffard, Joseph Guerlin, Eddy Dorleus, Jean Jimmy Ledoux, Willy Pierre, Jennifer Siffard e a tantos outros haitianos que me receberam e me acolheram com tanta reciprocidade, confiando a mim suas histórias e me dedicando sua amizade.

À minha orientadora, Profa. Dra. Zilda Márcia Grícoli Iokoi, pelo exemplo que é, para mim e seus demais alunos, de incansável dedicação à transformação social.

Aos meus pais Marise e Luiz Antonio Ruiz por me ensinarem a contestar desde a infância e, com seu apoio, darem base pra tudo o que sou e o que venho aprendendo.

A Marcos Vinicius da Silva Vale, companheiro de tanto tempo e histórias, que participou de vários momentos dessa empreitada e emprestou seu olhar para ilustrar esse trabalho.

À minha avó Odete e aos queridos Elza (*in memoriam*), Telma e Roberto pela acolhida e pelo carinho que sempre tiveram comigo nas idas e vindas entre Brusque e São Paulo.

À Priscilla Miglioli, sempre solícita desde a nossa primeira conversa e imprescindível para que essa pesquisa acontecesse.

À Andreza Paza, pela amizade e dedicação nessa fase final com seu auxílio cuidadoso na revisão do trabalho.

A André Soltau, aqui representando meus professores de graduação e agora amigos, interlocutores indispensáveis na articulação de ideias e questionamentos que me impeliram a essa pesquisa.

Aos meus professores e colegas do Diversitas pela riqueza de experiências e conhecimentos compartilhados.

Enfim, a todos aqueles que de alguma forma se envolveram com esse meu processo, emprestando um pouco de seu tempo, sua atenção, seu carinho e preocupação.

“Enquanto o leão não aprender a falar a história será contada pelo caçador”.

(Provérbio Hatiano)

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	III
SUMÁRIO	V
LISTA DE FIGURAS.....	VI
LISTA DE TABELAS	VII
LISTA DE MAPAS	VII
RESUMO.....	VIII
ABSTRACT	IX
REZIME	X
1. INTRODUÇÃO	1
1.1 UM NEGATIVO POR REVELAR.....	6
1.2 SOBRE OS COLABORADORES.....	7
1.3 RECONHECER-SE NO OUTRO, UMA QUESTÃO DE CLASSE SOCIAL.....	17
2. AS MIGRAÇÕES NO TEMPO PRESENTE: A QUESTÃO DOS HAITIANOS – SIGNIFICADO E SIGNIFICANTE	23
3. ABALOS NATURAIS E VIDAS SOBRANTES: O TERREMOTO E A MIGRAÇÃO DOS HAITIANOS.....	43
3.1. VIDAS SOBRANTES.....	53
3.2. A GENTE GOSTA DE VIAJAR.....	56
3.3. O TERREMOTO	61
4. DESLOCAMENTO DE VIDAS E CULTURA	67
4.1 O REAL MARAVILHOSO COMO PERSPECTIVA	75
4.2 <i>KREIÒL</i> E REMINISCÊNCIAS VODU.....	78
4.3 AS FRONTEIRAS DA ALTERIDADE	82
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	95

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Casamento do Joseph e Elisena - Janeiro de 2019	29
Figura 2. Casamento do Joseph e Elisena - Janeiro de 2019	29
Figura 3. Casamento do Joseph e Elisena - Janeiro de 2019	30
Figura 4. Casamento do Joseph e Elisena - Janeiro de 2019	31
Figura 5. Casamento do Joseph e Elisena - Janeiro de 2019	31
Figura 6. Johny Siffard – Julho de 2018.....	50
Figura 7. Johny, Catia, Johvensky, Jennifer e Julliana – Julho de 2018	50
Figura 8. Catia - Julho de 2018	51
Figura 9. Catia e Jennifer - Julho de 2018.....	51
Figura 10. Nataisha - Julho de 2018	52
Figura 11. Johvensky - Julho de 2018	52
Figura 12. Johny Siffard e Eddy Dorleous, com Marise e Luiz Ruiz - Janeiro/2019.....	71
Figura 13. Eddy com a filha Neijussa - Agosto/2016	72
Figura 14. Edson Lins Dorleus (13anos)	72
Figura 15. Neijussa Dorleus (3 anos e meio)	73
Figura 16. Divid djulins Dorleus (2 anos)	73
Figura 17. Divid djulins Dorleus (2 anos)	74
Figura 18. Haitianos na Vila Operária de Brusque - 2015	92
Figura 19. Criança haitiana na igreja - 2019	92
Figura 20. Trabalho da distribuidora de Aço e Ferro (Johny e Serdieu) - Novembro/2014	93
Figura 21. Dança para os noivos - celebração casamento Joseph e Elisena - Janeiro/2019	93
Figura 22. Willy Pierre em oração - janeiro/2019	94

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Informações básicas sobre os colaboradores	7
--	---

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Localização de Jacmel	8
Mapa 2: Localização de Arcahaie.....	9
Mapa 3: Localização de Petit Trou de Nippes.....	10
Mapa 4: Localização de Cabo Haitiano.....	11
Mapa 5: Localização de Petit Goâve.....	13
Mapa 6: Localização de Carrefour.....	13
Mapa 7: Localização de Limbé.....	15
Mapa 8: Trajetória Secundária dos Colaboradores: Haiti – (Escala Panamá) – Brasil (São Paulo).....	16
Mapa 9: Trajetória dos Colaboradores: República Dominicana – (Escala Panamá) – Equador - Brasil (São Paulo).....	16
Mapa 10: Haiti – Turks & Caicos, 311 km de distância;.....	28

RESUMO

No contexto dos deslocamentos internacionais, desde 2010 o Brasil tornou-se um dos destinos principais da imigração haitiana. Com uma tradição histórica de imigração internacional, o fluxo migratório haitiano insere o Brasil no cenário das migrações contemporâneas que, impulsionadas pelo movimento globalizado do mercado, voltam-se para rotas até então pouco usuais. Nessas circunstâncias, a cidade de Brusque, porta de entrada do Vale Europeu em Santa Catarina, transforma-se em um dos destinos para os haitianos a partir de 2013. A cidade que, com seus índices de pleno emprego e qualidade de vida entrou a década como a que mais recebia migrantes no estado, é marcada por sua história ligada à imigração internacional do fim do século XIX, sobre a qual se ergue um discurso de enaltecimento da figura do imigrante estrangeiro. O presente trabalho resulta da pesquisa realizada entre os sujeitos que formam a comunidade haitiana na cidade de Brusque, a partir de suas histórias de vida, coletadas através dos métodos da História Oral. Com a mediação de autores pertinentes aos temas, pretende-se abordar a imigração haitiana a partir do ambiente da emigração, o próprio Haiti, traçando sua rota a partir das narrativas que implicam todo o trajeto que os trouxe como destino à cidade de Brusque, buscando compreender a transposição das fronteiras físicas e simbólicas presentes nesse processo.

Palavras-chave: Haiti. imigração haitiana. história oral. alteridade.

ABSTRACT

In the context of international displacement, since 2010 Brazil has become one of the main destinations for Haitian immigration. With a historical tradition of international immigration, the Haitian migratory flow inserts Brazil in the scenario of contemporary migrations, which, driven by the globalized market movement, turn to previously unusual routes. In these circumstances, the city of Brusque, the gateway to the Vale Europeu in Santa Catarina, becomes one of the destinations for Haitians, starting in 2013. The city, with its rates of full employment and quality of life, decade as the one that received the most migrants in the state, is marked by its history linked to the international immigration of the end of the nineteenth century, on which stands a speech of extolling the figure of the foreign immigrant. The present work results from the research carried out among the subjects that form the Haitian community in the city of Brusque, from their life stories, collected through the methods of Oral History. With the mediation of authors pertinent to the themes, it is intended to approach Haitian immigration from the emigration environment, Haiti itself, tracing its route from the narratives that imply all the way that brought them as destination to the city of Brusque, looking for understand the transposition of the physical and symbolic borders present in this process.

Key words: Haiti. Haitian immigration. oral history. otherness.

REZIME

Nan yon kontèks depласman entènasyon, depi 2010 Brezil te vin youn nan destinasyon prensipal pou imigrasyon ayisyen. Avèk yon tradisyon istorik nan imigrasyon entènasyon, koule migrasyon ayisyen an mete Brezil nan senaryo a nan migrasyon kontanporen, ki, ki te kondwi pa mouvman nan mache globalize, vire nan wout deja dwòl. Nan sikonstans sa yo, vil nan Brusque, pòtay lavil la nan Vale Europeu an nan Santa Catarina, vin tounen youn nan destinasyon yo pou Ayisyen, kòmanse nan 2013. Vil la, ak pousantaj li yo nan travay plen ak bon jan kalite nan lavi, deseni kòm youn nan moun ki te resevwa pi imigran nan eta a, te make pa istwa li ki lye ak imigrasyon entènasyon la nan fen dizivyèm syèk la, sou ki vle di yon diskou nan egzumere figi a nan imigran an etranje. Travay la prezante rezilta rechèch la te pote nan mitan sijè yo ki fòme kominote ayisyen an nan vil Brusque, soti nan istwa lavi yo, kolekte nan metòd yo nan Istwa Oral. Avèk medyasyon otè ki enpòtan nan tèm yo, li gen entansyon apwòch imigrasyon ayisyen soti nan anviwònman an emigrasyon, Ayiti tèt li, trase wout li yo soti nan narasyon yo ki vle di tout wout la ki te fè yo kòm destinasyon nan vil la nan Brusque, kap chèche ... konprann transpozisyon fwontyè fizik ak senbolik prezan nan pwosesis sa a.

Mo kle: Ayiti, Imigrasyon ayisyen, Istwa oral, Aleman.

1. INTRODUÇÃO

*Deus! ó Deus! onde estás que não respondes?
Em que mundo, em qu'estrela tu t'escondes
Embuçado nos céus?
Há dois mil anos te mandei meu grito,
Que embalde desde então corre o infinito...
Onde estás, Senhor Deus?...*

(Vozes d'África – Castro Alves)

Poucas experiências podem ser tão sensibilizadoras a um leigo quanto a de presenciar, pela primeira vez, uma orquestra tocando. Desconheço quem, ao viver esse momento, não tenha ficado impactado em ver tantos músicos tocando ao mesmo tempo instrumentos diversos, naipes com melodias em contraponto que, mesmo tão diferentes, se complementam; ainda que dissonantes, resultam em harmonia. Os ritmos que, mesmo opostos, se completam no andamento; as pausas que, com precisão, geram cadências marcantes. Os silêncios que ao serem respeitados e ouvidos por todos, precedem desfechos grandiloquentes e passagens emocionantes.

As artes têm essa capacidade. Por estarem situadas no limiar entre o que é e a utopia, elas — em suas formas e propostas — sempre nos trazem uma ideia do que pode vir a ser.

A orquestra — por sua vez — a despeito do talento individual de seus músicos, depende mais de sua capacidade de produzir coletivamente, ouvir o que tocam os seus diferentes parceiros e assim interagir com eles. Essa capacidade de interação, que provoca tão belos harmônicos, ecoados tão a fundo, seja talvez o que encanta nossas almas cansadas do concerto desafinado, promovido pelos processos históricos que resultam em nossas realidades sociais, tão carregadas de silêncios e omissões.

É a busca em ouvir a harmonia na dissonância, no contraponto, que moveu essa pesquisa.

Era ainda o primeiro semestre de 2013 quando vi três jovens passarem por mim no maior shopping de Balneário Camboriú (Santa Catarina). Eles eram altos, esguios, e olhavam maravilhados o alto pé direito da construção e suas vitrines, parecendo ignorar as

peessoas que desviavam de sua presença e as senhoras que traziam suas bolsas para frente do corpo.

Lembro que imediatamente me admirei de sua altivez; observando-os, imaginava o quanto cada um carregava da linda história de seu país, e o que da sua história recente os trazia até ali.

Os noticiários davam conta da “invasão” haitiana no Brasil, e em Brusque se comentava sobre a presença haitiana nas cidades litorâneas vizinhas, com um misto de pena e medo: "Sim, coitados! Tão pobres e atingidos pelo terremoto. Mas um verdadeiro perigo com esse tal Vodú. Por essas e por outras eles não têm nada a perder!".

Não tardou para que os primeiros haitianos chegassem a Brusque – a cidade que mais crescia em Santa Catarina no início da década – o que aconteceu em novembro de 2013, mesmo mês em que corria pela cidade uma carta ameaça, de conteúdo extremamente xenofóbico, contra os imigrantes nordestinos.

Nesse cenário comecei a buscar contato com esses imigrantes estrangeiros recém-chegados à cidade, com a preocupação de que eles se tornassem possíveis alvos de ataques xenofóbicos, e desse contato passei a conhecer suas histórias.

Acolhimento, solidariedade, coragem, fé e esperança movem as histórias dos haitianos que, com suas memórias, ajudam a contar como Brusque se tornou um destino de imigração. Compreendendo os pressupostos históricos da emigração no Haiti, de que forma o terremoto de janeiro de 2010 influenciou no deslocamento desses emigrantes, como acontece a travessia das fronteiras simbólicas através do encontro de culturas e como a vida da comunidade haitiana vem se estabelecendo nesta cidade de Santa Catarina.

A imigração haitiana insere a cidade de Brusque no ciclo dos deslocamentos humanos contemporâneos, regido pela economia de consumo da lógica globalizada do trabalho.

Diferentemente das imigrações do século XIX, que possuíam rotas e destinos bastante definidos, os deslocamentos contemporâneos correspondem à nova lógica produtiva, rumando em direção ao Capital, que se move em torno das regiões que oferecem um espaço produtivo com vantagens fiscais e financeiras. Tendo como mantra o baixo custo de produção, a nova ética do sistema estimula o deslocamento de grandes grupos humanos em busca de emprego, integração e sobrevivência.

De acordo com Castells, citado por SOUZA (2013, p.352)

(...) existem diferentes “*padrões de inclusão*”, universal e digital, que promovem a integração nos espaços de fluxos de pessoas, de produção e de consumo.

Portanto, há em seu entendimento “*padrões de inclusão*” que personalizam o indivíduo segundo as identidades e exigências pessoais, promovendo uma integração seletiva no sistema. Em determinados espaços produz-se a exclusão, o isolamento, o desemprego e, em outros pontos globais, por fatores diversos ou adversos, formam-se redes de intercâmbio *globais*: “[...] instrumentos que conectam e desconectam indivíduos, grupos, regiões e até países, de acordo com sua pertinência na realização dos objetivos processados na rede, em um fluxo contínuo de decisões estratégicas”.

A transitoriedade emerge como emblema da contemporaneidade, onde as antigas identificações socioculturais se desvanecem diante da impossibilidade da realização de qualquer análise totalizante. Nesse contexto, a reflexão acerca do estrangeiro – os migrantes, personificações da presença e ausência – possibilita a síntese da sociedade contemporânea, revelando aquilo que o meio social rejeita, representando o real e o imaginado acerca da globalização (IOKOI, 2008).

Contudo, o deslocamento dos sujeitos faz parte de uma trajetória dinâmica e exposto a constantes alterações, de acordo com os contextos onde sociedades de emigração e imigração dialogam, de modo que experiências e territórios sejam partilhados, tornando-se referências para os imigrantes. No entanto, se eles permanecem no lugar de imigrante – nesse caso fazendo referência à alteridade, isto é, ao diferente ou ao estranho – é possível considerar que o espaço transitado por aqueles que decidem pela migração não se configura apenas como um espaço físico, mas aquele espaço qualificado, exemplificado por Sayad (1998).

Portanto é preciso exercitar a descolonização do pensamento na constituição de saberes para além da lógica imposta desde a modernidade. É necessário romper as fronteiras simbólicas na direção de novos espaços narrativos da história para, nas palavras de Boaventura de Souza Santos (2007, p.25) “produzir conhecimentos que questionem a hierarquização produzida por saberes unitários que omitem as diferenças e a hegemonia da lógica e da racionalidade ocidental que se sobrepõe às demais”.

Para isso, é preciso que o historiador investigue o tempo presente, “um tempo que é o seu próprio tempo com testemunhas vivas e com uma memória que pode ser a sua. A partir de uma compreensão sobre uma época que não é simplesmente a compreensão de um passado distante, mas uma compreensão que vem de uma experiência da qual ele participa como todos os outros indivíduos” (FÁVERO AREND; MACEDO, 2009, p.202).

Assim, o estudo da migração se dará a partir da voz dos imigrantes, buscando observar suas histórias particulares e as experiências vivenciadas nos deslocamentos, visando reconhecer espaços simbólicos para além das fronteiras econômicas e do Estado.

Tendo em vista uma aproximação da perspectiva daqueles que são sistematicamente silenciados, o método da História Oral auxiliará o esforço de revelar as formas do vivido por esses sujeitos.

Por meio da história oral de vida se dará o encontro com o *outro*, “sujeito dono de sua história”, e através da valorização de sua fala compreender o presente, ressignificar o passado e empreender reflexões acerca de suas particularidades frente às questões relativas à migração (MEIHY, 2011).

Os procedimentos utilizados como método foram baseados na obra do professor José Carlos Sebe Bom Meihy, seguindo as etapas de pré-entrevista, entrevista e pós-entrevista.

Na primeira etapa foram travados os primeiros contatos, resultando na apresentação do projeto e ressaltando a singularidade da participação de cada colaborador para o transcorrer da pesquisa, bem como esclarecer os métodos de gravação utilizados. A segunda etapa compreende a realização da entrevista propriamente dita e, na etapa seguinte, o pós-entrevista que é onde se deu a transcrição e textualização das falas dos colaboradores aqui atuantes para além do lugar do objeto de pesquisa.

Meu primeiro contato direto com imigrantes haitianos se deu através da Associação de Haitianos de Navegantes, em agosto de 2013; lá obtive as noções preliminares acerca do deslocamento haitiano para o Brasil, através da conversa com muitos imigrantes ali presentes e da fala de seu presidente, Leonel Joseph, que narrou a sua trajetória esclarecendo várias questões em oposição ao que era exposto na mídia.

A partir desse contato decidi aprofundar meus estudos sobre a história do Haiti e o contexto que contribuía para o processo histórico de imigração haitiana. Amparada na leitura de Laënnec Hurbon, para a compreensão de como a perseguição do Vodou e seus elementos culturais favoreceram no processo de degradação social do país, e no antropólogo Joseph Handerson que, em suas pesquisas, se dedica a analisar os pontos de inflexão e resistência acerca dos elementos culturais do Haiti, bem como compreender as dinâmicas da mobilidade haitiana voltadas para o Brasil, Suriname e Guiana Francesa, além da utilização do termo *Diaspora* como uma qualificação social que referencia pessoas, ações, dinheiro e patrimônio no país.

Ainda sobre o Haiti, a leitura de pesquisadores como Omar Ribeiro Thomaz, Ricardo Seitenfus e do sociólogo Franck Seguy foram fundamentais para a compreensão

da condição do Haiti na contemporaneidade, com a presença das organizações estrangeiras e todo o projeto de reconstrução do país após o terremoto.

Assim, prossegui no contato com os imigrantes haitianos instalados em Brusque, SC, a partir da colaboração de Priscilla Miglioli – moradora da cidade, que se tornou referência entre a comunidade haitiana pelo auxílio e acolhida voluntária que ajudava a promover, no ano de 2014.

No período entre o segundo semestre de 2014 e o ano de 2015, a comunidade haitiana de Brusque crescia exponencialmente, com a chegada diária desses imigrantes na cidade, atingindo (através de estimativas feitas pelos próprios) um número de aproximadamente 750 imigrantes.

Nessa fase mantive contato direto com um número grande desses moradores, atuando em aulas voluntárias de português, fazendo muitos amigos, colhendo relatos e as primeiras entrevistas que viriam a fazer parte deste trabalho.

Com a instabilidade gerada pela crise política em 2016, muitos imigrantes começaram a traçar novas rotas lançando-se para outros destinos, sobretudo em direção à capital do Chile e Miami, nos EUA. *“Muito haitiano acaba desistindo do Brasil por não conseguir trabalhar na sua profissão e também por causa do salário e o preço do dólar. É preciso economizar muito pra conseguir mandar cem dólares para o Haiti”* – relatou Daniel Sanon, semanas antes de deixar Brusque com destino a Miami, para viver com uma irmã.

Em 2018 voltei a campo me concentrando em colher os relatos daqueles haitianos que permaneciam na cidade de Brusque há mais tempo, além de uma entrevista com Priscilla Miglioli, muito citada por todos eles, que narrou um pouco de suas vivências junto à comunidade haitiana e o laço mantido com muitos daqueles que seguiram viagem.

Compreender a migração a partir da forma dialética apresentada por Abdelmalek Sayad (1998), considerando que o imigrante nasce na emigração, pois o imigrante, esse protagonista das mobilidades humanas, só nasce ao cruzar a fronteira; antes disso ele é o filho, o irmão, o parceiro, o pai que deixa os seus entes em busca de uma realização; é mão de obra, eleitor, cidadão que, não mais presente diretamente em sua sociedade, esse sujeito transita como um depósito das expectativas da emigração que, ao cruzar fronteiras, se defronta com a efetividade da imigração.

“Fato social total”, é verdade; falar da imigração é falar da sociedade como um todo, falar dela em sua dimensão diacrônica, ou seja, numa perspectiva histórica (...), e também em sua extensão sincrônica, ou seja, do ponto de vista das estruturas presentes da sociedade e de seu funcionamento; mas com a condição

de não tomarmos deliberadamente o partido de mutilar esse objeto de uma de suas partes integrantes, a parte relativa à emigração (Ibidem, p.16).

Pretendendo romper um pouco com o maior dos embargos que é o embargo da própria história, nessa dissertação não quero falar do Haiti por sua condição de pobreza, por seus perigos ou suas tragédias, mas dar um pequeno passo em ouvir o que – com a presença desses imigrantes – os processos históricos vêm insistindo em nos omitir.

1.1 Um negativo por revelar

A partir de uma câmara escura é possível produzir imagens em negativo, ou seja, imagens invertidas com relação às suas cores e sentidos. Isso só acontece por conta da propagação da luz sobre essas imagens.

No processo fotográfico analógico, com o surgimento da fotografia por processo de negativo-positivo, torna-se possível fazer cópias ilimitadas do positivo de uma mesma imagem revolucionando assim a forma de fazer fotografia pelo mundo, uma vez que os processos anteriores eram capazes apenas de produzir as imagens em positivo.

O processo de aparecimento da imagem em sua forma positiva se dá através da revelação.

Nesse procedimento, a imagem surge completamente invertida com relação ao negativo, pois a luz sensibiliza no papel fotográfico as áreas onde o negativo não foi sensibilizado fazendo, assim, com que áreas escuras fiquem claras e vice-versa, alterando também os sentidos de lateralidade e verticalidade.

Tratar da imigração haitiana em Brusque a partir da perspectiva de um negativo fotográfico é uma tentativa de trazer os feixes de luz para a impressão das migrações contemporâneas na história da cidade.

Em uma região cuja imigração estrangeira está inscrita em suas festas, tradições, memórias — o principal agente constitutivo de seu patrimônio histórico —, tratar da imigração haitiana é uma tentativa de revelar outros mundos possíveis, no universo das discussões sobre migração na região.

“O outro é um mundo possível, tal como existe num rosto que o exprime, e se efetua numa linguagem que lhe dá uma realidade. Nesse sentido, é um conceito com três componentes inseparáveis: mundo possível, rosto existente linguagem, real ou fala” (DELEUZE; GUATARRI, 1993, p.29).

Expor o negativo à luz, trata-se de uma iniciativa de desprender a imagem do *outro*, do diferente, do *estranho*, de um sentido pernicioso, trazendo-o para o centro da discussão do tempo presente como uma forma de compreender a fluidez com que as questões da contemporaneidade se apresentam.

No exercício de descolar-mo-nos dos rígidos critérios do raciocínio lógico, tão duramente submetido às regras de identidade e semelhança, essa perspectiva visa conceber a diferença não como uma coisa *ou* outra, mas como um universo de possibilidades para a reelaboração de algumas perspectivas da história, uma chave para a compreensão de algumas questões contemporâneas e, sobretudo, como um meio de trazer ao centro da discussão a história de vida de sujeitos marcados pelo silenciamento de sua história, como um caminho para revisitarmos as nossas próprias questões históricas, inscrevendo assim a possibilidade de reelaborarmos nossa convivência social.

1.2 Sobre os Colaboradores

Tabela 1: Informações básicas sobre os colaboradores

Nome	Data da Entrevista	Idade	Cidade de Origem	Data de Chegada	Profissão
Iloyse Hipolyte (Lolo)	05/10/2014	37	Jacmel	05/2014	Vendedora
Serdieu Desernè	15/10/2014	32	Jacmel	11/2013	Téc. Contabilidade
Patrick Pierre Philonise	22/10/2014	26	Arcahaie	09/2014	Bancário
Daniel Sanon	18/12/2015	26	Jacmel	06/2014	Colocador de piso
Priscilla Miglioli	23/06/2018	33	Contagem (MG)	1990	Aux. Administrativa
Ansy Amantious	15/07/2018	38	Petit Trou de Nippes	04/2014	Despachante Aduaneiro
Johny Siffard	22/07/2018	40	Cabo Haitiano	02/2014	Pedreiro
Joseph Guerlin	22/09/2018	39	Cabo Haitiano	02/2014	Pedreiro
Eddy Dorleus	07/10/2018	34	Petit-Goâve	11/2013	Pintor
Jean Jimmy Ledoux	03/11/2018	31	Carrefour	11/2014	Comerciante
Willy Pierre	15/11/2018	37	Jacmel	04/2014	Vendedor
Jennifer Siffard	17/10/2018	14	Limbé	12/2016	Estudante

1 – Iloyse Hipolyte (Lolo) (37 anos)

Conheci Lolo na época em que atuei como voluntária nas aulas de português. Posteriormente, quando realizamos sua entrevista, visitei o apartamento que dividia com mais quatro adultos e uma bebê (todos haitianos), companheiros de viagem que ela

Mapa 1: Localização de Jacmel

Fonte: https://www.nationsonline.org/oneworld/map/haiti_map.htm com edição da autora

conheceu no Equador. Lolo é natural da cidade de Jacmel, tem ensino médio incompleto, é casada e mãe de um filho de 14 anos (na época da entrevista). Já vivia com o marido há quase seis anos na República Dominicana, onde trabalhava como vendedora de loja. No início de 2014 ela e o

marido decidiram mudar-se para o Equador e, cerca de quatro meses depois, ela chega ao Brasil, seguindo para Brusque com um casal de amigos. Iloyse estava trabalhando em uma tecelagem, bem próxima à casa que morava, enquanto aguardava a chegada do marido, que permaneceu em Quito, esperando também a chegada do filho, que viria do Haiti para reunir-se ao casal. Com uma irmã vivendo nos Estados Unidos e um irmão em Caxias do Sul (RS), me contou que o destino da família era incerto, mas que, certamente, não permaneceriam em Brusque por muito tempo.¹

2 – Serdieu Desernè (32 anos)

Fui apresentada a Serdieu quando ele ainda era um dos inquilinos de Priscilla Miglioli, em julho de 2014. Nascido em Jacmel, ele foi um dos primeiros haitianos a chegar em Brusque, em novembro de 2013. Formado como técnico em contabilidade, trabalhava como pintor na República Dominicana desde o terremoto de 2010, e antes disso tinha trabalhado como auxiliar de tesouraria num colégio em Carrefour. Serdieu saiu com o amigo Eddy Dorleous com destino ao Brasil, diretamente da República Dominicana,

¹ Iloyse mudou-se no início de 2015 para Caxias do Sul e no segundo semestre de 2016 seguiu com o marido para os EUA, de onde foram deportados. Seu filho segue vivendo em Caxias do Sul (RS).

passando três meses em Quito (Equador) à espera do visto, antes de seguir para São Paulo. Em Brusque, trabalhando em uma distribuidora de ferro e aço, Serdieu me concedeu a entrevista durante um café na casa de Priscilla; na época, ele afirmou gostar da qualidade de vida de Brusque, o que o encorajava a fazer a documentação para solicitação do visto de Reunião Familiar, para trazer a esposa que havia deixado grávida de seis meses na República Dominicana, e o filhinho que ainda não tinha conhecido.

3 – *Patrick Pierre Philonise (26 anos)*

Conversei com Patrick poucos dias após sua chegada ao Brasil, em setembro de 2014, quando estava hospedado na casa de Joseph Guerlin, primo de um de seus dois parceiros de viagem. Nascido na comuna de Arcahaie, estudou sempre em Porto Príncipe, onde conciliava a faculdade de contabilidade e o trabalho em um banco, à época do terremoto. Depois do terremoto, Patrick passou um tempo em sua cidade natal, trabalhando na plantação de bananas da família, até seguir para a República Dominicana, onde teve vários empregos. Patrick já saiu da República Dominicana decidido a vir para o

Mapa 2: Localização de Arcahaie

Fonte: https://www.nationsonline.org/oneworld/map/haiti_map.htm com edição da autora

Brasil e revelou ter escolhido seguir viagem pelo Equador (onde ficou por quatro meses) pela segurança da rota "legalizada". Um de seus maiores desejos era a oportunidade de retomar os estudos e concluir uma faculdade.

4 – *Daniel Sanon (26 anos)*

Conheci Daniel através de Lolo, pois ele era um dos colegas com quem ela dividia aluguel. Nascido em Jacmel, Daniel tinha ensino médio completo e, após o terremoto, trabalhou por quatro anos como colocador de piso na República Dominicana. Decidiu

mudar-se para o Equador pela facilidade de possuir um passaporte dominicano e, ao chegar em Quito, manteve contato com alguns de seus conhecidos que já estavam em Brusque e encorajou-se a seguir com a solicitação de documentos para o Brasil. Quando conheci Daniel, ainda em 2014, ele estava há quatro meses em Brusque e se mantinha em dois empregos. Na época da entrevista, Daniel já tinha saído do emprego de meio período, que manteve por cerca de oito meses após um problema de saúde, e estava bastante feliz por estar indo para os EUA, ao encontro de sua irmã.

5 – Priscilla Miglioli (33 anos)

A única voz não haitiana a integrar o trabalho, Priscilla foi citada por todos os haitianos com quem conversei durante a pesquisa. Natural de Contagem (MG), Priscilla cresceu em Brusque e trabalha como auxiliar administrativa em uma loja de eletrônicos. Conta que se envolveu com os haitianos por um acaso e por empatia, ao oferecer ajuda para alguns deles no final de 2013. Após o contato, Priscilla acabou alugando duas moradias, na parte inferior de sua casa, para alguns imigrantes e desde aí acabou se tornando referência no acolhimento para imigrantes recém chegados. Ela narra que tudo aconteceu de forma inesperada, mas ela e seus familiares eram muito solidários aos recém chegados, que não possuíam nenhum apoio de entidades do órgão público, ou de cunho religioso (como em outras localidades). Os imóveis já não são mais alugados para haitianos, mas Priscilla ainda mantém vínculo de amizade com a maior parte dos imigrantes que ainda residem em Brusque.

Mapa 3: Localização de Petit Trou de Nippes

Fonte: https://www.nationsonline.org/oneworld/map/haiti_map.htm com edição da autora

6 – Ansy Amantious (38 anos)

Conheci Ansy ao acaso, em um supermercado, na companhia de Priscilla Miglioli, em maio de 2014. Na época, ele estava há vinte dias na cidade e acabei me tornando amiga dele e de sua

companheira Marie Sylvia. Embora já o conhecesse há tempos, sua entrevista aconteceu apenas em 2018. Ansy é natural da comuna de Petit Trou de Nippes, de onde saiu cedo para juntar-se aos irmãos que estudavam na capital, Porto Príncipe. Tem formação técnica de nível superior em despacho aduaneiro, e trabalhava como professor em uma escola de ensino fundamental da capital, de onde se mudou para trabalhar em uma confecção de roupas na República Dominicana, tempos antes do terremoto. De lá foi para o Equador com Marie, no final de 2013, onde conheceram Johny Siffard, que logo partiria para o Brasil, para onde vieram depois de cinco meses ao encontro do amigo, na cidade de Brusque. Ansy gosta bastante da cidade, mas demonstra algumas insatisfações com o país, de modo geral. Mesmo assim, manifesta o desejo de naturalizar-se brasileiro, sobretudo após o nascimento do filho Sandro, em dezembro de 2015. Demonstra certa apreensão às condições de trabalho a que são submetidos os haitianos, bem como a preocupação de não se manter no lugar de imigrante, buscando economizar para deixar de viver em uma casa de “temporário”.

7 – Johny Siffard (40 anos)

Johny foi o primeiro haitiano com quem tive contato direto, em Brusque. O conheci por intermédio de Priscilla, em junho de 2014, e não perdemos contato desde então.

Natural de Cabo Haitiano, Johny tem o ensino médio completo e desde que acabou os estudos trabalha no exterior como pedreiro. Trabalhou em Providenciales (nas ilhas Turks e Caicos), mas a maior parte do tempo se manteve na República Dominicana de onde decidiu sair em

Mapa 4: Localização de Cabo Haitiano

Fonte: https://www.nationsonline.org/oneworld/map/haiti_map.htm com edição da autora

2013 e tentar a sorte no Equador; lá soube do apoio que o governo brasileiro vinha oferecendo aos imigrantes haitianos e, por ser apaixonado pelo futebol do Brasil, decidiu

solicitar seu visto. A decisão por Brusque se deveu ao fato de seu primo Wilson já estar instalado na cidade. Trabalha na mesma empresa de distribuição de aço e ferro desde que chegou à cidade e apesar de lembrar com carinho do Haiti, comemora ter conseguido trazer a esposa e os quatro filhos do país e sonha em trazer, talvez, os pais e a irmã que ainda residem lá.

8 – *Joseph Guerlin (39 anos)*

Conheço Joseph desde 2014, época em que ainda era inquilino de Priscilla, dividindo a casa com seu amigo de infância e companheiro de viagem, Johny Siffard. Joseph nasceu em Cabo Haitiano, tem ensino médio completo e já vivia trabalhando como pedreiro no exterior desde os 21 anos de idade. Com parentes nos Estados Unidos e no Canadá, Joseph passou a maior parte do tempo trabalhando na República Dominicana, mas tentou trabalhar também em Turk e Caicos (em 2003) de onde foi deportado. Deixou a República Dominicana, em 2013, desejando tentar a sorte no Equador; lá reencontrou o amigo de infância e decidiu seguir viagem para Brusque, junto com ele. Em 2016, Joseph tentou seguir para o Chile junto com um irmão, mas não conseguiu adaptar-se ao clima de Santiago e preferiu voltar pra Brusque. Ele sente muita falta da família, sobretudo do filho de 12 anos de idade, e sente-se preso por não conseguir juntar dinheiro o suficiente para poder escolher voltar ou não para o Haiti. Na época de nossa entrevista Joseph estava se preparando para, no início de 2019, casar-se com Elisena Saintilmir, também do Haiti.

9 – *Eddy Dorleus (34 anos)*

Conheci Eddy em agosto de 2014, quando lhe dei uma carona para buscar sua então noiva Nerline, que chegava no aeroporto diretamente do Haiti. Encontramos-nos mais algumas vezes nessa época, sobretudo por conta das aulas de português, mas acabamos perdendo contato, voltando a nos encontrar somente em 2018. Eddy nasceu em Petit-Goâve, onde completou o ensino médio e aprendeu a sua profissão de pintor. Deixou o Haiti em 2005, aos 21 anos de idade, para trabalhar na República Dominicana de onde saiu em 2013 em direção ao Equador, mas já com o objetivo de fazer o visto para o Brasil. Fazendo a viagem do Equador para o Brasil com mais quatro amigos, foi decisão de Eddy vir para Santa Catarina e, segundo ele, uma “graça divina” pelo fato de ter sido encontrado pelo dono da distribuidora de aço e ferro em que trabalha desde que chegou a Brusque. Pai de um casal de filhos nascidos no Brasil, Eddy agora economiza para trazer o filho de 12

Mapa 5: Localização de Petit-Goâve

Fonte: https://www.nationsonline.org/oneworld/map/haiti_map.htm com edição da autora

anos que vive com seus pais no Haiti. Concedeu-me a entrevista na igreja evangélica fundada por ele e por Johny, na qual ele é pastor, frequentada pelos haitianos da cidade.

10 – Jean Jimmy Ledoux (31 anos)

Cheguei até Jimmy através de uma amiga que trabalha na mesma empresa de embalagens que ele e sua companheira Stephane. O casal veio junto para o Brasil em

Mapa 6: Localização de Carrefour

Fonte: https://www.nationsonline.org/oneworld/map/haiti_map.htm com edição da autora

novembro de 2014, depois de conseguir vistos diretamente na Embaixada do Brasil no Haiti. Vieram direto de Porto Príncipe para São Paulo e de São Paulo para Brusque, para encontrar um amigo de Jimmy que vivia na cidade naquela época.

Jimmy é natural de Carrefour e tem ensino médio completo; trabalhava com a mãe como comerciante de roupas e artigos importados e já tinha conhecido Miami e Quito, mas sempre a passeio, visitando amigos. Decidiu vir para o Brasil depois de acompanhar a Copa do Mundo e

incentivado por um grupo de amigos que estava instalado em Brusque. Jimmy se demonstra insatisfeito com o custo de vida no Brasil e se emociona ao lembrar o esforço dele e da esposa para trazer a filha de 10 anos, que chegou do Haiti somente em julho de 2018. Ele não descarta a hipótese de voltar para o Haiti ou ir em direção a qualquer outro país que ofereça oportunidades melhores que o Brasil, conforme fizeram seus amigos, mas afirma que não deve mais se separar da esposa ou da filha, sob nenhuma condição.

11 – *Willy Pierre (37 anos)*

Conhecemo-nos em 2014, quando Willy começou a frequentar as aulas de português. Desde então, sempre mantivemos contato via redes sociais e ele se colocou inteiramente à disposição em colaborar com a pesquisa. Fui recebida com muito orgulho em sua casa, onde me apresentou sua esposa Maydaline e sua filhinha de 2 anos, Micheline. Willy é natural de Jacmel, mas viveu a maior parte do tempo em Porto Príncipe, por causa dos estudos. Morava na capital com uma tia comerciante, na região de Petion Ville, e até a época do terremoto nunca tinha trabalhado, dedicando-se somente aos estudos. Estava iniciando o curso técnico a nível superior em eletroeletrônica quando, por causa do terremoto que destruiu a escola em que estudava, decidiu voltar para casa e trabalhar com a família, como produtor rural. Em pouco tempo seguiu para a República Dominicana, onde trabalhava como vendedor de frutas. De lá, seguiu para o Equador no início de 2014, onde fez seu visto para o Brasil, chegando em Brusque em abril do mesmo ano, através do contato com Johny Siffard. Willy fala que desejava estudar, mas desde o nascimento da filha pensa em melhores condições para ela, por isso vem pesquisando uma oportunidade de financiar um imóvel próprio. Apesar de gostar muito do Brasil e da qualidade de vida na cidade de Brusque, ele se choca com o desrespeito sofrido pelos haitianos seja através do racismo ou da invisibilidade, além da exploração extrema no trabalho, e acredita que a fé é a maior aliada dos haitianos que vivem na migração.

12 – Jennifer Siffard (14 anos)

Conheci Jennifer através de seu pai Johny e ela, imediatamente, se interessou pela minha pesquisa. Jennifer nasceu em Limbé e desde cedo se acostumou a conviver com a ausência

Mapa 7: Localização de Limbé

Fonte: https://www.nationsonline.org/oneworld/map/haiti_map.htm com edição da autora

do pai, que trabalhava na República Dominicana. Embora lembre com carinho do Haiti, a expectativa de viver com a família reunida no Brasil era uma das maiores de sua vida. Ela veio, com a mãe e a irmã mais nova, ao encontro do pai em Brusque, em

dezembro de 2016 e fala da tristeza de ter estado separada dos outros dois irmãos que ficaram no Haiti, reunindo-se à família somente no início de 2018.

Jennifer revela sentir-se mais segura no Brasil, levando uma vida mais confortável e agora junto a toda família. Mesmo afirmando manter pouco contato com brasileiros, mesmo na escola onde cursa o oitavo ano, Jennifer sente-se bastante esperançosa com o fato de perceber que é possível trabalhar sem precisar sair do país.

Uma das coisas que todos os colaboradores haitianos carregam em comum é a religião evangélica, além de um reconhecido desconhecimento sobre o Brasil. Todos afirmam que a única coisa que sabiam sobre o país, antes da migração, era o futebol.

Durante os anos de contato, muitas conversas, chegadas e despedidas, a hospitalidade e a fé foram os traços mais marcantes no convívio com essas pessoas com quem eu tive, e sigo tendo, a oportunidade de aprender.

Mapa 8: Trajetória secundária dos colaboradores: Haiti - (escala Panamá) – Brasil (São Paulo)
 Fonte: <https://raullarios.wordpress.com/2012/05/01/want-to-do-business-in-latin-america/latin-america-3/>

Mapa 9: Principal Trajetória dos colaboradores: República Dominicana – (escala Panamá) – Equador – Brasil (São Paulo)
 Fonte: <https://raullarios.wordpress.com/2012/05/01/want-to-do-business-in-latin-america/latin-america-3/>

1.3 Reconhecer-se no outro, uma questão de classe social

Quando as revoluções dos séculos XVIII e XIX varreram o continente europeu, tinham a pretensão primordial de mudar os rumos do poder na Europa; entretanto não se antevia os resultados que se dariam para além dali.

A ascensão de novos regimes políticos, a redefinição de fronteiras, o assentimento de uma nova forma de produção, afetavam inevitavelmente o cotidiano de toda a população europeia.

O avanço de um novo sistema econômico promoveu mudanças determinantes nas formas de consumo e organização social trazendo novas prioridades, nem sempre compartilhadas pela coletividade, e promovendo o surgimento de um *refugo social*; ou seja – conforme Bauman – seres humanos “excessivos” e “redundantes”, produtos o avanço da modernidade (BAUMAN, 2005, p.12).

É um inescapável efeito colateral da *construção da ordem* (cada ordem define algumas parcelas da população como “deslocadas”, “inaptas” ou “indesejáveis”) e do *progresso econômico* (que não pode ocorrer sem degradar e desvalorizar os modos anteriormente efetivos de “ganhar a vida” e que, portanto, não consegue senão privar seus praticantes dos meios de subsistência).

Nesse contexto, a América se destaca como espaço receptor para as hordas de migrantes europeus. Sob a perspectiva da modernidade, o atraso do “novo” continente, fazia dele um destino natural para as “pessoas redundantes”, um despejo do refugo humano da modernização.

O Brasil, por seu lado, vivia seu próprio ajustamento com a modernidade. Abrir frentes colonizadoras a fim de tornar-se destinatário da imigração europeia do século XIX, despejo da redundância da modernidade da Europa, convertia-se em opção interessante para um país que precisava demarcar fronteiras e estabelecer comunicação entre elas; viabilizar a ascensão de uma economia – ainda que subserviente – fundada na mão de obra livre, para a geração de um mercado consumidor; e, não menos importante, para garantir o branqueamento de uma nação prestes a vivenciar a abolição da mão de obra escrava, fruto de mais de 300 anos de tráfico humano proveniente do continente africano.

Naquele contexto histórico, várias colônias foram fundadas pelo país afora. Esse é o caso da cidade de Brusque que, como tantas outras cidades do sul do Brasil, foi fundada por imigrantes alemães na segunda metade do século XIX.

Criada por iniciativa governamental, a colônia foi oficialmente estabelecida em agosto de 1860, quando da chegada de seu primeiro diretor – o barão austríaco Maximilan

Von Schneeberg – na companhia de 56 imigrantes provenientes de Baden, na Alemanha (então desorganizada pelas guerras de unificação e pelo temor da aristocracia fundiária de que os ideais da Revolução Francesa contaminassem o campesinato). Esses imigrantes, bem como os milhares que os sucederam pelo mesmo caminho durante algumas décadas, foram removidos de suas terras por se negarem à proletarização, fugindo de uma realidade rural firmada nas reminiscências das onerosas e opressivas cargas feudais (SEYFERTH, 1974).

Muito embora Brusque fosse uma colônia de iniciativa governamental, uma vez estabelecidos, os imigrantes alemães conservavam uma posição de supremacia. Tendo recebido imigrantes ingleses, franceses, irlandeses, poloneses e um enorme número de italianos, os cargos administrativos – mesmo sendo nomeados pelo Estado – vinham sendo designados a representantes germânicos, o que lhe assegurou o perfil de uma colônia privada.

Os imigrantes não alemães, que resistiram às adversidades coloniais, acabaram por ocupar espaços subalternos quando da ascensão da colônia a município. Com perfil industrial, a cidade crescia com lugares marcados: a escola alemã, o jornal alemão, as fiações e tecelagens alemãs. Aos moradores de outras origens cabia o lugar de trabalhador rural ou de prestador de serviços menos especializados.

A partir do crescimento econômico decorrente do fim da Segunda Guerra Mundial, os descendentes desses imigrantes, criados em lugar subalterno, passaram a integrar o corpo de trabalho da fábrica. A “ascensão” ao operariado traz uma nova sensação, uma espécie de reparação: a participação efetiva na cidade e a assimilação dos valores que a compõem. O passar das décadas trouxe para os netos desses imigrantes de outrora a impressão de ter havido a integração deles a uma realidade, da qual seus antepassados não teriam sido meros espectadores.

Os filhos desses antigos colonos puderam ser incorporados no serviço fabril, garantindo daí o ingresso de seus descendentes na escola alemã. Estes, por sua vez, tornaram-se os empreendedores dos fins do século XX, tempos em que casamentos entre sobrenomes de origens diferentes deixaram de ser passíveis de escárnio social, fase de maior desenvolvimento urbano brusquense.

A cidade iniciou o século XXI no auge de sua prosperidade: a indústria progredindo, com forte expansão do setor metal-mecânico, ao lado da tradicional indústria têxtil. Brusque figura entre os quinze maiores IDHs (Índices de Desenvolvimento

Humano) do Brasil e aparece como segunda melhor qualidade de vida do país, com condição de pleno emprego e surgimento de novas vagas; a solução para suprir a necessidade não é nova: mão-de-obra migrante.

Empresários e políticos locais investem esforços para buscar trabalhadores das regiões norte e nordeste do Brasil, em sua maioria homens com mais de 18 anos, ajudando a promover um crescimento de mais de 60% da população² em menos de duas décadas: em 2015 53% dos moradores não eram nascidos em Brusque.

Em ônibus fretados, centenas de migrantes chegavam semanalmente e eram abandonados nos bairros da periferia da cidade. A imagem, tão comum à realidade das metrópoles, causava indignação e desconforto aos brusquenses, mas de forma alguma resultou em algum gesto de solidariedade e acolhimento aos recém-chegados.

Em novembro de 2013, logo após o auge da chegada dos migrantes, a indignação e desconforto tomaram rumos inusitados, levando a cidade aos portais de notícias nacionais, com um aviso bastante controvertido.

Distribuído pelo comércio e residências locais, além do compartilhamento via redes sociais, o “Aviso aos Baianos³” tornou-se uma carta apócrifa capaz de suscitar amor

² De acordo com dados do IBGE a população da cidade de Brusque no ano de 2000 era 76.058 habitantes, saltando para 125.810 habitantes em 2016.

³ Nossa Brusque deixou de ser uma cidade boa para viver, nos últimos 5 anos foi invadida por imigrantes de outros estados, principalmente da Bahia das cidades de Itabuna, Ilhéus, Buerarema, etc.

Sabemos que todos tem o direito de ir em busca de uma vida melhor, mas sabemos também que quem chega numa nova cidade, deve respeitar os costumes e estilo de vida do povo local. Os mais sensatos respeitam e são bem sucedidos em tudo, podem estudar, fazer curso técnico no SENAI e conseguem empregos bons, agindo assim, conquistam amizades, afinal, **TODOS PRECISAM DE AMIGOS.**

Infelizmente junto com os bons vem também os ruins (não civilizados, ignorantes mesmo), que são a maioria e estão incomodando a vida dos moradores locais fazendo um INFERNO como: Ouvir música em alto volume, tanto nos carros como em casa mesmo em qualquer hora, falam muito alto e os vizinhos são obrigados a suportarem isso, se alguém reclama eles ficam bravos, se alguém chama a polícia, ao verem a viatura da PM baixam o som e se comportam como gente civilizada, mas quando a PM vai embora, voltam a fazer bagunça.

Brusque é uma cidade de povo ordeiro, trabalhador e honesto e **NÃO MERECEMOS ISSO.** Em muitos casos que foram registrados BO (boletim de ocorrência) não deu em nada, então vamos fazer justiça como nossas mãos, **ESTAMOS CANSADOS E REVOLTADOS.**

Desde o mês de março deste ano formamos um grupo com 28 pessoas, somos cidadãos trabalhadores, honestos e honrados, estamos bem preparados, resolvemos dar um **BASTA** nessa situação nosso grupo é discreto e bem estruturado. Estamos publicando este **AVISO** para depois não reclamarem do pior que vai acontecer, estamos dando uma chance de mudarem de comportamento.

Moro em Águas Claras há 26 anos, tenho filhos que moram em outros bairros e também estão sofrendo. Não vamos nos mudar por causa desses desordeiros.

Fizemos um levantamento nos bairros: Águas Claras, Azambuja, Santa Terezinha, Nova Brasília, 1º de maio, Bateias e Steffen, constatamos que é absurdo, inaceitável o que acontece nos bairros, além do barulho, até trafegam na contramão com carros e motos em alta velocidade e alguns com a descarga aberta (sem silencioso), na Bateia por exemplo teve várias discussões por **PERTURBAÇÃO DO SOSSEGO ALHEIO** entre o vizinho local e baiano e os baianos se juntaram para agredir o que estava certo.

No Azambuja uma senhora de 62 anos tem que tomar remédio pra dormir e calmante durante o dia.

e ódio entre os moradores de Brusque e região, e virou caso de polícia insolúvel, justificado pela velocidade de compartilhamentos da internet.

Em nota sobre o ocorrido, emitida em novembro de 2013, o Ten.Cel. da Polícia Militar de Brusque apontou a importância do direito à liberdade de expressão como ingrediente essencial na manutenção do Estado Democrático de Direito. Entretanto, ressaltou que “a liberdade de expressão não é absoluta, podendo decair quando colidir com outros direitos fundamentais” assinalando os casos de discriminação racial, “em que a liberdade de expressão não justifica o desrespeito aos princípios da igualdade e da dignidade humana”⁴.

A polêmica – que coincide com a chegada dos primeiros imigrantes haitianos em Brusque – levantou a discussão acerca da incapacidade local em utilizar o “retrovisor da história”, embaçado pelo fato da população viver incrustada em uma das regiões mais brancas do país, desdenhando a lembrança de seus antepassados que aqui chegaram na condição de “indesejados” pela nova ordem europeia (FRAGA, 2017).

Como já citado, os migrantes evidenciam o funcionamento das sociedades onde se inserem; devido a sua condição estigmatizada eles tornam visíveis os pontos de exclusão social. Muito embora as migrações façam parte da formação das cidades, um migrante é a personificação do intruso: “dessa situação surge o questionamento sobre quem pode e deve ser reconhecido como de fora”, quando os centros urbanos passam a ser marcados pelas

No Steffen teve também discussão por PERTURBAÇÃO DO SOSSEGO ALHEIO e os baianos armados com faca quiseram ter razão, e disseram o seguinte: “Essa rua é nossa é nós que manda aqui e pronto, os incomodados que vão embora, pagamos aluguel e podemos fazer o que quiser a qualquer hora”.

Durante esses 8 meses de levantamento, já temos as placas dos carros que são 34, e motos são 22, temos também a foto desses desordeiros.

Fiquei feliz ao comentar com 2 policiais sobre essa carta (antes de ser publicada) para saber a opinião deles e os 2 disseram assim: “finalmente acordaram, é bom mesmo que alguém faça alguma coisa para acabar com esse alienígenas porque 90% dos casos envolvem baianos. Não diga à ninguém nosso nome” – eu disse tudo bem.

BAIANOS, vocês conseguiram deixar o povo revoltado, TOMEM CUIDADO e tratem de mudar de comportamento URGENTE. VAMOS ELIMINAR VOCÊS, ISSO MESMO, VAMOS MATAR OS RUINS e acabar com essas pragas.

Nosso grupo, composto por 28 cidadãos, onde 11 estão ansiosos pra começar a matança, nem queríamos publicar esse aviso, porém, a maioria decidiu avisar antes.

Nossa Brusque será de novo uma cidade boa para viver, CUSTE O QUE CUSTAR. (A TARDE. Carta ameaça migrantes baianos em cidade de Santa Catarina. Disponível em: <<http://atarde.uol.com.br/brasil/noticias/1546974-carta-ameaca-migrantes-baianos-em-cidade-de-santa-catarina>>. Acesso em: 01 de jul. 2017.)

⁴ “O racismo é antes de tudo uma realidade social e política, sem nenhuma referência à raça enquanto caracterização física ou biológica, refletindo, na verdade, reprovável comportamento que decorre da convicção de que há hierarquia entre os grupos humanos, suficiente para justificar atos de segregação, inferiorização e até de eliminação de pessoas.” (BERNARDES, Anderson. PM emite nota oficial e trabalha para identificar autores do “Aviso para os baianos” em Brusque. Disponível em: <<https://ndonline.com.br/vale/noticias/pm-emite-nota-oficial-e-trabalha-para-identificar-autores-ldquo-aviso-aos-baianos-rdquo-em-brusque>> Acesso em: 01 de jul.2017).

diferenças, como lugares onde o discurso dominante torna o fenômeno da imigração em problema (IOKOI, 2008).

“A história local não é uma história de protagonistas, mas de coadjuvantes” (MARTINS, 2002, p.13); dessa forma, a vida fora dos centros de grandes acontecimentos parece acontecer à margem, a despeito da História. Assim, as narrações históricas se veem enredadas em descrever os primeiros: o primeiro a chegar, o primeiro a governar, o primeiro a nascer, o primeiro a morrer... o primeiro a fazer qualquer coisa já ocorrida em outro lugar: “o inaugurador que inaugura o já inaugurado” (MARTINS, 2002, p.14). Tudo isso como forma de assentir com uma formatação social baseada em uma ideologia de dominação e desigualdade, onde alguns fazem história, mas não todos.

Os “donos”, os primeiros da história, rotulam os demais grupos como *outsiders*, empurrados pelo grupo estabelecido a reproduzir características que nem sempre conservavam, mas que, de alguma forma, aceitam reiterar como uma via de inserção na vida social de onde se encontram.

Norbert Elias (2000, p.24) afirma que “afixar o rótulo de “valor humano inferior” a outro grupo é uma das armas usadas pelos grupos superiores nas disputas de poder, como meio de manter sua superioridade social”, estabelecendo um jogo baseado no narcisismo de um grupo que produz, tal qual na casa dos espelhos, imagens que – mesmo distorcidas – acabam por determinar o lugar social de seu grupo interlocutor.

O narcisismo, justificado inicialmente como uma parte importante do instinto humano de conservação, exacerba-se no exercício da primazia de um grupo, produzindo fascínio, dominação e sofrimento entre os sujeitos que, pela condição de deslocamento social a qual estão submetidos, acabam destituídos da dimensão plena de seu próprio orgulho.

Da negação do outro, como forma de coesão dos que se pretendem semelhantes, à recusa de sua própria fragilidade na coexistência social, a “carta de Brusque” – como ficou conhecida nos meios de comunicação – expõe a vulnerabilidade de sujeitos expostos a um contexto histórico onde o outro existe para garantir o poder de um grupo privilegiado, em detrimento da constituição de relações sociais baseadas na alteridade.

A chegada dos imigrantes haitianos à cidade, em meio à ascensão pronunciada desse sentimento nacionalista e xenofóbico, revela as relações sociais travadas a partir da lógica do mercado que, assim como seus produtos, equiparam os seres humanos sem suprimir as diferenças históricas que os coloca em um lugar social diverso.

A ascensão do mercado como regulador sócio-econômico, na contramão de democratizar as relações sociais – como, em tese, se justifica – contraditoriamente recria e reforça os formatos tradicionais de exclusão, através da fetichização da mercadoria e do consumo, destruindo antigas relações servis, mas também visando romper com vínculos comunitários tradicionais, transformando o homem em mercadoria frente ao processo produtivo, promovendo e aprofundando os desencontros em meio à diversidade de tempos sociais que coabitam o mesmo tempo histórico.

O estranho, diferentemente do *outro* – que pode assimilar e ser assimilado – é a representação do desencontro. É a personificação da resistência, da persistente aparência de perdedor e derrotado. Ele faz parte de populações que historicamente vivem o impacto da invasão de seus territórios, desmantelamento de suas tribos, o confinamento, a expulsão. Viram suas relações sociais destruídas; sua cultura com seus valores e regras criminalizados; preenchendo enquanto vítima o lugar que deveria ser de sua cidadania, com a destruição de saberes que podem representar uma alternativa para desumanização acelerada em que vive a sociedade (MARTINS, 1993).

2. AS MIGRAÇÕES NO TEMPO PRESENTE: A QUESTÃO DOS HAITIANOS – SIGNIFICADO E SIGNIFICANTE

*Eu prefiro ser engolido por um tubarão
Em vez de ser embrulhado e sepultado
Por uma nuvem de poeira
Eu prefiro encontrar a morte ao buscar a estrada da vida
Em vez de esperar parado que ela vem me cegar assim
De olhos fechados*

(Kilè n ap di ase? – Wooly Saint-Louis Jean)

Joseph Guerlin assim vê e sente seu país:

(“) O Haiti é um país da América Latina que teve a primeira independência, a primeira nação negra a ser independente. Mas a história dele é muito longa, e o Haiti sempre ficou atrás, porque ele conquistou a independência, mas não fez nada com ela. (“)

Porque o primeiro país da América Latina a ficar independente, o primeiro país negro a se tornar independente deveria ter as mesmas oportunidades que os outros países independentes tiveram, e nós haitianos ajudamos muitos países a terem sua independência.

O Haiti é um país bonito, é um país com muitas praias e um país que não teve muita oportunidade, pois é muito atrasado do lado tecnológico.

Mas o povo haitiano é um povo muito inteligente, nós somos muito inteligentes. Porque aprendemos muitos idiomas em todos os países que chegamos, por exemplo: se o haitiano chega aqui e ele diz que vai aprender uma coisa, ele vai aprender. Ele vai aprender rapidinho. O haitiano, meu Deus, ele aprende muita coisa! Só não vai aprender se realmente não quiser.

Mas o Haiti também é um país muito bom, só que depois do terremoto a gente teve muita coisa perdida.

Só quando eu cheguei aqui fiquei sabendo que, uma coisa que eu digo sempre para os brasileiros, quando eu morava na República Dominicana eu ganhava mais. Porque lá eu trabalhava como pedreiro e quando eu cheguei aqui, eu pensava que ia ganhar melhor. E aí não era!

Então a gente chega aqui, tá preso, não pode voltar atrás. Aí tem que ficar! Porque se volta, vai ter que começar tudo de novo e tudo o que você tinha, e precisou vender e

gastar pra vir e procurar uma vida melhor, que não é. Mas já que a gente tá aqui tem que ficar. A vida é assim!

Porque pra chegar aqui, a gente também passou pelo Equador: eu fiquei perto de três meses no Equador. E aí depois do Equador eu cheguei em Brusque.

De Brusque, depois de um tempo, eu fui pro Chile e logo comecei a trabalhar, mas por causa do frio eu não fiquei. Aí eu voltei.

Até hoje, Brusque é uma cidade que eu gosto muito. Na verdade aqui é muito tranquilo, porque eu vejo que muita coisa que está se passando no Brasil, e em Brusque praticamente a gente não vê isso. Hoje eu penso que pra eu ficar no Brasil, se não for em Brusque, é melhor ir embora do país.

Eu gosto do povo daqui, mas quando eu cheguei fiquei muito decepcionado com o preconceito. Eu entendo que o preconceito existe em todo lugar, até no Haiti o haitiano é capaz de ter preconceito de gente com sua própria cabeça. Mas ninguém nasce com preconceito, a gente tem preconceito porque quer. Eu posso escolher ter preconceito de você, ou não.

Eu nasci em Cabo Haitiano, a segunda maior cidade do Haiti, em 1940 ela era a capital do Haiti, quando tinha a ocupação norte-americana. Hoje eu não sei quantos habitantes tem, só sei que a cidade mudou muito desde que eu saí de lá, em 2002. Minha cidade é muito visitada por causa do Citadelle, que foi construído por Henri Cristophe e é um patrimônio mundial.

O Haiti tem uma história muito bonita, mas ter sido o primeiro país negro a ter independência, não valeu nada, porque o haitiano passa muita miséria, muita dificuldade. Essa condição miserável que passamos hoje em dia, não deveria passar. Mas estamos passando.

Porque, também, nós ajudamos muitíssimos países a ter sua independência e hoje em dia somos maltratados por eles.

Para os haitianos, ter sua independência significaria estar livre, você deveria poder conquistar qualquer coisa que você queira. E a história mostra pra gente que somos o país mais miserável, o que não está certo. Porque até hoje ajudamos os países a serem independentes a se manterem independentes.

Se a história servisse para alguma coisa nós deveríamos poder entrar nos países sem precisar de visto, de tanta burocracia, porque nós fomos a primeira independência da

América Latina e também ajudamos muitos outros países em suas independências e na sua economia. Se a história valesse alguma coisa nós seríamos respeitados.

É assim: o Haiti é um país com uma história muito linda, mas pra gente isso não resolve nada. Pois pouco adiantou a revolução e a independência, porque a nossa independência não vale nada!

Mas nem o haitiano consegue pensar com a mesma cabeça – esse é o problema do Haiti – um e outro não consegue pensar junto. Porque eu penso uma coisa você pensa outra, mas nós podemos compartilhar esse pensamento e fazer uma coisa só. Não precisamos pensar igual mas podemos compartilhar as nossas ideias, mas lá no Haiti enquanto um constrói, outro destrói. Para mim o Haiti nunca vai para frente enquanto for assim.

O Haiti é um país com muito dinheiro, só que esse dinheiro não caminha. Se você tem dinheiro para abrir sua própria empresa, seu próprio negócio, quem vai trabalhar para você é sua família: são seus primos, seus irmãos, seus parentes, então o dinheiro não circula.

Porque, na verdade quem ganha muito dinheiro no Haiti, tem envolvimento com partido político, se você não está com envolvimento político quase não vai ganhar nada. Tem gente bem de vida também da iniciativa privada, mas quem é rico, rico mesmo, tem algum envolvimento político.

E também tem gente que tem algum dinheiro, mas não tem aparência, não que seja milionário, mas quem tem um pouco mais de dinheiro corre risco. Muitas cidades, como Porto Príncipe, são muito violentas e as pessoas podem te matar por causa do dinheiro.

Eu deixei o Haiti em 2002 e fui viver na República Dominicana, mas eu tenho também vários parentes vivendo fora. Tenho parentes nos Estados Unidos, tenho parentes na República Dominicana, tenho primos em Nassau (nas Bahamas), porque o haitiano viaja muito, o haitiano arrisca, é um povo que se arrisca muito.

Tenho também conhecidos em Turk & Caicos, Providenciales, eu mesmo perdi muito dinheiro tentando ir pra essa ilha, mas nem consegui entrar. Nós vamos ilegalmente, aí começamos a trabalhar para poder pagar um documento, mas eu nem consegui entrar, porque fui preso e deportado.

O Johnny também foi para lá, só que ele conseguiu ficar por lá perto de um ano, até ser deportado também.

O Eddy Meronvil, que você conheceu aqui em Brusque, foi embora para lá. Já está lá há quase dois anos e ainda está sem documento, porque o governo deles está dificultando o visto. Mas lá tem muito, muito haitiano.

Muito haitiano vai embora para trabalhar lá, porque lá a gente ganha em dólar. E aí é bom porque mês passado eu precisava mandar cem dólares para a escola do meu filho e para eu poder juntar cem dólares eu tive que pagar quatrocentos e setenta reais. Quatrocentos e setenta reais para eu pagar só cem dólares é muito dinheiro, é muito puxado.

O Eddy foi embora daqui para viver lá. Ele saiu de Brusque para o Haiti, e do Haiti ele foi para Providenciales. Mas tem sempre aquela preocupação porque ele está sem documento, ainda, e tem sempre deportação.

Quando eu fui, em 2003, nem cheguei a entrar na ilha, porque a polícia me pegou quando eu ainda estava no mar. A gente estava no barco e a polícia abordou a gente, porque é assim: a gente se arrisca, haitiano não tem medo de morrer.

O Haiti não é longe de lá, de avião a viagem dura coisa de 45 minutos, de barco a viagem fica um pouco maior, ela pode durar até dois dias. Dois dias não é muito, é pertinho; só é perigoso porque se o mar ficar forte ele pode desequilibrar o barco e aí o barco pode virar. Se não tiver isso a viagem é legal.

A gente se arrisca, pode acontecer do barco virar e tem gente que morre assim, tentando chegar lá. Mas é assim para a gente vir para o Brasil também, a gente não sabe nada, a gente não conhece ninguém, a gente não sabe o que vai acontecer, a gente também está correndo risco.

É um risco, também, sem família. Porque quando eu cheguei no Brasil eu não sabia onde eu ia cair, é um risco também, é igual. Só a gente tá procurando uma vida melhor, é um risco.

Só que lá nós nem chegamos, porque a gente estava no mar e a polícia prendeu. A gente não chegou e era muita gente. E aí quando a polícia prende, eles mandam de volta, o haitiano é deportado.

Mas para mim o Brasil é um país que eu gosto, sim. Eu estou bem, eu estou trabalhando, só estou com saudade do meu filho, ele vai fazer 10 anos no ano que vem e ele está com a minha mãe.

Eu também não sei se devo trazer ele para o Brasil. Porque eu não sei o que vai acontecer amanhã no país, com esse novo governo que vem aí, então eu fico com dúvida.

Mas vai fazer cinco anos que não vejo ele, desde que eu vim para o Brasil, em 2014, não vi mais ele.

Pelo menos agora eu posso falar com ele pela internet, porque quando eu vim morar aqui um minuto de ligação para o Haiti custava de dez a doze reais. Quando eu cheguei aqui precisava comprar um chip para ligar para lá e aí quando a gente acabava a ligação o chip bloqueava. Não sei se hoje em dia ainda acontece isso porque agora a gente quase não liga a gente só se conversa pela internet a gente liga pela internet.

Lá no Haiti eu ainda tenho a minha mãe, minhas irmãs, o irmão e alguns primos. Eu tenho um outro irmão que agora vive no Chile e eu estou aqui no Brasil, nós somos em seis irmãos. Meu outro irmão viveu um tempo nos Estados Unidos, mas hoje em dia ele está lá no Haiti, ele voltou.

Em 2017, com a crise que deu no Brasil, muito haitiano foi embora. Muito haitiano foi para o Chile, para o Equador, para os Estados Unidos e muitos também voltaram para o Haiti.

Porque quando a gente sai do Haiti o nosso objetivo é ter uma vida melhor, é viver melhor. Porque lá, daquele jeito a gente, não pensa nada, a gente sai pensando no futuro.

Quando eu estava na República Dominicana eu achava que se eu viesse para o Brasil ia ser melhor, aí a gente tem um amigo que está no Brasil, ou um amigo do amigo que está aqui e fala que tem trabalho, que está sendo bom e a gente vem, a gente vem para ver como é que é.

Se eu soubesse, na verdade, como era o Brasil eu não tinha vindo. Porque a moeda não é igual: a gente trabalha, a gente ganha, mas a moeda não é igual e custa muito para converter.

Na República Dominicana eu ganhava mais, eu estava perto do meu país, eu podia visitar a minha família com mais frequência, eu trabalhava quatro meses e ia visitar minha família, aqui eu já trabalho 4 anos e não tenho como visitar.

Por isso que eu digo que a gente está preso. Por que como é que a gente volta? se a gente voltar vai ter que vender tudo? Vai ter que gastar tudo e começar tudo do zero de novo. Então já que estamos aqui, tem que ficar. Para o que a gente faz tem que ter coragem e pensar no futuro.

Quando eu fui para o Chile e voltei, o patrão que eu tinha aqui me ofereceu emprego de novo, e eu disse: não, espera aí que eu preciso pensar. Porque eu voltei pensando que tinha que entrar em um emprego que fosse como uma escada, que eu tivesse

um degrau, depois o outro, depois o outro, e não ficar no emprego em que eu fosse sempre fazer a mesma coisa... você sempre faz uma coisa só, e era o que ia ser se eu voltasse a trabalhar para o meu antigo patrão. Eles não tinham nada a mais para me oferecer.

E assim se eu tiver uma oportunidade melhor fora do Brasil eu saio, eu vou embora, o haitiano é assim. Não é que eu não gosto do Brasil, eu gosto do Brasil, eu vivo numa cidade boa, numa cidade tranquila, que eu posso ir e voltar do trabalho sossegado, mas se eu soubesse que o Brasil era assim eu tinha ficado lá.

Porque a gente tem que pagar aluguel, a gente tem que mandar dinheiro para manter a família lá, e quem ganha em torno de mil reais? E se acontece alguma coisa, se tem alguma emergência, vai fazer o quê? Pedir emprestado não dá. A gente trabalha, a gente ganha e não sobra nada, e eu não acho isso certo. A gente precisa deixar alguma coisa guardada.

Então é isso, se eu soubesse como era, quanto eu ia ganhar eu tinha ficado lá porque lá eu ganhava mais e estava perto do meu país.

Mapa 10: Haiti - Turks & Caicos, 311 km de distância

Fonte: <https://www.worldatlas.com/webimage/countrys/namerica/caribb/tc.htm>

Figura 1. Casamento do Joseph e Elisena - Janeiro de 2019
Foto: Marcos Vinicius Vale

Figura 2. Casamento do Joseph e Elisena - Janeiro de 2019
Foto: Marcos Vinicius Vale

Figura 3. Casamento do Joseph e Elisena - Janeiro de 2019
Foto: Marcos Vinicius Vale

Figura 4. Casamento do Joseph e Elisena - Janeiro de 2019
Foto: Marcos Vinicius Vale

Figura 5. Casamento do Joseph e Elisena - Janeiro de 2019
Foto: Marcos Vinicius Vale

Joseph Guerlin, chegou ao Brasil em março de 2014, depois de uma jornada iniciada em novembro de 2013, por uma rota que compreendeu República Dominicana, Panamá e Equador.

Seu primeiro objetivo era fixar-se em Quito, mas depois de encontrar seu amigo de infância Johnny Siffard e saber mais informações das oportunidades concedidas aos haitianos, pelo governo brasileiro⁵, a estadia na capital do Equador acabou tendo o objetivo de reunir dinheiro para a compra de passagem para São Paulo e esperar o prazo de liberação do visto para o Brasil.

Nascido na cidade de Cabo Haitiano – 206 km ao norte de Porto Príncipe e segunda maior cidade do país, com mais de 270 mil habitantes –, em 04 de setembro de 1979, Joseph tem o ensino médio completo e é pedreiro por ofício, profissão aprendida em sua cidade natal.

Trabalhando desde 2001 fora do Haiti, Joseph vem de uma família de migrantes, onde irmãos, tios e primos já viveram, ou ainda vivem fora do país. Um *diaspora*, como são chamados; ele já viveu na República Dominicana, Equador e Chile, além de já ter sido deportado das Ilhas Turcas e Caicos.

Desde que nos conhecemos, em julho de 2014, Joseph sempre fala com muito orgulho de seu país, de sua língua materna – o *creóle* – “uma arma importante da revolução”⁶ e da coragem de seu povo.

Demonstra uma extrema preocupação com a formação e educação de seu filho, além da saudade do menino, que ficou sob sua total responsabilidade depois de ter sido deixado pela mãe.

Ao reconhecer que o Brasil lhe era totalmente desconhecido, Joseph explica que a bravura haitiana vem de sua linda história não reconhecida e do pensamento no futuro que,

⁵ MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO, Resolução Normativa nº 97, de 12 de janeiro de 2012: O Conselho Nacional de Imigração, instituído pela Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980 e organizado pela Lei nº 10.683, de 28 de maio de 2003, no uso das atribuições que lhe confere o Decreto nº 840, de 22 de junho de 1993. Resolve: **Art. 1º** Ao nacional do Haiti poderá ser concedido o visto permanente previsto no art. 16 da Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980, por razões humanitárias, condicionado ao prazo de 5 (cinco) anos, nos termos do art. 18 da mesma Lei, circunstância que constará da Cédula de Identidade do Estrangeiro. **Parágrafo único.** Consideram-se razões humanitárias, para efeito desta Resolução Normativa, aquelas resultantes do agravamento das condições de vida da população haitiana em decorrência do terremoto ocorrido naquele país em 12 de janeiro de 2010.

⁶ Informalmente, Joseph fazia alusão ao fato do *creóle* ser um idioma falado entre os negros escravizados no Haiti, uma compilação de diversos dialetos africanos que conviviam na região, e completamente desconhecido dos senhores de escravos e autoridades francesas, por isso tornou-se o maior veículo de transmissão dos ideais da Revolução Haitiana pela ilha, sem qualquer interferência ou desconfiança dos brancos que ali habitavam.

mesmo incerto, faz com que ele e milhares de seus compatriotas não tenham medo de se arriscar.

Muito pouco poderá ser compreendido acerca do *ser haitiano* na contemporaneidade, se não levarmos em consideração o papel da Revolução Haitiana e da imigração na composição do *éthos* do povo do Haiti.

Circunscritos no orgulho e nas dores de nossos colaboradores, esses dois elementos não só estão presentes em suas entrevistas, como fazem parte da fala de muitos outros interlocutores que pudemos conhecer, desde a fase embrionária desta pesquisa, ainda em 2013.

Analisar essas características tão marcantes na constituição da sociedade daquele país torna-se fundamental na interpretação da presença haitiana em solo brasileiro, além de imprescindível na formação de um conhecimento que se constitua para além dos discursos e das representações desse povo – forjados a partir da presença estrangeira no Haiti e difundidos pelos grandes veículos midiáticos.

Essas representações, há muito disseminadas por todo o mundo, antecedem à própria presença haitiana e informam – muito mais que uma materialidade vivida por esses sujeitos - sobre as relações de poder ali estabelecidas, engessando o povo haitiano em uma identidade hierarquizada e excludente, onde “o haitiano não é apenas o oposto, não está apenas do outro lado, pura e simplesmente: ele nunca foi. Sempre inferiorizado, estigmatizado, satanizado, bestializado, permanece à margem da civilização” (VASCONCELOS, 2010, p.36).

Portanto, prosseguindo com as considerações expostas acima, vamos compreender a migração como uma característica haitiana historicamente constituída. Conforme Handerson, 2015: “desde a fundação do Haiti como colônia, a mobilidade – mesmo tendo sido forçada – esteve presente com a vinda dos milhares de escravizados africanos através do comércio transatlântico” (p.67), introduzido na ilha de *Hispaniola*⁷, em 1517, por

⁷ Cristóvão Colombo chegou à ilha em 1492, em busca do ouro existente nas montanhas, chamadas pelos nativos Aruaques como *Ayti* (terra montanhosa), onde ergueu a primeira fortificação europeia no continente americano, o forte *La Navidad* (na costa norte do atual Haiti) e, em seguida, o primeiro assentamento europeu permanente *La Isabela* (mais a leste, onde hoje é a República Dominicana). Após a destruição de *Isabela* por um furacão, foi erguida *São Domingo*. Enquanto a Espanha conquistou novas regiões no continente, o seu interesse na ilha diminuiu, e a população da colônia cresceu lentamente. No início do século XVII, as ilhas vizinhas e menores (sobretudo a Ilha de Tortuga) tornaram-se um reduto de piratas franceses, holandeses e ingleses que navegavam pela região. Em 1606, a coroa espanhola ordenou que todos os habitantes da ilha fossem transferidos para São Domingo, para evitar a interação com os piratas, o que favoreceu a ocupação do restante da ilha, sendo a colonização francesa oficialmente reconhecida em 1667, através do Tratado de

sugestão do frei Bartolomé de Las Casas, como forma de impedir a escravização de nativos na então colônia espanhola.

Las Casas, um padre dominicano dotado de consciência, viajou para a Espanha pra pleitear a abolição da escravatura de nativos. Mas, sem a coerção desses indígenas, como poderia a colônia existir? (...) O Governo espanhol concordou. Aboliu os *repartimientos*, ou trabalho forçado, por direito, enquanto os seus agentes na colônia os mantinham de fato. Las Casas, assombrado pela possibilidade de ver, diante de si, a total destruição da população no período de tempo de uma geração, recorreu ao expediente de importar os negros mais robustos da populosa África. (...) Assim, o padre e o Rei iniciaram, no mundo, o comércio americano de negros e a escravidão (JAMES. 2010, p.19-20).

Ainda durante o período colonial um fenômeno migratório de resistência dentro da própria ilha de *Saint-Domingue* ficou conhecido como *marronnage*, que consistia no deslocamento de negros escravizados para a região das montanhas, fugindo do regime de trabalho forçado e de toda violência e degradação impingida por ele.

“Movimento similar aos Quilombos no Brasil, a *marronnage* sempre significou um perigo para a colônia. Em 1751 cerca de 3.000 marrones⁸ viviam nas montanhas e, constantemente, faziam incursões às fazendas para, além de pilhagem, converter outros escravos a se juntarem aos bandos” (NOGUEIRA, 2017, p.45).

A *marronnage* representou uma importante forma de resistência ao sistema degradante da escravidão, além de ter se constituído em importante meio de difusão da luta que culminaria com a Revolução Haitiana.

Outra forma de migração importante e influente na luta pela independência do Haiti foi composta por filhos da elite mulata haitiana⁹ que se deslocavam para a França a fim de realizar seus estudos, sendo que a maior parte deles, retornando ao país de origem, se aliava à luta da Revolução Haitiana. É nesse ponto que os processos migratórios internos e externos se fundem à Revolução (HANDERSON, 2015, p.68).

Saint Domingue rapidamente se sobrepôs à sua coirmã – São Domingo¹⁰ – ao leste, tanto em riqueza quanto em população. A *Perle des Antilles*, se tornou a colônia mais rica e próspera das Índias Ocidentais e uma das mais ricas do mundo, consolidando seu status como o maior porto da América para bens e produtos que entravam e saíam da Europa.

Rijswijk, assinado na Holanda, quando a Espanha cedeu formalmente o terço ocidental da ilha para a França, então batizada como *Saint-Domingue*.

⁸ Como eram chamados os fugitivos que iam viver nas montanhas.

⁹ (...) os *affranchis* (ex-escravizados) e os *mûlatres* (mulatos) considerados como parte da elite e proprietários de terras, que mandavam seus filhos, desde o final do século XVIII e também, posteriormente, no século XIX, após a Independência do Haiti, para realizar seus estudos na França. Foram inúmeros escritores, advogados e médicos haitianos formados na França (HANDERSON, 2015, p.68).

¹⁰ Atual República Dominicana.

A “Pérola das Antilhas”, colônia mais próspera de toda a América, e suas intermináveis plantações de cana-de-açúcar, mantinha uma população de cerca de meio milhão de negros escravizados, compreendendo um número dez vezes maior que a população de brancos de origem francesa.

Entre escravos e brancos, havia ainda uma classe intermediária de escravos libertos e mulatos que, discriminados pelos brancos, se uniu contra eles durante o processo revolucionário.

Do outro lado, a dominação colonial acabou enfraquecida diante da Revolução Francesa, e a difusão de seus ideais liberais burgueses acolhidos pelos rebeldes em Saint Domingue.

O projeto de fazer da colônia um país independente e aliado da França revolucionária, transformando o Haiti na nação mais avançada do continente americano, foi encabeçado pelo escravo liberto Toussaint L’Ouverture, que morreu antes de colher os frutos de sua luta.

Entre inúmeras insurreições de escravos ocorridas por toda a história, a única vitoriosa foi a dos escravos de Saint Domingue. Deflagrada em 1791, no território que hoje compreende a República do Haiti, a Revolução Haitiana foi uma espécie de síntese da resistência da cultura da população negra escravizada – com suas crenças, seus ritos e sua língua – e dos ideais acolhidos a partir da Revolução de 1789 na metrópole.

Entretanto, a independência do Haiti se concretiza em 1803, quando os ex-escravos fizeram sucumbir tropas francesas, espanholas e inglesas, diante de sua habilidade militar e bravura, transformando o país na primeira nação independente da América Latina.

Toda a vanguarda do movimento revolucionário haitiano, contudo, não foi absorvida pelas demais nações da América e da Europa, tornando um “pecado” à singularidade das conquistas da revolução negra.

Nem mesmo Simon Bolívar, que soube ser tão valente, teve a coragem de assinar o reconhecimento diplomático do país negro. Bolívar poderia ter reiniciado sua luta pela independência americana, quando já havia derrotado a Espanha, graças ao apoio do Haiti. O governo haitiano lhe havia entregado sete navios, muitas armas e soldados, com a única condição que Bolívar libertasse os escravos, uma ideia que ao Libertador não lhe passava pela cabeça. Bolívar cumpriu com esse compromisso, porém depois de sua vitória, quando já governava a Grande Colômbia, deu as costas ao país que o havia salvo¹¹. E quando convocou as

¹¹ “O Haiti nasceu condenado à solidão. Tampouco Simon Bolívar a reconheceu, embora lhe devesse tudo. Barcos, armas, e soldados lhe foram doados pelo Haiti em 1816, quando Bolívar chegou à ilha, derrotado, e pediu apoio e ajuda.

O Haiti lhe deu tudo, com a única condição de que libertasse os escravos, uma ideia que até então não lhe havia ocorrido. Depois, o herói venceu sua guerra de independência e expressou sua gratidão enviando a *Port-auPrince* uma espada de presente. Sobre reconhecimento, nem uma palavra” (GALEANO. 2004).

nações americanas para a reunião do Panamá, não convidou o Haiti, mas sim a Inglaterra (GALEANO, 2010).

A aliança formada entre negros e mulatos durante a revolução, não veio a se firmar. O que poderia ser a principal herança da Revolução Haitiana se traduziu em uma estratificação abismal da sociedade no Haiti.

A elite mulata mantinha os modelos de civilização franceses¹², buscando fazer do Haiti uma França negra, como bem considerou Michelet (VIEIRA E ASSUNÇÃO, 2006, p.3, apud FERRO, 2004, p.247). Do outro lado, os negros ex-escravos desejavam cultivar os laços com a origem africana, marcados pelo idioma – o *kreyòl* – e pela prática do vodu, tal qual uma síntese das diversas etnias africanas que conviviam na ilha.

Segundo Hurbon, o primeiro período de implantação do Estado do Haiti, entre 1804 e 1915, corresponde a uma longa tentativa dos governantes haitianos junto ao antigo colonizador de obter e consolidar o reconhecimento da independência. Para isso, fizeram de tudo para o Haiti se tornar um Estado dentro do modelo ocidental, trabalhando excessivamente para combater práticas que no ocidente eram associadas à barbárie e à ausência de civilização. Práticas essas que formavam a essência do *ser haitiano*. “Concretamente, o culto do vodu (herdado da África negra), a língua crioula (criada no âmbito da sociedade escravista), os costumes familiares (igualmente readaptação da África no Haiti)” (HURBON, 1986, p. 128), ou seja, tudo o que era obstáculo à inserção do país na universalidade humana, representada na cultura ocidental (NOGUEIRA, 2018, p.51-52).

A exacerbação de um nacionalismo, fruto das lutas pela independência e o embargo sofrido pelo país, das nações estrangeiras, alimentaram a busca por um governo soberano e capaz de garantir à população trabalho e terra, em oposição ao antigo sistema escravista. Porém, o que se viu brotar no Haiti foram governos autoritários calcados na negação da cultura nacional, formada nos tempos de luta.

As vozes da revolução que ecoaram por todo o continente, incitando diversas rebeliões de escravos e povoando os pesadelos das elites por toda a América, tinham um significado ainda maior: o sucesso do Haiti enquanto nação derrubaria por terra a tese colonialista de que os negros não seriam capazes de se governar.¹³

¹² “O padrão da avaliação iluminista não é uma abstração. Ele repousa na convicção de que o caminho que todos os povos devem seguir para se autodeterminarem foi desbravado pela Europa. Por conseguinte, a autonomia estrutura-se não apenas como um critério impessoal e objetivo, como parece sustentar o discurso filosófico iluminista, mas como um modo de legitimar uma autoimagem em detrimento das demais. Ou seja, a impessoalidade e a objetividade do discurso filosófico iluminista parecem encontrar severos limites quando ele julga outros povos sem considerar a imagem que eles fazem de si mesmos, a sua autoimagem” (ANDRADE, 2017, p.301).

¹³ “O discurso racista é financiado pela tese de que, por não terem produzido sistemas de lei e reflexão semelhantes aos padrões europeus, visto que “a principal característica dos negros é que sua consciência ainda não atingiu a intuição de qualquer objetividade fixa, como Deus, como leis” (Hegel, FH, p. 84), os negros estariam numa espécie de condição inferior. O que governa a assertiva de Hegel é a convicção de que

Isso não só comprometeria todo o sistema escravista adotado no continente americano, como também derrubaria todos os discursos erguidos pelos grandes impérios europeus em virtude do avanço da colonização sobre a África.¹⁴

Diante de sua produção açucareira destruída pela guerra, de sua profunda estratificação social, e negado pelas nações que mantinham a escravidão como a base de sua economia, o Haiti foi condenado a uma condição tão opressiva e excludente quanto a vivenciada no período colonial.

A bandeira dos livres se içou sobre as ruínas. A terra haitiana havia sido devastada pela monocultura do açúcar e arrasada pelas calamidades da guerra contra a França. Uma terça parte da população havia caído em combate. Então começou o bloqueio a nação recém nascida foi condenada à solidão. Ninguém comprava dela, ninguém lhe vendia, ninguém a reconhecia (GALEANO, 2010).

Desejosa pela reaproximação com a Europa, a elite mulata haitiana fez um acordo com o rei da França, onde o país pagaria uma multa de 150 milhões de Francos para comprar o reconhecimento do Haiti enquanto nação independente, contraindo pesadas dívidas com bancos privados internacionais que resultaram no reconhecido empobrecimento haitiano.¹⁵

Com a economia dilapidada e a sociedade fragmentada, o Haiti não tinha condições de manter a agricultura de subsistência – sua principal fonte de renda – nem mesmo como driblar as investidas estrangeiras, diante de suas condições econômicas.

Diante do crescimento da produção açucareira nas vizinhas Cuba, Antilhas e República Dominicana, o deslocamento de trabalhadores haitianos para suas plantações, em períodos específicos da safra foi se tornando uma saída para o sustento de muitas famílias, transformando-se em uma opção bastante considerada, sobretudo pela ocupação da ilha pelos EUA, a partir de 1915. Inicialmente enquadrados como imigrantes

não há caminho para autodeterminação que não seja o caminho percorrido pelos europeus que determina o que é grandioso. Assim, ainda que a seta do tempo possa ser lida na obra de Hegel, segundo Safatle e outros intérpretes do filósofo, como uma seta para trás; responsável por contar uma narrativa possível da história a partir de uma costura racional dos fatos que ocorreram segundo uma lógica da plasticidade, da adequação e resignificação do acontecido, ela indica (e neste ponto coincide com a compreensão kantiana da história) que o caminho – esperado e almejado no caso de Kant – para o aperfeiçoamento moral passa por um processo de racionalização da vida e dos costumes. Esse processo se encerra nos limites do continente europeu e serve como uma espécie de régua responsável por escalonar o grau de “evolução” de cada cultura. O grau máximo é o que se apresenta na Europa e o mínimo parece se localizar no continente africano” (ANDRADE, 2017, p.303-304).

¹⁴ De acordo com Seguy (2015, p.527) “Trata-se de um povo inferior, incapaz de manter o grau de civilização que deixaram-lhe os franceses ou de desenvolver a aptidão mais mínima à autonomia que dar-lhe-ia direito aos respeito e à confiança da comunidade internacional” (apud CHOMSKY, 2006).

¹⁵ A França reconheceu a independência do Haiti em 1824, mediante o pagamento de indenização pela ex-colônia. Por mais que tentassem ampliar as parcerias comerciais, a elite haitiana não tinha condições de garantir o pagamento da dívida. O que, ao longo dos anos, contribuiu para o agravamento dos conflitos sociais em decorrência da crônica dependência econômica.

temporários, até 40 mil trabalhadores iam e voltavam do Haiti para as lavouras estrangeiras todos os anos.

O regime dos *braceros* – nome dado aos trabalhadores temporários – vigorou até o final da década de 1920; porém, mesmo na ilegalidade, estes trabalhadores seguiram migrando. Banidos da plantação de açúcar, os haitianos permaneceram trabalhando em plantações de café cubanas, somando mais de 80 mil trabalhadores na ilha em 1944.

O primeiro grande fluxo de mobilidade de haitianos para o exterior constituiu-se no período no qual as forças armadas americanas ocuparam o Haiti (1915 – 1943) e a República Dominicana (1912 – 1924) simultaneamente. Como desde o final do século XIX e o início do século XX, o crescimento das indústrias americanas de cana-de-açúcar no Caribe, particularmente em Cuba e na República Dominicana produziria uma escassez de mão de obra para trabalhar nas plantações de ambos os países, essa lacuna fora preenchida, em larga medida, pelos camponeses haitianos enquadrados em políticas específicas e temporárias (...). Em 1928, legalmente, foi proibido trazer mais trabalhadores haitianos para as plantações, mas continuaram chegando até 1961 à província de Oriente, em Cuba para trabalhar em plantações de café. Em 1944, eram estimados em mais de 80.000, a maioria deles originária do sul do país (HANDERSON, 2015, p.69).

A ocupação militar norte-americana se configura como uma das maiores influências na postura da migração haitiana desse período. Ocorrida entre os anos de 1915 e 1934, se justificava na posição estratégica do Haiti com relação ao canal do Panamá, visando barrar a inserção econômica da Alemanha, que desde o final do século XIX flertava com a região.¹⁶ A presença estadunidense acabava por persuadir as mobilidades haitianas, visando favorecer os países com quem mantinha relações de influência política e/ou intervenção militar.¹⁷

Novos fluxos migratórios prosseguiram nas décadas subsequentes: o ensino obrigatório de inglês nas escolas haitianas e a proliferação de igrejas protestantes originárias dos Estados Unidos aguçaram ainda mais a influência do país sobre o Haiti. Os filhos da elite haitiana, tal qual nos fins do século XVIII, iam estudar agora em terras norte americanas; para os trabalhadores que já tinham passado por Cuba e pela República Dominicana, o país traduzia-se numa nova promessa.

¹⁶ Entre o final do século XIX e o início do século XX, constantes disputas internas pelo poder político deixaram o país vulnerável aos interesses externos. Líderes políticos haitianos solicitaram inúmeras intervenções estrangeiras a fim de conter as revoltas populares. Tais medidas acabaram por viabilizar a constante presença da França, Inglaterra, Alemanha e Estados Unidos no território haitiano.

¹⁷ “Para evitar que outra potência europeia tivesse posse do Haiti e buscando atender aos próprios interesses, os Estados Unidos decidiram intervir militarmente entre os anos de 1915 a 1934. Nos anos de intervenção norte-americana, a elite mulata foi escolhida para conduzir o poder e os Estados Unidos criaram as *Gendarmerie d’Haïti*, em 1915, para conter rebeliões e manter a ordem interna. Essa força militar com funções policiais foi treinada para exercer o monopólio da violência de forma profissional. Entretanto, após a retirada das tropas dos Estados Unidos em 1934, as *Gendarmerie d’Haïti* revelaram-se estar muito distantes desse objetivo” (MATIJASCIC, 2009).

Mas foi com início da ditadura de Papa Doc – François Duvalier (1957 – 1971) – que a emigração haitiana adquiriu uma nova magnitude. Deixar o país para buscar oportunidades no exterior deixou de ser apenas a saída de trabalhadores rurais e estudantes, mas passou a significar a liberdade e sobrevivência de pessoas provenientes das mais diferentes classes sociais, gerações e regiões do Haiti.¹⁸

A devastação das condições sociais fomentada por um sistema de profunda repressão e violência, orientado por milícias urbanas e rurais como os famigerados *Tontons Macoutes*, foi o estopim para uma verdadeira evasão populacional do Haiti. Até a década de 1970, Estados Unidos e Canadá conviviam com mais de 140 mil imigrantes e refugiados haitianos, além dos registros de imigração para os países africanos de língua francesa – como o Senegal – e vários países do Mar do Caribe.

Nessa fase, dá-se o início do fenômeno dos *boat people* – atualmente muito comum no Mediterrâneo – quando milhares de haitianos buscavam, em frágeis embarcações, chegar à costa da Flórida. Esta forma de migração alcançou as manchetes no mundo todo, sobretudo na década de 1990, por ocasião do golpe de Estado que levou à deportação do primeiro presidente democraticamente eleito, Jean-Bertrand Aristide, após a ditadura de François e Jean-Claude Duvalier (Papa e Baby Doc), quando cerca de 46 mil migrantes foram interceptados no mar e enviados para a base de Guantânamo.¹⁹

O mais recente ciclo de mobilidade haitiana é marcado pelo fatídico terremoto de 12 de janeiro de 2010. O quadro de instabilidade política e socioeconômica, a ausência de segurança pública, se viram agravados pela catástrofe que deixou 230 mil mortos na capital, Porto Príncipe.

De acordo com Handerson (2015, p.73)

“Em decorrência do terremoto, houve um duplo movimento: algumas pessoas se deslocaram em direção ao meio rural, mesmo aqueles sem nunca terem residido no interior do país. Outros, aproximadamente 350.000 (Audebert, 2012) que dispuseram de recursos variados, decidiram partir *aletranje*.”

¹⁸ Entre os anos de 1934 a 1956, houve novamente um período de grande instabilidade política caracterizada pelas disputas de poder entre negros e mulatos, além da interferência de comandantes das *Gendarmerie d’Haïti* na política. Em 1956, François Duvalier assumiu a presidência e buscou conter as revoltas populares e até mesmo o papel político das *Gendarmerie d’Haïti*. Em 1962, François Duvalier instalou um regime autoritário de governo no Haiti: eliminou a oposição política, criou uma força sob seu comando, os Voluntários da Segurança Nacional, e assegurou que o poder fosse transferido a seu filho, Jean-Claude Duvalier, em 1971. O desgaste político causado por tantas medidas centralizadoras e a falta de habilidade política de Jean-Claude Duvalier resultaram no fim do regime duvalierista em 1986 (MATIJASCIC, 2009).

¹⁹ Neste episódio alguns migrantes ficaram presos por mais de 1 ano e mais de 20 mil tiveram seu pedido de refúgio negado e foram deportados para o Haiti.

Optar pela mobilidade não é, necessariamente, uma opção por abandonar o país, mas é uma

“(…) busca daquilo não encontrado no país, isto é, estabilidade política e socioeconômica, serviços de saúde, infraestrutura, estudo, trabalho, dinheiro para enviar aos próximos. (...) na busca *d’un mieux être* (do bem-estar), uma qualidade de vida cotidiana melhor do que aquela do Haiti (HANDERSON, 2015, p.74)”.

Mais que um sonho, a emigração haitiana se configura como uma obrigação, uma predestinação, uma forma de distinção social:

“Não seria um exagero dizer que o sonho da maioria da população é *pati* (partir) ou *vwayaje* (viajar) ou afirmar que seria quase impossível encontrar uma casa no Haiti da qual não há um membro dela no exterior, as casas e as redes familiares geralmente têm, no mínimo, alguém no *peyi etranje* (país estrangeiro) (HANDERSON, 2015, p.67)”.

Para empreender uma compreensão sensata sobre a mobilidade internacional haitiana, é preciso compreender que “partir *aletranje*” – ou partir para o estrangeiro – passou a fazer parte dos códigos sociais do que é ser haitiano, respeitado socialmente, aceito por seu meio social. Estar apto a deixar o país, longe de ter a conotação de abandono, significa estreitar os laços de reconhecimento social, atingir um dos momentos da plenitude de sua cidadania haitiana, agindo de acordo com o que a sociedade haitiana espera que aja um bom cidadão.

O sujeito habilitado a sair do país – seja por seus próprios meios, seja por um esforço coletivo de familiares e amigos – torna-se um *diaspora*²⁰, reconhecido pela tenacidade: admirado por todos aqueles que ficam e aguardam suas notícias e remessas²¹, uma espécie de ídolo para todos os parentes e amigos que sonham um dia cruzar a fronteira do país para viver no exterior (HANDERSON, 2015, p.97).

Diferentemente do que se aponta, portanto, nos meios de comunicação, a migração haitiana não se refere a surtos pontuais, como amplamente divulgados na década de 1990 quando da queda do presidente Jean Bertrand Aristide ou, como mais recentemente, por conta do terremoto de 12 de janeiro de 2010. Esses eventos promovem o aumento de um fenômeno já presente e interiorizado na sociedade haitiana, eles ampliam a diáspora historicamente justificada.

²⁰ “(...) Chegavam com mala, roupas de marca, cordão de ouro e com mais dinheiro para arcar com as despesas durante os primeiros meses, caso não arrumassem empregos para poder ficar o tempo em Tabatinga esperando o protocolo e eram denominados de *diaspora* pelos já estabelecidos no local. O termo *diaspora* era utilizado como categoria de distinção e de interação, para caracterizar um determinado comportamento individual e social. As vestimentas, o dinheiro carregado na viagem e o comportamento dos recém-chegados eram características fundamentais para os meus interlocutores classificarem as pessoas em *diaspora* ou não” (HANDERSON, 2015, p. 97).

²¹ Nome dado ao valor em dinheiro enviado periodicamente para as famílias, pelos imigrantes haitianos.

Esses sujeitos migrantes, longe de abandonarem o Haiti, passam a fazer parte de seu país de uma nova maneira, sendo imprescindíveis na manutenção social haitiana através de suas remessas nos momentos em que as crises mais agudas do país empurram as relações sócio-econômicas para um estado letárgico.

Aliás, são as instituições tradicionais haitianas, baseadas nas relações familiares, compadrio, amizade e vizinhança, que criam uma rede de resistência e sobrevivência, lá e aqui – como veremos nos capítulos a seguir – e que se apoiam e dão apoio à diáspora, a migração. Integrando o Haiti, contemporaneamente, a esse importante fenômeno de nosso tempo, que são as migrações internacionais.

Sendo assim, o movimento de migração haitiano passa a integrar o intenso cenário dos deslocamentos humanos na contemporaneidade. Distintamente das migrações dos séculos XIX e XX, como aponta Paiva (2013), “as migrações contemporâneas, além de intensas, ocorrem em múltiplas direções. (...) Atualmente, os deslocamentos apresentam um quadro mais difuso, no que se refere aos seus fluxos”(…), tendência que também é seguida pela diáspora haitiana, hoje, fortemente presente desde o Canadá até o Sul do Brasil.

Em uma luta histórica pelo reconhecimento de sua singularidade, esses sujeitos se lançam e se “*arriscam*”, em virtude de uma força para além da distinção social entre os haitianos, mas em razão de toda uma “*linda história*” não reconhecida, na busca da constatação dos atributos que a sociedade haitiana carrega e que, desde a sua revolução, são ignorados pela comunidade internacional.

Tal qual os imigrantes argelinos narrados por Sayad²² (1998), o *diaspora* haitiano também ocupa um lugar de distinção social entre os seus. As remessas de dinheiro enviadas desde o estrangeiro, não só ajudam a manter o estudo e a sobrevivência de seus entes mais próximos, como também auxiliam na manutenção das já mencionadas instituições tradicionais haitianas, fortemente ligadas à solidariedade e a alteridade – como ainda veremos a seguir – para quem “o dinheiro não se guarda: circula” (THOMAZ, 2010, p.37).

Mas a emigração também pode ser vista como um meio de aprofundar a luta por reconhecimento apoiada no tripé, tal como apresentado por Honeth (2009, p.44), do *amor*

²² (...) usando os recursos do aparelho tradicional, o informante produz o próprio modelo do mecanismo segundo o qual se reproduz a emigração e no qual a experiência alienada e mistificada da emigração preenche uma função essencial. O desconhecimento coletivo da verdade objetiva da emigração que todo o grupo se esforça por manter (...) constitui a mediação necessária através da qual se pode exercer a necessidade econômica (p.44).

recebido da família que apoia e orgulha-se dos diásporas; da *solidariedade* daqueles que se unem para dar suporte ao ente querido emigrante e que, em seguida, também recebem o seu suporte vindo do exterior; tudo em busca do *direito*, historicamente negado pela comunidade internacional ao povo haitiano, de autogestão e auto-representação tornando as migrações haitianas em luta social, onde cada emigrante/imigrante atua de modo a fazer valer sua história e tradições, onde a busca “(...) já não são a distribuição equitativa ou a igualdade de bens, senão a dignidade e o respeito humano” (HONETH, 2009, p.19). O reconhecimento da dignidade dos sujeitos e dos diversos grupos sociais por eles representados, como um caminho para a concretização da justiça social do país.

Esses sujeitos nos apresentam, assim, um *ser* haitiano para além do binômio significante/significado, ou um elo entre os dois: eles são sua própria significação, com seus encontros e despedidas, suas rotas e travessias, sua fé e seus desencantos.

Em *A presença e a ausência* essa figura tridimensional se revela todo o tempo, como um esforço para superar o par representante-representado, através da introdução de um terceiro termo: a representação, fio condutor de sua análise (LEFEBVRE, 2006, p.281). “O terceiro termo aqui é o outro, com tudo que esse termo implica [alteridade, relação com o outro presente-ausente]” (p.282). (SERPA, 2014, p.493).

Um *outro* disposto a arriscar-se ante as vicissitudes do desconhecido, honrando uma história que o orgulha, a despeito do lugar que lhe foi reservado pelas iniciativas internacionais que veem o seu país como um mero território de disputa de interesses geopolíticos. Alimentando, com sua ausência, a possibilidade da manutenção de instituições que resistem às investidas internacionais e são a maior fonte da esperança no futuro que move nossos interlocutores.

3. ABALOS NATURAIS E VIDAS SOBRANTES: O TERREMOTO E A MIGRAÇÃO DOS HAITIANOS

*Braço, é braço
É braço de terra negada
Braços pulando os muros do mundo
Do futuro por emprego
Braços de refugiados
Que apesar de tudo
Por um instante
Pousam num estado de aleluia*

(Desterro – Marcelo Yuka)

Johnny Siffard, vejo assim a diáspora e os abalos:

Bom, meu nome é Johnny Siffard. Eu nasci no Haiti em 13 de julho de 1978, toda minha família é de lá, lá eu estudei e aprendi a minha profissão. E a gente gosta de viajar.

O Brasil não é a primeira viagem que eu fiz, porque vir para o Brasil eu já queria vir desde que eu era pequenininho, desde o ano de 1990 quando eu vi o Brasil pela primeira vez no futebol, por isso eu gostava mais do Brasil. Porque o Brasil sempre ganhou e eu gostava do uniforme da seleção, desde pequeno até hoje.

Antes da viagem para o Brasil eu viajei para outro país para uma ilha que chama Providencial. Lá é um lugar que fala a língua inglesa, então lá eu passei cerca de sete meses e voltei para o Haiti para continuar a escola, continuar estudando.

Chegou um momento, depois que passou o terremoto lá no Haiti, que a vida das pessoas ficou muito complicada para ter emprego, para comer, então muita coisa foi afetada. Aí eu viajei de novo, eu viajei para República Dominicana e passei muito tempo lá.

Porque eu já era casado, tinha esposa e filhos, então fui para República Dominicana para tentar uma vida melhor para buscar uma melhor condição para minha família.

A gente não tinha muito problema no Haiti até o terremoto, porque meu pai e minha mãe também ajudavam a gente. Só depois do terremoto é que muitas coisas foram quebradas, muita coisa foi destruída e aí então a gente precisou viajar. Foi aí que eu fui

mais uma vez para a República Dominicana e lá eu fiquei por dois anos porque tinha bastante oportunidade.

Então depois de uns anos lá, eu voltei para o Haiti e fiquei com a minha família um pouquinho de tempo então eu parti para o Equador, lá eu vivi um pouco mais de quatro meses. Eu fiquei quase cinco meses trabalhando porque ali no Equador eu peguei meu visto para vir para cá, para o Brasil. Agora estou há quase cinco anos no Brasil.

Providencial é mais distante do Haiti do que a República Dominicana, porque a República Dominicana e o Haiti são vizinhos, para Providencial eu precisei pegar um avião. Eu tinha vinte e um, vinte dois anos quando eu fui para lá e foi para trabalhar na construção, eu aprendi essa profissão no Haiti. Fiz um curso e aprendi a profissão e aí eu fui para Providencial para trabalhar. E lá eu trabalhei, trabalhei para juntar dinheiro e poder voltar para ver a família, então eu não voltei mais porque precisava de um visto e o visto é muito difícil de conseguir, então eu fiquei no Haiti mesmo. Eu queria voltar, mas não conseguia. Foi por isso, também, que depois eu fui para República Dominicana.

Para República Dominicana eu fui pela primeira vez em 2008. Então eu ia ficar um tempo e voltava, ia e voltava para o Haiti, como são países vizinhos era mais fácil então eu sempre ia e voltava.

Eu já tinha ido para República Dominicana antes do terremoto. Em 2010 quando eu voltei para o Haiti, era a segunda vez que eu voltava pro Haiti desde a República Dominicana, então quando eu voltei para o Cabo Haitiano – que é a segunda maior cidade do Haiti – fiquei lá por um dia e passou o terremoto na capital do Haiti.

Eu estava no Haiti quando aconteceu o terremoto e eu tenho a minha irmã que estava estudando lá em Porto Príncipe. Então eu só pensava nela depois que vi a notícia do terremoto na televisão, e eu liguei, liguei para ela e ela não atendia porque o celular dela tinha caído num buraco porque quebrou metade da parede da casa onde ela morava. Na escola onde ela estudava, naquele dia ela chegou na aula e o professor não foi, então ela voltou para casa e depois de duas ou três horas a escola dela desabou por causa do terremoto. Justamente no dia em que o professor dela faltou, e foi por isso que ela se salvou. Isso é coisa de Deus, porque muitos alunos da escola dela morreram.

No dia seguinte ao terremoto eu fui para a capital Porto Príncipe e quando eu cheguei na cidade eu percebi que muita gente morreu. Bastante pessoas morreram, a gente passava por cima dos mortos e aí para chegar até lá não tinha como viajar, porque não tinha caminhão, não tinha ônibus, nada estava funcionando porque estava tudo

quebrado, estava tudo ocupando a rua e por isso a maior parte do trajeto eu fiz a pé, caminhando por quase um dia e, quando finalmente eu cheguei na casa da minha irmã, ela não estava e eu fiquei assustado. Porque vi bastante gente na rua morrendo nos pátios, tinha muita gente morta. As pessoas cavando escombros com as mãos, eu vi os corpos sendo carregados em carrinhos-de-mão e o governo mandou colocar caçambas para juntar os corpos. Eu vi isso antes de chegar na casa dela e eu não conseguia ficar lá, porque chegava a da dor de cabeça, fiquei com muita dor de cabeça lá.

Eu cheguei na casa da minha irmã às dez horas da noite e quando eu cheguei lá não tinha ninguém, porque também não tinha luz, tudo caiu tudo quebrou. Lá a única luz que tinha era a luz do meu celular e depois ainda ia acabar a bateria, isso ia ser mais um problema, então eu fui encontrar um grupo de pessoas pelo qual eu passei e estavam orando para Deus. Eu passei a noite com eles lá, rezando, porque eu não conhecia ninguém onde eu estava, então fiquei ali a noite toda e no dia seguinte eu voltei para a casa da minha irmã e não a encontrei de novo. Eu estava procurando coragem pra começar a cavar, mas não tinha coragem de procurar ela. Depois de quase uma hora, então, eu a vi chegando e quando ela chegou, ela me abraçou, chorando muito.

Esse dia foi muito feliz para mim porque eu descobri que ela não morreu. Nessa época ela tinha apenas 17 anos agora ela está quase terminando a faculdade, está se formando em Gestão na Universidade de Porto Príncipe.

Mas depois do terremoto eu peguei minha irmã e voltei com ela para casa, em Cabo Haitiano, porque ficou tudo muito destruído, a escola demorou tempo para voltar a funcionar. Eu não tinha coração para deixar ela ficar lá, porque estava tudo destruído. A escola voltou a funcionar só depois de seis meses. Depois ela voltou e está lá, até hoje, estudando em Porto Príncipe. Ela vai, passa dois ou três dias em Cabo Haitiano para ver a família e depois volta para estudar.

E eu então voltei para República Dominicana e passei mais um bom tempo trabalhando lá. E quando estava lá, na República Dominicana, ouvi alguém falando sobre viagem e oportunidade de trabalho no Equador.

Então eu voltei para o Haiti, para conversar com a minha família e disse: eu vou tentar, eu vou lá porque precisamos ter uma vida melhor. E se lá for melhor eu mando buscar vocês. Só que chegando no Equador eu fiquei sabendo que também tinha oportunidades para os haitianos no Brasil.

Eu sempre gostei do Brasil, como falei no começo, eu sempre tive uma preferência pelo Brasil, mas como eu tinha visto da República Dominicana, podia ir direto para o Equador sem visto, era só comprar a passagem.

Assim, eu saí da República Dominicana para um outro país, chamado Panamá, e do Panamá eu fui para o Equador, para Quito – a capital.

No Equador eu cheguei em novembro de 2013 e consegui comprar minha passagem para o Brasil em janeiro de 2014. Eu precisei ficar um tempo mais lá para poder juntar dinheiro, porque eu tive que pagar a passagem, mais duzentos dólares de visto. Então eu precisei ficar mais um tempo lá, trabalhando, para juntar dinheiro e poder seguir viagem.

Para o Equador eu fui sozinho. Eu encontrei vários haitianos no aeroporto, mas eram todos desconhecidos, a gente conversava mas depois ia cada um pro seu lado.

Quando eu estava em Quito, um dia eu fui numa sala dessas que oferecem internet, eu fui para conversar com a minha família que estava no Haiti e eu vi o Joseph entrar lá. Eu fiquei assustado, o Joseph também ficou assustado, porque eu não fazia ideia que ele estava lá.

Ele era meu vizinho, desde criança, lá no Haiti. Ele era meu colega de escola, nós frequentávamos a mesma igreja também, fomos batizados juntos.

Na República Dominicana nós não nos vimos, porque eu trabalhava numa cidade ele trabalhava em outra. Passei cinco anos vivendo na República Dominicana e nunca vi o Joseph.

E depois desse dia, ele estava lá no Equador morando junto com um amigo dele, mas ele me encontrou e no mesmo dia pegou a mala dele e veio morar comigo, na minha casa. E aí nesse tempo que nós passamos juntos, nós pensamos juntos, conversamos e decidimos vir para o Brasil.

Porque depois que eu cheguei no Equador, levei uns dois meses para decidir se ia vir para o Brasil. Eu trabalhei, juntei dinheiro e depois de dois meses decidi comprar meu visto. O meu passaporte ficou perto de vinte e dois dias na embaixada, mas mesmo assim eu continuei trabalhando, porque eu vim para o Brasil dia 14 de fevereiro de 2014.

E quando cheguei no Brasil não tinha ninguém para receber, para acolher então passei um tempo vivendo na Casa de Passagem.

Primeiro eu cheguei em São Paulo e passei a noite lá na rodoviária, e depois vim direto para Brusque, porque eu tinha meu primo que já estava morando aqui e me orientou a vir pra cá.

Comigo vieram mais três pessoas: era eu, Joseph, Eddy e Polins. Mas na casa do meu primo só tinha lugar para eu ficar. Então eu pensei: eu saí com os três do Equador, então dei preferência por ficar com eles. Decidi não ficar na casa do meu primo e fui ficar com os outros três na casa de passagem.

Na casa de passagem eu fiquei quase quatro meses, foi uns três meses e pouco. Foi a parte mais difícil, porque não tinha dinheiro e nos finais de semana não tinha comida, não serviam comida no sábado e no domingo e, sem trabalho, como a gente ia poder comprar alguma coisa?

Nós ficamos lá porque os nossos documentos não ficaram prontos. Levou uns três meses para nossa identidade ficar pronta, a prefeitura ajudou a fazer o CPF e deu um papel para a gente pedir a identidade na Polícia Federal, só que nós ficamos esperando três meses. A carteira de trabalho ficou pronta antes da identidade, só que antes de ter todos os documentos a gente não podia conseguir emprego.

E só depois desses meses é que conseguimos um emprego e aí a gente pode alugar uma casa, assim que a gente começou a trabalhar nós alugamos uma casa perto do serviço.

Aí, depois que a gente pegou o serviço, a gente começou a pensar como ia fazer para trazer a família. Porque eu mandava dinheiro para pagar a escola dos meus filhos, para pagar comida e qualquer outra coisa que precisasse e o que minha esposa conseguisse economizar, ela guardava para poder trazer a família; eu mandava um valor e eu economizava aqui também. Mas às vezes eu precisava mandar dinheiro para o meu pai e para minha mãe também, porque assim é que está o haitiano: aquele que viaja e consegue um serviço, ajuda aquele que fica e tem mais necessidade.

Então eu trabalhei bastante para juntar esse dinheiro, porque eu tinha saudade deles. Ainda na última vez que eu voltei para República Dominicana, depois de três meses, minha esposa me ligou para dizer que estava grávida. Eu só voltei depois de um ano para casa e aí Nataïsha já tinha três meses, e dali eu já parti direto para o Equador. De verdade, eu nem conheci ela, só conheci um bebezinho.

E tem também a Katia, na verdade minha esposa é tia dela, a Katia é filha do irmão dela. Ela vivia em outra cidade, numa cidade que a distância é como de Brusque a

São Paulo. O pai dela estava muito doente lá, então decidiu pegar ela e levar para a casa dos parentes e assim que a deixou lá, ele morreu. Ela era muito pequenininha e não tinha quem cuidasse dela, porque a mãe dela sumiu e nem mesmo o pai dela tinha notícia da mãe. Ninguém sabe se ela está viva ou se ela morreu, porque ninguém teve notícias dela. Então o pai dela veio de Gonaïves a Cabo Haitiano e deixou ela com a gente, quando ela tinha cinco anos e agora ela está com dezesseis.

Eu nunca a deixaria para trás, eu nunca deixaria ela ficar na rua, eu jamais poderia ser feliz se pensasse que ela estava passando alguma necessidade. Porque ela também é minha filha; e se eu soubesse que qualquer coisa de mal estivesse acontecendo para um dos meus filhos eu não ia ficar contente, por isso eu não poderia deixar ela ficar lá no Haiti, eu tinha que trazer ela para junto de mim também.

E para trazer a família fui juntando dinheiro e alguns amigos me emprestaram também. Primeiro consegui reunir o valor para trazer minha esposa Jennifer e Nataïsha, e só um ano depois então consegui juntar a quantia necessária para trazer Johvensky e Katia. Primeiro minha esposa e minhas duas filhas chegaram em janeiro de 2017, e por último meus outros dois filhos chegaram em janeiro de 2018.

Agora eu não tenho mais prata alguma no bolso, mas também não preciso mais chorar como fiz, por muito tempo, todas as noites. Porque agora tenho minha maior riqueza, a felicidade de ter comigo a minha família inteira.

Mas ainda tem a igreja. Não importa aonde o haitiano vai, se na República Dominicana ou em qualquer outro país, aquele que é ciente da obra de Deus vai frequentar a igreja. Porque tem uma passagem na Bíblia que diz “não abandonai a assembleia”, em Hebreus 10 Versículo 25, e as pessoas como eu não entendiam nada quando iam na igreja aqui no Brasil; mas eu pensava “mesmo não entendendo nada, Deus sabe que eu não abandonei”. Eu podia não entender, mas eu estava lá orando. Então o pastor veio falar comigo, e com Eddy também, porque ele observava que nós íamos nos cultos todos os dias, nós íamos nos cultos de todo domingo de noite. Então ele disse “por que vocês não fazem um culto todo domingo de manhã?”, e a ideia foi boa, um culto para os haitianos todo domingo de manhã. Porque Deus arrumou eu, Eddy e os povos, afinal nós saímos de diferentes cidades, diferentes igrejas e nos comunicamos através desse culto.

Depois de dois anos, então, nós resolvemos procurar um espaço só pra gente. A gente se comunicava com outras missões haitianas, em outras cidades, em São Paulo e no

Paraná e eles já tinham um lugar só deles, uma igreja só deles. Aí resolvemos alugar esse galpão pra fazer a nossa igreja. Aqui tem atividade todos os dias, a gente estuda a bíblia, a gente ensaia os cantos e sempre que chega um haitiano novo, ou que um haitiano precisa de alguma ajuda, a gente pode ajudar. Porque muitos haitianos vêm aqui, não digo todos, mas muitos haitianos frequentam a nossa igreja.

Então eu fico feliz, porque de alguma forma eu posso ajudar a acolher quando alguém precisa, pra ninguém precisar passar necessidade como eu e os haitianos que chegaram antes de mim aqui em Brusque passamos.

Agora eu queria falar de pessoas como você, que conheceu os haitianos e nunca mais nos esqueceu, eu não esqueço disso. Tem a Priscilla, a mãe dela Jandira, a tia dela a Fernanda, a sua família também. Porque desde que eu cheguei na cidade, é como eu já disse para você, eu percebo muito preconceito e, quando cheguei, Priscilla não tinha nenhum problema conosco. Ela entrava na nossa casa, conversava com a gente, a mãe dela também deixava a gente entrar na casa delas e a Fernanda, tia dela, que foi passear conosco. E quando eu encontrei você foi bom, foi muito bom poder conversar com você, contar a nossa história. E você nos ajudou arrumando o curso de português para os haitianos e é por isso que nós podemos continuar trabalhando agora, muitos haitianos só não foram mandados embora porque conseguem entender o português, tudo por causa do curso que vocês organizaram para nós. Isso foi muita ajuda, foi bom. Foi bom, foi muito bom poder encontrar com vocês na minha vida.

Figura 6. Johny Siffard – Julho de 2018
Foto: Marcos Vinicius Vale

Figura 7. Johny, Catia, Johvensky, Jennifer e Julliana – Julho de 2018
Foto: Marcos Vinicius Vale

Figura 8. Catia - Julho de 2018
Foto: Marcos Vinicius Vale

Figura 9. Catia e Jennifer - Julho de 2018
Foto: Marcos Vinicius Vale

Figura 10. Nataisha - Julho de 2018
Foto: Marcos Vinícius Vale

Figura 11. Johvensky - Julho de 2018
Foto: Marcos Vinícius Vale

Johny foi o primeiro haitiano com quem tive contato efetivo em Brusque, ainda em junho de 2014. Pedreiro, com ensino médio completo e recém empregado em uma distribuidora de ferro e aço; me lembro da emoção com que ele me explicava que, depois de quatro meses vivendo na cidade, eu era a primeira brasileira com quem ele conversava, fora os patrões e o senhorio da casa que alugava.

Conhecemos-nos porque ele alimentava o ideal de transformar a sua casa na sede da Associação de Haitianos e Amigos de Brusque, fruto da sua preocupação em acolher e prestar auxílio a seus compatriotas que, naquela época, chegavam diariamente na cidade.

A iniciativa jamais se concretizou, mas Johny acabou se tornando uma referência entre a comunidade haitiana brusquense. Sua casa está sempre cheia de haitianos, seja para uma visita, para um bate-papo, em busca de um aconselhamento ou de um abrigo, até o fechamento de um contrato de aluguel ou de emprego.

Desde a nossa primeira conversa Johny revelava gratidão ao Brasil e seu desejo em trazer a família para junto de si, revelando a crença no país como um lugar melhor para criar seus quatro filhos.

Foi dele, também, a primeira narrativa da experiência com o terremoto que ouvi, e quem me revelou o gosto do haitiano por “viajar” a despeito de todas as explicações que traduziam a imigração haitiana para o Brasil como um fenômeno diretamente ligado ao terremoto.

Quando nos reencontramos, em 2018, Johny finalmente pode me apresentar sua família, agora toda reunida no Brasil: sua esposa Iliana (39 anos), e seus filhos Katia (16 anos), Jennifer (14 anos), Johvensky (11 anos) e Nathaïsha (4 anos) e me receber na igreja na qual é segundo pastor, atividade que exerce além do trabalho na distribuidora de ferro e aço, sem qualquer remuneração.

3.1. Vidas sobranes

Conforme Bauman (2010) “a produção de refugio humano” ou, mais exatamente, de seres humanos refugados — os que não puderam ou não quiseram ser reconhecidos, os que não obtiveram permissão para ficar — é um produto inevitável da sociedade. “É

consequência inseparável da modernização, efeito colateral da construção da ordem e do progresso econômico”.

O refugo humano, ou as vidas sobrantes surgem a partir da ideia de universalidade, de ordem universal, trazida pela modernidade ainda no início da industrialização no século XIX.²³ Naquela época, os redundantes da modernidade da Europa formavam o exército que ocuparia as terras "vazias" dos outros continentes, excluindo da história aqueles não adaptáveis à sociedade vigente, de produtores.

Com o seu avanço, no entanto, ao tentar organizar o mundo sob a perspectiva da universalidade, ela promove o contrário: seu produto são formas de exclusão, fronteiras e anomalias entre as relações humanas e sua forma de lidar com o mundo.

Nas sociedades industriais, por mais miserável que fosse a condição de vida dos redundantes, seu lugar social era inquestionável. Em nosso tempo, na sociedade de consumidores, as vidas sobrantes não têm esperança de conquistar um emprego, uma colocação, por serem automaticamente abandonadas pela sociedade no depósito de dejetos humanos, os guetos.

Ao contrário do que acontecia no período industrial, quando um exército de reserva de pessoas redundantes era mantido, na esperança de poder fazer parte da sociedade de produtores, em nossa atual sociedade de consumo não existe um exército de reserva para consumidores. Para os sobrantes da contemporaneidade a única certeza é de que eles estão excluídos da única forma de vida possível.

Os sujeitos passam a ter dúvidas sobre seus próprios valores diante da sociedade de consumo, em meio a uma confusão entre perceber aquilo que tem ou não tem importância,

²³ Bauman nos aponta que a produção de vidas sobrantes, os marginalizados, ou o refugo humano está inteiramente ligada à ideia da construção de uma ordem universal. Na modernidade, com o advento da Revolução Industrial, a sociedade ideal seria capaz de disponibilizar emprego para todos. Partindo desta premissa os "redundantes" dessa época formavam o exército de reserva de mão de obra, a esperar por sua chance na sociedade de produtores. Todo redundante, assim, seria um produtor em potencial.

“A produção de ‘refugo humano’, ou, mais propriamente, de seres humanos refugados (os excessivos e redundantes, ou seja, os que não puderam ou não quiseram ser reconhecidos ou obter permissão para ficar), é um produto inevitável da modernidade, é um acompanhante inseparável da modernidade. É um inescapável efeito colateral da construção da ordem (cada ordem define algumas parcelas da população como ‘deslocadas’, ‘inaptas’ ou ‘indesejáveis’) e do progresso econômico (que não pode ocorrer sem degradar e desvalorizar os modos anteriormente efetivos de ‘ganhar a vida’ e que, portanto, não consegue senão privar seus praticantes dos meios de subsistência)” (2005, p.12).

Com a ascensão da globalização e a instituição da sociedade de consumo o eixo de inserção social se modifica, a sociedade que anteriormente se caracterizava por produtores em potencial agora não admite potenciais consumidores. Não é possível reivindicar para si o status de consumidor, ou a existência de consumidores falhos. Na sociedade de consumo a única certeza é que uma vez excluídas as vidas sobrantes não possuem a possibilidade de fazer parte de um exército de reserva.

a ordem e a desordem. As percepções tornam-se conflitos regidos pelo princípio da descartabilidade.

As gerações passam a ser constituídas em meio ao mal estar do permanente confronto com a possibilidade da redundância, nenhum sujeito deseja se sentir supérfluo.

Da mesma forma que só enxergamos o lixo quando ele passa a se tornar um problema e o seu excesso uma ameaça concreta, só passamos a enxergar os sobrantes humanos quando eles se tornam visíveis aos nossos olhos, pelas “falhas” do nosso sistema de defesa. Até que isso aconteça somos indiferentes a eles, ficamos angustiados com suas questões, sem fazer nada para que isso mude efetivamente. Afinal, é difícil haver um número muito grande de “nós”; é com o excesso de “eles” que a sociedade hegemônica se preocupa.

As estratégias utilizadas são sempre racionais e discretas. O estado assume o monopólio do direito de excluir e operar essa exclusão²⁴ criando, através de políticas e ações, a noção de que o mundo está cheio e as vidas sobrantes, à margem da sociedade de consumo, são responsáveis por sua própria condição de exclusão.

Aos que tentam sobreviver a essas estratégias buscando novos caminhos e, quem sabe, oportunidades de se inserir na sociedade de consumo é imposto o rótulo do *outro*, o desconhecido, aquele a ser temido, o desviante do ideal social, o alvo mais fácil para descarga dos temores gerais da sociedade, de todas as inseguranças do Estado que não pode garantir segurança alguma e volta-se para os sobrantes da sociedade como alvo, atravessando a fronteira do Estado inclusivo para o excludente: o estado penal.²⁵

²⁴ “O Estado lava as mãos à vulnerabilidade e à incerteza provenientes da lógica (ou da ilogicidade) do mercado livre, agora redefinida como assunto privado que os indivíduos devem tratar e enfrentar com os recursos de suas posses particulares” (BAUMAN, 2005, p.76). A capacidade de geração de inclusão do Estado demonstra-se insuficiente frente às demandas sociais, que passam a ser tratadas como problemas de lei e ordem, promovendo a criminalização compulsória dos sujeitos postos à margem. O refugio humano deixa de ser um problema social, tornando-se um problema de segurança. Bauman compara o refugio humano ao homo sacer de Giorgio Agamben. Para o autor italiano, o modelo de exclusão é oferecido pelo homo sacer, categoria do direito romano que era “estabelecida fora da jurisdição humana, desta forma sem ser trazida para o domínio da lei divina” (AGAMBEN, 2000, p. 67). Assim, Bauman afirma que “a vida de um homo sacer é desprovida de valor, seja na perspectiva humana ou divina. (...) Privada da significação humana que só a lei pode conferir, a vida do homo sacer é inútil”. O autor afirma, ainda, que o homo sacer é a principal categoria de refugio humano estabelecida no curso da moderna produção de domínios soberanos ordeiros, ou seja, obedientes à lei e por ela governados. (2005, p.44) O sujeito posto à margem da sociedade é aquele que não produz, que não gera riqueza para a sociedade. Quem não paga impostos, ou supostamente não gera conhecimento; que não contribui para o desenvolvimento da sociedade, e principalmente o ser humano que não é consumista, e sim, ao contrário, onera a sociedade, pois necessita de assistência do Estado. São considerados refugos do processo de globalização aqueles que terminam em campos de refugiados, imigrantes ilegais, aqueles que se tornam vítimas dos conflitos internacionais globalizados e precisam deixar seu lugar de origem, ficando presos em campos de refugiados sob um estatuto de ausência de direitos.

²⁵ O Estado penal surge como uma solução à ausência das garantias do Estado de bem estar social, como uma administração da pobreza através da repressão carcerária e judiciária. O aparato de repressão passa a ser

Somos levados a pensar em nossa segurança e estratégias para nos defendermos do refugio humano, compreendendo sua condição marginal não como determinante de suas circunstâncias, mas como uma escolha feita pelo outro, como se fosse um defeito moral não ser reconhecido em uma sociedade de consumo cada vez mais seletiva.

O estado opera misturando os medos de seus cidadãos sob o disfarce de suposto protetor, reforçando ansiedade cada vez mais forte na sociedade contemporânea, reforçando as dificuldades de compreensão do real e alimentando o consumismo e o individualismo. Nessa sociedade as relações sociais baseadas em companheirismo, amizade e camaradagem são substituídas por aquelas entrecortadas pela ansiedade, a desconfiança, o estresse e a competitividade.

Um dos grandes problemas da sociedade nos dias atuais é pensar uma solução para remoção das vidas sobrantes. Essas pessoas que não cabem no espaço social da modernidade, os humanos refugiados produzidos pela sociedade de consumo, que tudo descarta, e todo seu aspecto desconcertante.

Diante da impossibilidade de novas áreas, novas terras para realocar os sobrantes, as sociedades formam guetos onde são depositados os redundantes; o ambiente que não é mais aquele antigo gueto onde vivia a mão de obra descartável, mas simplesmente o ambiente de exclusão social. Reciclar os sobrantes não é mais lucrativo, agora eles estão expostos à biodegradação nos presídios, campos de refugiados ou nos hiperguetos que se espalham ao redor do mundo.²⁶

3.2. A gente gosta de viajar

Os deslocamentos humanos fazem parte da história da humanidade. Há milênios ele é a solução para escapar de catástrofes ambientais, conflitos, escassez e dificuldades econômicas. Contemporaneamente os deslocamentos permanecem acontecendo pelos mesmos motivos, no entanto com o agravante do mercado, da concentração de renda e da distribuição desigual dos meios de produção.

utilizado não para conter a criminalidade, mas para enfrentar a desestruturação causada pelo dismantelamento das políticas sociais, onde o recrudescimento das políticas de segurança ganham espaço e apoio da sociedade civil, que se vê esmagada por uma persistente sensação de insegurança.

²⁶ Conceito emprestado por Bauman, do sociólogo francês Loic Wacquant, para definir os espaços produzidos por políticas extremas de “guetização”, que acabam por perder os poucos aspectos positivos do gueto, em particular, a capacidade de produzir e de sustentar, mesmo com dificuldade, uma rede modesta de instituições comunitárias que atendam às necessidades básicas de seus residentes.

Nos dias de hoje, o horizonte do migrante não se restringe à cidade mais próxima, nem à capital do estado ou do país. O migrante vive num mundo onde a globalização dispensa fronteiras, muda parâmetros diariamente, ostenta luxos, esbanja informações, estimula consumos, gera sonhos e, finalmente, cria expectativas de uma vida melhor.

O dinamismo e a força principal da globalização residem na integração econômica forjada, imposta e gerenciada pelas regras do liberalismo, e sua defesa das liberdades individuais no campo político e econômico. Essas regras, porém, são seguidas seletivamente pelos próprios países que as promovem. Desse modo, muitos países crescem pouco ou nada e, enquanto isso, as disparidades entre ricos e pobres aumentam. Tais desigualdades contribuem para aumentar o desejo, e até mesmo a necessidade, de migrar para outros países, enquanto o capital financeiro e o comércio fluem livremente (MARTINE, 2005).

A migração faz parte da civilização, os deslocamentos constituíram o que chamamos hoje de mundo civilizado, logo deslocar-se é um direito.

(...) o deslocamento de grupos e indivíduos compõem a história da humanidade, as particularidades regionais, locais, e interliga as possibilidades culturais do homem com suas necessidades físicas e materiais, sendo um fenômeno fundamental a intensificação da democracia e da realização da cultura planetária. Considerando-se o direito de se deslocar – ir e vir em diferentes territórios e relacionar-se com diferentes culturas – um direito a ser defendido pelo humano (...). (SOUZA, 2013, p.349).

Desde os primeiros contatos com interlocutores haitianos – quando a imigração para Brusque e região era crescente –, ainda nos anos de 2013 e 2014, o “gosto” haitiano por viajar era uma constante em suas falas.

Fosse para estudar ou trabalhar, a maior parte deles já tinha vivido em outros lugares, para além de sua casa, em outros países para além do Haiti. Aqueles que, por um acaso, tinham o Brasil como seu primeiro destino no estrangeiro, falavam da viagem como algo natural, a migração parecia algo fadado a acontecer.

Como já visto anteriormente, partir para o estrangeiro tornou-se uma espécie de *status* na sociedade haitiana. Mediante um processo de independência historicamente não reconhecido, internacionalmente silenciado e, portanto, incompleto do ponto de vista político, social e econômico. A emigração passou a fazer parte dos códigos sociais do que é ser haitiano, respeitado socialmente, aceito por seu meio social, significando um estreitamento de laços com a cidadania haitiana, uma forma de reconhecimento social.

Diferentemente do que informavam as notícias sobre a chegada desses estrangeiros, migrar para outros países já era uma opção comum para haitianos que reunissem condições

financeiras para essa aposta, contando com cerca de 4,5 milhões de haitianos (quase metade da população do país) vivendo no exterior (DELFIM, 2017).

Em sua fala, Johny, assim como Jimmy e Willy, indica uma boa vida no Haiti, contando com o auxílio dos pais diante de qualquer necessidade. Jimmy frisou o fato de não precisar custear moradia e alimentação por poder viver com sua mãe, ou com a mãe de sua esposa Stephanny. Enquanto Willy contava com a ajuda dos pais para manter o seu curso técnico em eletroeletrônica na cidade de Porto Príncipe, onde vivia desde menino com sua tia e seu primo.

No entanto, Johny aponta a busca por melhores oportunidades como a motivação para deixar sua terra natal pela primeira vez, antes mesmo de completar dezoitos anos. Oportunidades essas que - de acordo com Joseph - não existem, pela falta de desenvolvimento tecnológico do Haiti e pelo fato de os negócios em seu país serem limitados a empreendimentos familiares.

Para muitos observadores o gosto haitiano por viajar não passa de uma veleidade, uma fuga dos milhões de trabalhadores do Haiti espalhados no exterior, alimentando a crença de que muito pouco pode ser feito no país, devido ao abandono imposto por seus próprios cidadãos (SEGUY, 2015).

No entanto, tais conclusões desconsideram que o país é visto, desde sua fundação, como uma oportunidade de negócios para a comunidade internacional:

Logo proclamada sua independência, o Haiti já se tornou objeto de desejos e rivalidades entre as quatro grandes potências da chamada “comunidade internacional”: França, Alemanha, Grã-Bretanha e Estados Unidos. O historiador Leslie Manigat, numa análise da conjuntura de 1910 – 1911, nota que um dignitário haitiano da época suspeitava a Alemanha e a França de “um conjunto de planos para uma ocupação disfarçada do país”. Esses dois Países, no entanto, adversários obstinados desde 1870, não tiveram dificuldades para trabalharem juntos quando se tratava de Haiti. Do mesmo modo, o governo inglês também tinha decidido pôr entre parênteses suas rivalidades com os Estados Unidos para se alinhar à política norte-americana no Haiti. A seguinte nota enviada pelo governo inglês confirma o perfeito casamento: “A Inglaterra não mais enviará navios de guerra nas águas de Haiti, exceto para proteger os interesses americanos” (SEGUY, 2015, p.528).

Não há nada no Haiti, pelo menos desde 1993, que seja feito independente da tutela das grandes organizações (THOMAZ, 2010), uma vez que o país encontra-se loteado por missões internacionais, entre elas a MINUSTAH – Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti – promovida pela ONU e gerida pelo Brasil, desde 2004.

Justificadas na ajuda humanitária a um país que frequentemente sofre com as vicissitudes das catástrofes naturais (o Haiti é constantemente atingido por tempestades e

furacões que assolam o Mar do Caribe, além do terremoto de 2010) e com a falta de capacidade de um Estado inexistente, as organizações internacionais promovem uma ajuda que não se vê, não se come, não se bebe, só se escuta (THOMAZ, 2010, p.28). Ignorando, de um modo geral, o haitiano enquanto sujeito histórico, portanto, o que deveria ser o alvo principal de suas ações.

Muito pelo contrário, a presença internacional no Haiti vem servindo, no decorrer das décadas, para reforçar a projeção do país como uma Síria ou Iraque caribenho, onde reinaria a violência e as populações clamariam pela civilização trazida pelo humanitarismo estrangeiro. Franck Seguy nos aponta que, quer voluntariamente quer não, as políticas públicas implementadas no Haiti - em formato de intervenções humanitárias - carregam em si todos os germes que, cedo ou tarde acabam pervertendo suas possíveis e tão escassas realizações. O autor segue citando Lyonel Trouillot, afirmando que:

A ação humanitária carrega consigo essa contradição de que, ao declarar querer atender problemas emergenciais, ela justifica ao mesmo tempo sua própria existência. A ação humanitária não vem somente para ajudar, também vem para comprovar sua necessidade (SEGUY, 2015, p.523).

Dessa forma, a ação humanitária ignora a população haitiana como sua interlocutora direta, tampouco considera suas experiências e nem mesmo aproveita a mão de obra local na execução de seus projetos, resultando em benefícios nulos para o povo, reduzido a “populações locais”, a quem sequer se deve uma prestação de contas.

(...) o haitiano é tido como de quinta categoria. Hoje, os melhores empregos, em termos salariais, são oferecidos pelas ONGs, com o detalhe de que são concedidos aos cidadãos de países estrangeiros – os haitianos tendo de se satisfazerem com as posições subalternas ou de segunda classe (SEGUY, 2015, p.524).

O deslocamento surge, assim, como a única opção para milhões de haitianos sustentarem suas famílias, manterem seus filhos na escola, além de preservar o comércio haitiano, difundido – em sua maioria – através da produção local. O dinheiro vindo das remessas enviadas pelos haitianos que vivem no exterior circula e movimenta a economia do país, *“porque assim é que está o haitiano: aquele que viaja e consegue um serviço, ajuda aquele que fica e tem mais necessidade”*.

A lógica da acumulação, apoiada na mão de obra a baixo custo, fez com que a produção buscasse áreas com mão de obra barata e que a mão de obra barata procure as

áreas em que se acumulam os meios de produção, iniciando um ciclo de migração regido pela ordem globalizada do trabalho.²⁷

O sistema globalizado cria assim um ambiente onde o subdesenvolvimento tecnológico de algumas regiões faça com que elas se distanciem do mercado global gerando, desta forma, uma rede de pessoas que, para bem se manterem como parte do sistema, integradas à sociedade de consumo, submetam-se a condições desumanas para busca da sobrevivência. Muitas vezes a inclusão no sistema significa a exclusão moral e social, uma inclusão excludente ou inclusões perversas, degradantes, marginais e subordinadas (SOUZA, 2013).

Seja para as ilhas caribenhas mais próximas ou para destinos mais distantes, como os países da América do Sul, Estados Unidos e o Canadá; ou um deslocamento sazonal, que permite que o sujeito viva um tempo fora e retorne com frequência para sua casa e sua família, ou até mesmo uma imigração definitiva para outro país, a migração é um hábito bastante difundido entre os haitianos. A princípio, o destino daqueles que viviam nas maiores cidades do país, mas que a partir do terremoto passou a abranger também, mais e mais, aqueles que viviam nas áreas rurais.

Migrar, portanto, é uma via para aqueles que vêm um meio de vender a sua força de trabalho, uma forma que esses sujeitos encontraram para fazer parte da sociedade baseada em trabalho e consumo. Ainda que distante dos modelos dos ditos países desenvolvidos, a migração significa uma tentativa de aproximação desse modo de vida ainda mais difundido a partir da globalização.

A possibilidade de poder voltar com passaporte estrangeiro também é um agravante para o êxodo atual. Sabendo que os melhores empregos estão ligados às organizações internacionais instaladas por todo o Haiti e reconhecendo que esses empregos são

²⁷ Globalização é o nome dado ao, já antigo, processo de internacionalização ou de criação do mercado mundial nascido com o próprio capitalismo, que assumiu o protagonismo econômico a partir das três últimas décadas do século XX. Nessa ordem econômica, o movimento das economias nacionais dentro das fronteiras políticas dos Estados nacionais passa a ser ultrapassado pelo movimento das empresas multinacionais e transnacionais, de número muito restrito, que atuam, com agilidade quase desembaraçada, no cenário do mercado mundial. As leis intrínsecas do modo de produção capitalista manifestam-se, por isso mesmo, com maior intensidade, determinando a mercantilização e a financerização de todas as relações econômicas e sociais. As alterações nas relações de produção não atenuam a essência do modo de produção capitalista; ao contrário, fortalecem seus traços fundamentais. Esses traços fundamentais resumem-se no capital e na sua dinâmica. Um dos indicadores ideológicos de tal fenômeno explicita-se no discurso sobre a vontade inelutável da competição e, em consequência, sobre as virtudes ecumênicas da competitividade. Proclama-se, na teoria econômica, a soberania virtuosa do mercado e repele-se toda intervenção externa que possa afetá-la ao atingir o curso espontâneo e autônomo dos agentes mercantis (GORENDER, 2007).

concedidos a estrangeiros, muitos diásporas retornam ao seu país, sobretudo os que fazem sua formação acadêmica, e podem se empregar como expatriados nessas organizações.

O haitiano inteligente é aquele que, durante sua pós-graduação no exterior aproveita para arranjar um segundo passaporte (de estrangeiro) e se fincar de vez na sua terra de adoção. Por isso pode, num futuro não muito distante, garantir-lhe um salário nobre dentro do Haiti, enquanto seu camarada de turma que, alguns anos atrás havia feito a escolha de regressar livremente para trabalhar no Haiti, continuará recebendo um salário “nacional”, isto é, de quinta categoria. E justamente, no espetáculo da cooperação internacional vigente no Haiti hoje, há bastante haitianos da dita diáspora que se usam de seus segundos passaportes para trabalharem no Haiti como expatriados seja, na Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti (MINUSTAH) ou em outras entidades (Ibidem, p.525).

Assim, os haitianos que conseguem reunir recursos para viajar não costumam hesitar em sair de seu país. O destino costuma ser discutido com a família e com todos aqueles que ajudam a custear a viagem, e normalmente é eleito a partir de informações de parentes e amigos que já passaram pelas rotas escolhidas.

A permanência no novo país costuma ser incerta. Nem todos os migrantes desejam fixar-se definitivamente em outras nações, para muitos o “viajar” é transitório não conseguindo afirmar o desejo de permanecer no país onde estão, tão pouco confirmar se um dia voltarão ao Haiti. Para outros, como é o caso de Johnny, o mínimo de estabilidade garantida pelo Estado foi o suficiente para encorajar a trazer a família. A possibilidade de garantir educação gratuita para os filhos, por exemplo, foi preponderante nessa decisão.

A interferência estrangeira favorece, assim, uma condição de exterioridade para esses sujeitos, cujas urgências não permitem “a espera nem a esperança”²⁸, lançando sucessivas gerações à migração, também como forma de fazer resistir àqueles que permanecem no Haiti. O fenômeno do deslocamento, enfim, precede a catástrofe natural do terremoto, vendo-se agravado por ela e ainda mais pela interferência maciça estrangeira que o país passa a receber a partir de então.

3.3. O terremoto

Não é necessário muito tempo de conversa para compreender o impacto que o terremoto de 12 de janeiro de 2010 teve na vida dos haitianos. Presente na fala de praticamente todos os haitianos que conheci, os abalos, se não foram vivenciados foram

²⁸ THOMAZ, 2010, p.24.

sentidos, impactando diretamente todas as experiências e decisões desses sujeitos a partir de então.

O tremor que durou menos de um minuto deixou um rastro trágico de cerca de trezentos mil mortos, trezentos mil feridos e algo em torno de três milhões de desabrigados, além de mais de mil e trezentos edifícios educacionais e cinquenta hospitais e centros de saúde destruídos.

O terremoto principal, com sete graus na escala Richter, teve seu epicentro próximo a principal cidade e capital do Haiti, Porto Príncipe, no período de fim das férias, em que muitos diásporas passavam os feriados de final de ano em seu país.

O fim das férias dos diásporas coincidia também com o início das aulas em Porto Príncipe. Willy estava de volta à cidade e na tarde do dia 12 voltava do seu segundo dia de aula do curso técnico de eletroeletrônica; assim como a jovem Yvious, irmã de Johnny que tinha acabado de retornar às aulas no Colégio de Meninas, da capital.

Era o segundo dia de aula, por isso nós fomos dispensados mais cedo. Eu saí da escola com um colega e fiquei conversando com ele na porta da sua casa; perto das quatro horas da tarde eu me despedi dele e voltei para casa. Eu me lembro que abri a porta e vi o relógio marcando 4:50 foi o tempo de deixar o meu material da escola no quarto e abrir a casa, quando voltei para a porta da frente tudo começou a tremer, era 4:53. Eu não entendi o que estava acontecendo, era tudo muito rápido e muito forte. A terra fazia um rugido e eu pensei: “Deus decidiu acabar com Haiti”.

Foi tudo muito rápido, não sei se durou um minuto e quando acabou eu só via fumaça, uma poeira muito forte. A casa onde eu morava suportou, toda a rua onde eu vivia ficou de pé, só caiu um muro na casa de frente para minha. Por ali ninguém morreu, mas indo para frente de casa eu olhava ao redor e era possível ver fogo nas partes altas e ouvir algumas explosões. Duas ruas para baixo da minha, chegando na esquina, um posto de gasolina pegou fogo e dali para frente muita gente morreu. Aí era muita gente morta e tudo tava desabado.

Willy que morava com a tia e o primo mais jovem estava sozinho em casa quando o terremoto aconteceu e não sabia exatamente o que fazer quando o principal tremor acabou, pois os telefones ficaram mudos, a energia acabou e a comunicação tornou-se impossível. Ele resolveu ficar em casa esperando a sua tia, que é comerciante, que logo chegou, e também seu primo, que conseguiu fugir da escola, surgiu em seguida bastante assustado, apenas com algumas escoriações.

Depois que todos estávamos juntos, nós fomos para o estádio, o estádio de futebol. Lá nós passamos uns quinze dias, pois não era seguro ficar em casa, era muito perigoso dormir ali. A terra tremeu muito ainda, acho que por uma semana ou dez dias, às vezes tremia mais forte. Quando acontecia um novo tremor todo mundo se assustava e saía correndo do estádio e ficava no meio da rua. Todo mundo tinha medo que o estádio também desabasse, todo mundo estava muito assustado.

Já Eddy narra que estava no ônibus a caminho da República Dominicana quando a terra tremeu. *Quando aconteceu o terremoto eu já vivia na República Dominicana, tinha voltado dia 25 de dezembro de 2009 para o Haiti para passar férias e no mesmo dia que passou o terremoto, dia 12 de janeiro de 2010 eu estava de ônibus voltando, eu estava na fronteira com a República Dominicana quando tudo aconteceu e depois eu queria voltar e não dava mais, o ônibus parou porque não passava mais nada. Ninguém sabia direito o que estava acontecendo e não tinha também como saber, porque a comunicação foi cortada; então a gente ligava e não conseguia ter informação nenhuma, porque nada funcionava. Na fronteira a gente só teve informações depois que um avião dominicano sobrevoou o Haiti. Por terra a gente não conseguia saber de nada, só pelo ar a gente começou a entender o que é que tinha acontecido.*

A partir daí o Haiti começa um movimento interno de cooperação na tentativa de salvar as vítimas, resgatar seus mortos e auxiliar os sobreviventes. Pessoas se deslocavam do interior do país em direção à capital em auxílio de seus parentes e amigos. Os *diasporas* voltavam do exterior, também, pelo mesmo motivo.

O terremoto foi democrático e atingiu indistintamente a todos, desde as áreas mais pobres de Porto Príncipe até prédios do governo e as áreas que abrigavam os escritórios e membros mais influentes das organizações internacionais, acampados há décadas no Haiti.

Comerciantes organizavam-se para suprir a alimentação e a água, grupos religiosos montavam vigílias para acolher os sobreviventes e aqueles que vinham de fora da cidade em busca de notícias²⁹. Mas também aqui a divisão social, percebida desde a gênese da sociedade haitiana, se fez presente.

Willy contou que a alimentação e água recebida nos dias em que ficou no estádio vinham de comerciantes locais; quando questionado se as pessoas abrigadas no estádio também auxiliavam no resgate às vítimas, informou com naturalidade que não. Um ou outro talvez, mas só quem tinha parentes ou amigos próximos precisando de ajuda.

²⁹ “As pessoas começaram a organizar tendas e sem ajuda de qualquer organização distribuíram água e comida e cantavam oravam e dançavam” (Ibidem, p.27).

Nos relatos do Professor Omar Ribeiro Thomaz ele nos explica que até mesmo em meio à cooperação, haitianos pobres auxiliavam haitianos pobres e haitianos ricos auxiliavam haitianos ricos, bem como estrangeiros auxiliavam os estrangeiros.

Não vimos nenhum carro, nem civil nem militar, das Nações Unidas. Não víamos nem escutávamos ambulâncias (hoje vejo que só nós esperávamos ouvir ambulâncias). Não passou nenhum carro para recolher os corpos que se acumulavam pelas ruas. Afinal onde está Minustah? – perguntávamos. Os haitianos pareciam saber: parece que todo o efetivo Militar da Minustah se concentrava no trabalho de salvar os membros da ONU no Hotel Cristophe. Cerca de 6 mil efetivos militares. Uma minoria estava trabalhando no Montana. A ONU ajuda a ONU, os haitianos ajudam os haitianos (2010, p.26).

Dessa forma, a ajuda humanitária era nula pois os estrangeiros ocupavam-se somente de suas questões. Assim, os haitianos não esperaram nem mesmo pelo Estado, já tão precário, ou pela ajuda humanitária internacional.

Muitas coisas vieram de fora, muitos médicos e outras pessoas vieram ajudar, mas eles não podiam entrar; eu não sei onde eles ficavam, mas eles não podiam entrar no Haiti. Muitos haitianos que foram resgatados eram levados no colo ou em carrinhos de mão até a fronteira com a República Dominicana. Lá eles eram atendidos por médicos que vinham de todas as partes do mundo. Se a condição da pessoa não fosse grave ele era atendido nos hospitais da República Dominicana, mas se a situação fosse mais séria muitos, muitos feridos eram levados para outros países para serem atendidos fora, e alguns não voltaram nunca mais.

As narrativas de nossos colaboradores nos trazem a ideia de uma sociedade tentando se recompor nos dias que sucederam a tragédia. É unânime a ausência da ajuda humanitária em suas falas, e as soluções por eles encontradas eram todas baseadas em suas vivências.

Muitos retornaram para o interior, como no caso de Patrick, que apesar de não ter vivido o terremoto estava voltando de férias para seu trabalho no banco e seu curso de contabilidade na universidade de Porto Príncipe. *Foi muito difícil chegar e ver que o banco não existia mais, a faculdade também não, a casa onde eu morava também tinha caído. Eu não tinha o que fazer lá então voltei para casa da minha família para trabalhar com meu pai na plantação de banana até conseguir dinheiro para ir para a República Dominicana.*

A intenção era clara: poder se organizar para fazer parte da diáspora, era preciso migrar. A diáspora neste momento era imprescindível para o funcionamento do Haiti. O comércio local, que a duras penas tentava manter o fluxo de produtos vindos do interior circulando pelo país, dependia diretamente do dinheiro vindo do estrangeiro uma vez que

nenhuma instituição financeira presente no Haiti havia resistido ao terremoto. Viver no estrangeiro neste momento passa a ser um ato quase heroico.

Com a consternação internacional promovida através da divulgação das imagens do caos, da destruição e da barbárie forjada, milhões de dólares são arrecadados em favor da reconstrução do Haiti. Era o “show da ajuda humanitária” (THOMAZ, 2010, p.28).

No Haiti, também o espetáculo emerge como uma inversão concreta da vida, tornando-se a expressão - por uma parte da sociedade - primordialmente da opinião pública internacional guiando um olhar iludido e formando uma falsa consciência.

Como nos aponta Guy Debord (1997), toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era diretamente vivido se afastou em uma representação. As imagens que se desligaram de cada aspecto da vida misturam-se num fluxo comum, onde a unidade da vida já não pode ser restabelecida e o mentiroso mente a si mesmo. O espetáculo em geral estabelece-se como a inversão concreta da vida, um movimento autônomo do não-vivo.

Milhões de dólares eles diziam, milhões de dólares foram enviados para o Haiti. mas o haitiano nunca soube o que foi feito desse dinheiro. As coisas já não eram fáceis por lá, tudo era muito sofrido, mas depois desse terremoto, olha, eu sinceramente não sei o que vão fazer do Haiti.

As palavras de Willy refletem a perspectiva de alguém que viu seu país transformar-se em uma espécie de balcão de negócios, para o qual os haitianos não foram convidados a participar. A oportunidade de “refundar” o Haiti (SEGUY, 2015) atraiu ainda mais organizações estrangeiras impulsionadas com capital internacional.

O Haiti é, assim, transformado em *hipergueto*³⁰ - como explicado por Bauman - através de ações estrangeiras fundadas ainda na postura hegeliana, que compreendia que o único caminho para a autodeterminação era aquele percorrido pelos europeus (aqui representados pelas instituições estrangeiras), desconsiderando a materialidade da presença haitiana, suas necessidades, perspectivas e experiências.

Tudo se configura como uma oportunidade: desde a retirada de escombros feitas exclusivamente por empresas privadas (nenhuma delas haitiana), até as soluções para o tratamento e contenção da epidemia de cólera, trazida para o país após o terremoto por

³⁰ Compreendendo gueto como o espaço em que a segregação junta-se ao abandono físico e à superpopulação, exacerbando assim males urbanos como a criminalidade, a desintegração familiar, a pobreza e a falta de participação na vida nacional.

tropas das Nações Unidas. Tudo se tornou em forma de ganhar dinheiro, não para qualquer um ganhar dinheiro, mas para estrangeiros ganharem dinheiro através da ajuda humanitária.

O Haiti tornou-se um grande empreendimento para o qual o povo haitiano não foi convidado a participar. As organizações internacionais propõem a refundação do Haiti aos moldes da pretensa civilização trazida pelos estrangeiros.

Era a história mais uma vez se reproduzindo de forma trágica, ignorando os esforços das instituições e relações estabelecidas entre os próprios haitianos, que permitiram que sobrevivessem a toda a tragédia imposta a eles.

Aguardar ajuda estrangeira a história já havia provado que não era uma opção. Migrar parecia a única saída possível. Para os que já viviam fora, as perspectivas traçadas em seu país acendiam a busca por novas rotas; para aqueles que nunca tinham saído, esperar já não era uma opção; e para aqueles que só tinham viajado a passeio, considerar a migração tornou-se uma questão de honra.

Para os haitianos, portanto, mais do que para a “sociedade da impaciência” o tempo se estabelece como um ladrão que zomba de sua luta e resistência, furtando seu direito de reconhecimento e inserção, tomando as oportunidades que poderiam ser aproveitadas. Por isso partir torna-se urgente.

Esperar é uma vergonha, e a vergonha de esperar recai sobre aquele que espera. A espera é algo de que se deve envergonhar porque pode ser observada e tomada como prova de indolência ou baixo status, vista como sintoma de rejeição ou sinal de exclusão (BAUMAN, 2005, p. 135).

4. DESLOCAMENTO DE VIDAS E CULTURA

*Acalmou a tormenta
Pereceram
O que a estes mares ontem se arriscaram
E vivem os que por um amor tremeram
E dos céus os destinos esperaram*

(Diáspora – Tirbalistas)

Eddy Dorleus

Meu nome é Eddy Dorleus, eu nasci em 2 de novembro de 1984, na cidade de Petit-Goâve, no sul do Haiti.

Eu deixei o Haiti para ir viver na República Dominicana, eu vivi lá por seis anos, trabalhando na construção civil como pintor; fazia pintura, grafiato, massa corrida. Mas aqui no Brasil eu nunca consegui trabalhar com isso, até fiz algum serviço particular na casa de algum amigo, mas só para haitiano mesmo. Porque se eu conseguisse uma maneira de seguir com a minha profissão, logo deixava meu trabalho, ia viver da minha profissão, mas eu não posso deixar porque tenho minha família para cuidar e eu não posso deixar eles sofrerem, então eu continuo trabalhando onde estou.

Deixei o Haiti para trabalhar quando eu tinha 22 anos. No Haiti eu comecei trabalhando colocando película nos vidros dos carros e também fazia letreiros, caligrafia nas fachadas e paredes dos comércios.

Quando aconteceu o terremoto eu já vivia na República Dominicana, tinha voltado dia 25 de dezembro de 2009 para o Haiti para passar férias, e no mesmo dia que passou o terremoto, dia 12 de Janeiro de 2010 eu estava de ônibus voltando, eu estava na fronteira com a República Dominicana quando tudo aconteceu e depois eu queria voltar e não dava mais, o ônibus parou porque não passava mais nada. Ninguém sabia direito o que estava acontecendo e não tinha também como saber, porque a comunicação foi cortada então a gente ligava e não conseguia ter informação nenhuma, porque nada funcionava. Na fronteira a gente só teve informações depois que um avião dominicano sobrevoou o Haiti. Por terra a gente não conseguia saber de nada, só pelo ar a gente começou a entender o que é que tinha acontecido.

A maior parte da minha família vivia em Porto Príncipe, só meu pai e minha mãe vivem em Petit Goave. Uma grande parte da população da capital de Porto Príncipe veio de outras cidades para viver estudar e trabalhar ali, e assim que se passou o terremoto todos eles voltaram para suas cidades, para casa de suas famílias. Era preciso limpar a cidade, recolher os mortos e só depois essas pessoas voltaram, algumas não voltaram mais.

Depois de ajudar a minha família por uns dias em Porto Príncipe então eu voltei para República Dominicana. Eu tinha passaporte dominicano, então era bem mais fácil ir viver no Equador. O dominicano não precisa de visto para ir para o Equador.

Eu já pensava em vir para o Brasil, então saí da República Dominicana para o Equador, e no Equador fiz meu visto para poder vir para cá. Eu vivi três meses no Equador e assim que saiu meu visto, vim para o Brasil. E no dia 8 de novembro vai fechar cinco anos que eu vivo no Brasil, cheguei em 8 de novembro de 2013.

O que faz a gente sair do Haiti para trabalhar é que tem sempre um amigo na frente, tem sempre um amigo fora. Esse amigo chega num lugar, ele consegue oportunidade de emprego, aí outros amigos vão procurá-lo, vão viver com ele e assim vai como uma corrente.

A gente não viveu o terremoto, a gente não saiu por causa do terremoto. É como se tivesse um terremoto no Brasil, na cidade de São Paulo que é a maior cidade do país, aqui em Brusque a gente não ia sentir o tremor, mas a gente também seria afetado. Eu nunca vivi, nem por um segundo, a experiência do terremoto e já não vivia no Haiti antes dele. '

As pessoas me perguntam “como foi o terremoto?” e eu digo “não sei, porque eu nunca vivi o terremoto” e elas ficam decepcionadas, mas eu não sei realmente como é porque eu não vivi.

Mas o terremoto afetou a todos, porque não existe pessoa que não tem algum parente em Porto Príncipe, as pessoas de todas as outras cidades do Haiti têm alguém da família em Porto Príncipe. Porque lá tem oportunidades: quem quer estudar vai para Porto Príncipe, quem quer trabalhar consegue emprego em Porto Príncipe, lá tem muitas coisas, então muita gente vai viver lá. É a capital, é a maior cidade. É como pensar que cortaram a cabeça de um corpo, o terremoto cortou a cabeça do Haiti quando Porto Príncipe inteira caiu.

O terremoto fez com que o haitiano que já vivia fora fosse buscar outras oportunidades e elas apareceram. Elas apareceram no Equador, apareceram no Chile, no Brasil, na Guiana Francesa, nos Estados Unidos, no Canadá.

Eu, por exemplo, tenho parentes nos Estados Unidos, no Chile, no Canadá, na França. Um número muito grande de haitianos há anos já não morava no Haiti, muito antes do terremoto. Pra comparar, é como se os haitianos anos tivessem chegado ao Brasil só no mês passado, porque nos Estados Unidos, por exemplo, tem haitiano morando há quase cinquenta, sessenta anos.

Quando eu cheguei no Brasil, em São Paulo, fui lá para rodoviária. Aí liguei para o meu primo que mora em Cuiabá, para saber para onde tinha que comprar a passagem de ônibus; mas eu tentei ligar para ele várias vezes, eu cheguei na rodoviária às oito da manhã e fiquei até quatro horas da tarde tentando ligar para ele e não conseguia conversar, então eu vi lá um outro haitiano e ele disse que estava vindo para Santa Catarina, estava comprando uma passagem para Chapecó e disse que Santa Catarina era um lugar muito bom de emprego. Então eu disse que ia com ele, mas ele disse “não, é meu cunhado que mora lá e ele não tem como abrigar todo mundo”, porque não era só eu, nós éramos em quatro. Era eu, Wilson o Esae e Serdieu, e ele não ia ter espaço para todo mundo.

Eu e Serdieu nos conhecíamos da República Dominicana, nós trabalhávamos juntos e eu conhecia toda a família dele, porque a família dele é mistura com dominicanos, quase toda a família dele já vivia na República Dominicana. Então nós saímos de lá juntos e conhecemos Wilson e Esae no aeroporto.

Porque todo haitiano tem um coração, tem alguma coisa. Porque mesmo aqui às vezes eu tô andando e, se vejo um preto passando ou trabalhando em alguma coisa, já vou logo olhando para ver se não é haitiano.

Mas então eu comprei passagem para Balneário Camboriú para nós quatro e eu cheguei e não conhecia ninguém. Nós chegamos na cidade era cinco horas da manhã e saímos da rodoviária para ver se a gente conseguia ver algum haitiano pela rua mas andamos, andamos e não conseguimos encontrar nenhum. Nós caminhamos quase 4 km e não vimos nada, não encontramos ninguém então chegamos na calçada, na beira da praia e eu estava preocupado, então resolvi louvar a Deus.

Eu tinha preocupação porque eu era responsável pelos meus companheiros de viagem, eles vieram comigo porque eu decidi comprar passagem para Santa Catarina e a

gente não tinha dinheiro o suficiente para pagar um quarto. Eu não podia sentir medo, por eles, e foi por isso que orei para Deus.

Aí parou um carro e desceu um homem que veio falar com a gente, era o Hugo e ele perguntou “onde vocês moram?” e eu disse que a gente não tinha um lugar para morar porque a gente tinha gasto quase todo dinheiro comprando as passagens. Ele perguntou “em qual hotel vocês estão?” e eu disse “não, nós não temos condição de pagar um hotel”. Então ele pediu para que esperássemos ali e ele foi buscar a esposa dele, a Fabíola, e quando ela chegou e veio conversar com a gente ela só nos disse “não, vocês não podem ficar na rua”. Então eles nos trouxeram para Brusque, no carro deles, e pagaram um hotel para a gente por cerca de dezenove dias. Então deram emprego para a gente na empresa deles, a Só Ferro, e depois nos ajudaram a alugar um apartamento.

Depois de um ano eu consegui trazer a minha esposa e agora cada um tem sua casa, aos poucos cada um foi para o seu canto, graças a Deus.

Agora a vida aqui no Brasil está boa, eu tenho uma casa, eu tenho trabalho e posso trabalhar para mandar dinheiro para o meu filho no Haiti. Preciso trabalhar para tentar trazer ele para cá, porque todo mês eu mando o dinheiro para ele, para pagar a escola e para pagar as despesas dele e também mando dinheiro para ajudar meu pai e minha mãe e meus irmãos, sempre que consigo.

Porque lá no Haiti não é como aqui no Brasil. Aqui, às vezes um parente mora na frente e o outro mora atrás, mora um do lado do outro e uma pessoa é capaz de fazer comida e comer sozinha, mas não chama o outro para comer, eu acho isso muito estranho. Porque no Haiti não tem isso, lá é tudo repartido: os filhos repartem com os pais, os pais repartem com os filhos. Comida reparte, dinheiro reparte. Aqui no Brasil se o irmão vai para um lugar de carro, ele é capaz de cobrar a gasolina do irmão que vai de carona com ele, eu acho isso muito estranho. Eu acho isso muito estranho no Brasil.

É por isso também que fizemos a nossa igreja, porque desde que cheguei aqui eu frequentava os cultos e um dia o pastor me chamou, e ele falou porque que eu nunca falava nada, eu ia para os cultos e só ficava quieto. Mas é porque eu não concordava, porque é muito difícil coordenar os povos, é muito difícil dirigir povos diferentes porque cada povo tem suas ideias. Eu simplesmente não aceitava as coisas que ele falava. Então eu fui a Curitiba para fazer um curso de pastor, isso vai completar quatro anos que eu posso pregar a palavra de Deus.

Aí então eu pude presidir nossos cultos. Há dois anos nós alugamos esse galpão e fizemos a nossa igreja e nunca deixamos de pagar as nossas contas, Deus sempre nos proveu e mês passado, então, nós recebemos uma carta de que não querem renovar nosso contrato. Nós já tentamos falar com a imobiliária e com os donos do galpão e eles nem aceitam falar com a gente, então agora nós temos que procurar um outro imóvel, mas eu fico preocupado porque essa igreja é uma coisa importante para os haitianos.

Figura 12. Johny Siffard e Eddy Dorleous, com Marise e Luiz Ruiz - Janeiro/2019
Foto: Marcos Vinicius Vale

Figura 13. Eddy com a filha Neijussa - Agosto/2016
Fonte: Jornal O Município

Figura 14. Edson Lins Dorleus
Fonte: Arquivo do colaborador

Figura 15. Neijussa Dorleus
Fonte: Arquivo do colaborador

Figura 16. Divid djulins Dorleus
Fonte: Arquivo do colaborador

Figura 17. Divid djulins Dorleus
Fonte: Arquivo do colaborador

Eddy foi um dos primeiros haitianos a chegar em Brusque, ainda no ano de 2013, e o conheci no ano seguinte, nas vésperas da chegada de sua então namorada Nerline. Na época, o auge da chegada de seus compatriotas à região, Eddy exibia-se orgulhoso por ser o primeiro entre seus amigos a conseguir reunir condições para trazer a companheira, do Haiti.

Nascido em Petit-Goâve, cidade de aproximadamente 117 mil habitantes e praias paradisíacas, no sudoeste do Haiti, Eddy deixou o país para trabalhar como pintor na República Dominicana ao terminar o ensino médio, aos 22 anos.

O homem comenta o hábito haitiano de migrar e desvinculando o terremoto dos deslocamentos; ele acredita que o terremoto favoreceu o surgimento de novas rotas, a partir de oportunidades em países antes não tão procurados pelos migrantes haitianos.

A história de sua chegada e o encontro com o casal que viria a ser seus futuros patrões é repetida por quase toda a comunidade haitiana em Brusque, o que acaba por

conferir um ar de epopeia à memória por ele contada, repetidas vezes, desde que nos conhecemos, todas com a mesma emoção.

Essa história parece creditar a ele embasamento para a posição que ocupa, há quatro anos, como pastor da igreja da comunidade haitiana. A narrativa inspira a fé de seus amigos e frequentadores de seus cultos e reafirma a força de sua própria fé, um traço cultural muito forte entre todos os nossos interlocutores.

Eddy é pai de um casal de crianças nascidas no Brasil, e deseja trazer para cá o seu filho mais velho, de 12 anos, que vive no Haiti com seus pais.

Embora seja muito grato ao trabalho e à sua condição de moradia, Eddy ainda estranha bastante alguns costumes brasileiros. Acostumado às relações haitianas, fortemente apoiadas em sistemas de solidariedade, Eddy diz não compreender o individualismo que ele considera bastante comum entre os brasileiros, e preocupa-se com a manutenção da empatia, sentimento bastante comum entre nossos interlocutores.

4.1 O real maravilhoso como perspectiva

O real maravilhoso é um estilo literário latino americano que apresenta um formato barroco de narrativa, em que o ser humano está constantemente entre o céu e a terra, o que promove sempre uma tensão em meio a personagens díspares, saídos de uma cultura composta por fragmentos de outras culturas, compondo assim uma espécie de tradução do “choque de civilizações” provocado pelo engendramento das culturas, imposto pela exploração europeia do período colonial. A natureza exuberante, as vicissitudes diante de um universo desconhecido, a dor transformam-se em poesia, por meio de uma linguagem metafórica que se funde à narrativa histórica.

É muito provável, como nos aponta Octávio Ianni, que essas peculiaridades da história e do pensamento, em suas realizações e frustrações, sejam o que há de mais característico da modernidade latino-americana e caribenha. Uma modernidade entre barroca e mágica, indo-americana e afro americana, ibérica e ocidental, original e esquizofrênica. Para o autor, é dessa forma que as nações latino-americanas,

(...) cada uma a seu modo, e todas como se fossem um concerto de grande envergadura, se constituem como processos históricos e mentais, realidades sociais em devir, possibilidades de realização e criação. Em todos os casos, e em todas as épocas, compreendendo tanto o colonialismo e o imperialismo como o globalismo, o que está em causa é o enigma envolvido no contraponto pensamento e pensado, conceito e metáfora, categoria e alegoria. Subsiste sempre a impressão de que o pensamento, em suas várias e diferentes

modalidades, não apreende o que realmente está ocorrendo, quais são os problemas e os dilemas cruciais. É como se o processo de conhecimento se intimidasse diante do que pode revelar o esclarecimento.³¹

A história de um país, forjada no sonho de liberdade e igualdade de uma sociedade de escravos em confronto ao decoro europeu, com toda sua ordem e instituições consagradas, transcendem a qualquer padrão de narrativa. Para Alejo Carpentier, o real maravilhoso já fazia parte da essência do povo latino-americano, os latinos já teriam nascido naturalmente surrealistas.

Como no livro do autor cubano, “O reino deste mundo”, em que personagens históricos da revolução haitiana se fundem a lendas e rituais religiosos, que permeiam o imaginário da população do Haiti, a perspectiva narrativa do real maravilhoso parece se inserir nos momentos em que a razão não dá conta de organizar os afetos de nossos interlocutores, diante da realidade que se impõe arrebatadora, diante da *“dramática singularidade dos acontecimentos”*³². Tornando possível, talvez, afirmar que o real maravilhoso não é fruto de uma inventividade, mas uma característica presente em nosso continente, que pode ser comprovada por seus acontecimentos históricos.

Em suas narrativas, o insólito deixa de ser a oposição à realidade e passa a incorporar-se ao vivido ao servir de símbolo distintivo da singularidade dos narradores.

Assim como Eddy, que ao temer por seu destino e de seus companheiros de viagem, em uma cidade desconhecida, de um novo país, decide louvar a Deus e recebe a graça de ser abordado por aqueles que se tornariam seus patrões até os dias atuais, Willy também narra uma experiência semelhante ao chegar em Brusque: *Eu vim para Brusque por causa do Johnny, que eu conheci no trabalho em Quito e mantive contato com ele pela internet. Quando meu visto ficou pronto, depois de quase quatro meses no Equador, comprei minha passagem até São Paulo e depois, na rodoviária, comprei a passagem de ônibus até Brusque.*

Johnny me orientou para procurar a prefeitura, então quando cheguei aqui peguei minhas malas e segui a pé até lá. Johnny já tinha me alertado para que eu ficasse na casa de passagem, mas quando eu cheguei na prefeitura me disseram que nós não podíamos mais ficar lá, eles não aceitavam mais haitianos, e eu fiquei muito preocupado porque precisava arranjar um lugar para ficar.

³¹ IANNI, Octávio. Enigmas do pensamento latino-americano. p.2.

³² Ibidem.

Eu não tinha dinheiro suficiente, eu não tinha o necessário para comer e ainda precisava fazer os documentos para poder conseguir um emprego. Eu não entendia nada do que me falavam na prefeitura embora eu falasse espanhol, não conseguia compreender o que me diziam. Uma mulher me entregou um bilhete indicando que eu procurasse um outro haitiano, que trabalhava em um supermercado, ela me disse que ele costumava receber novos haitianos em sua casa e que, talvez, ele pudesse me ajudar.

Eu não sabia o que fazer; peguei aquele bilhete, minhas malas e segui até o endereço do supermercado. Quando cheguei lá, fiquei na porta e logo avistei um haitiano que saía dali e perguntei para ele por Benito, o nome que eu trazia no bilhete, e ele disse que não conhecia. Nessa hora eu já estava quase desesperado, então orei para Deus para que eu tivesse calma. Eu estava tão nervoso que não percebi que tinha deixado o bilhete cair. Enquanto eu rezava senti o segurança do mercado bater no meu ombro, ele trazia o bilhete e me perguntou se eu queria falar com Benito e eu apenas concordei, pois não entendi direito o que ele me falava, e ele então fez sinal para que eu aguardasse. Um tempo depois ele voltou com um haitiano de dentro do mercado, era o Benito.

A princípio ele não podia me abrigar na casa dele, já tinha seis pessoas vivendo lá, mas pediu para que eu esperasse ali, que ele não ia permitir que eu ficasse na rua. Realmente a casa dele estava cheia, ele me levou para lá e deixou eu tomar banho e me deu comida, e permitiu que eu ficasse ali por três dias, até que eu pudesse encontrar outro lugar para ficar.

Então eu orei novamente agradecendo a Deus por ter me ouvido e louvei para que eu pudesse encontrar um emprego, pois eu não tinha dinheiro para poder pagar qualquer despesa. Todos na casa de Benito diziam que eu não conseguiria um trabalho sem ter meus documentos e eu disse “eu vou ter que conseguir, porque se eu não conseguir trabalho eu não tenho dinheiro para fazer o documento, eu não tenho como ir a Itajaí.” e eles riram de mim.

No dia seguinte eu saí com Pollins para procurar emprego, ele já conhecia melhor a cidade e veio comigo para eu não me perder. Nós seguimos a pé por uma rua e por outra, e no primeiro lugar que nós paramos para perguntar, eu consegui emprego. Era uma empresa que fazia blocos de concreto. Eu ainda não conseguia falar português, então Pollins me ajudou a explicar que eu ainda não tinha documentos e eles não se importaram, eles disseram que eu poderia começar e que depois que eu recebesse o meu

primeiro salário, eles me davam folga para ir até Itajaí. Isso era uma quinta-feira e eu comecei a trabalhar na segunda.

Hoje em dia eu me pergunto como não fiquei preocupado porque, sem documento, eu não tinha garantia nenhuma. Mas eu não me preocupei porque tinha certeza que Deus tinha arrumado esse emprego para mim. E foi isso mesmo, depois de um mês de serviço eles me deram folga e eu pude ir para Polícia Federal fazer meus documentos tudo certinho.

Willy, assim como Eddy, atribui a Deus o mérito por suas conquistas, diante das incertezas que viveu nos momentos que sucederam a sua chegada no Brasil.

Johnny narrou a oração que antecedeu o aparecimento de sua irmã em meio ao caos de Porto Príncipe após o terremoto. Da mesma forma em que Jimmy diz não ter planos de ficar ou deixar o Brasil, pois quem decide por ele é Deus. Jennifer, por sua vez, explica o medo da violência no Haiti provocada por pessoas adoradoras do demônio.

Tal qual os personagens de Carpentier, nossos interlocutores anseiam sempre por uma felicidade situada além da posição que lhes é outorgada e veem em sua espiritualidade o caminho para enfrentar e resistir ante às dúvidas e dificuldades. Acreditando, como desvela o autor ao fim de sua obra, que oprimidos por penas e tarefas, perfeitos dentro de sua miséria, capazes de amar em meio às pragas, só podem encontrar sua grandeza, sua máxima medida, no Reino deste Mundo.

Nas palavras de Carpentier, os dicionários nos dizem que o maravilhoso é o que provoca admiração por ser extraordinário, excelente, admirável. O extraordinário não é obrigatoriamente belo ou formoso. Não é belo nem feio: é, sobretudo, assombroso; tudo o que sai das regras estabelecidas é maravilhoso. E, principalmente, uma forma de explicar o presente e onipresente de vivências, tão costumeiramente insólitas.

4.2 Kreiòl e reminiscências Vodú

Ao deixar o seu país o emigrante não deixa apenas um território, família, e amigos para trás, mas também uma série de estruturas que orientavam sua vida. A língua que permite a sua comunicação com todos, a localização espacial que lhe permite se locomover por todo seu território, as memórias de seu espaço, suas leis e normas sociais, sua cultura.

A cultura é uma capacidade singular da espécie humana de organizar as experiências e as ações através de símbolos. Cultura não é a matéria, mas é a forma como o

ser humano estabelece suas relações com o mundo, seja ele material ou imaterial (SAHLINS, 1997, p. 53).

Em um país como Haiti, onde elementos culturais como a língua e a religião tiveram um papel preponderante na mobilização das forças populares para a revolução, que derrotou a violência e exploração colonial francesa, esses dois elementos se configuraram como um símbolo de resistência reforçados, em certa medida, pelos imigrantes.

Descendentes de africanos trazidos à força em uma travessia dolorosa, tendo seus laços afetivos e culturais desfeitos, na tentativa de apagamento da herança cultural de cada tribo nação; esses sujeitos carregam a história daqueles que viram sua cultura tribal silenciada, relegados à incomunicabilidade, sem a possibilidade de recriar laços de pertencimento. Dessa forma, violentamente desenraizados.

Essa estratégia colonial perversa procurava condenar o negro à dúvida de sua origem, fazendo-o ignorar seu ponto de chegada, transformando o sujeito escravizado num ser sem memória, sem afetividade, sem vínculos de pertencimento, sem história a ser partilhada, negando assim a sua humanidade (HANDERSON, 2010. p.72).

Joseph Handerson cita Homi Babha, ao dizer que “o estado colonial, a ideologia colonial perturba a representação social e psíquica do sujeito humano” (HANDERSON, 2010, p.73), com o tráfico e extermínio de pessoas, a imposição cultural, religiosa e linguística, inaugurando uma era de sofrimento e desenraizamento, com a perda da memória coletiva.

No contexto de extrema violência sobre a alma e o corpo ao qual os negros estavam submetidos, língua e religião no Haiti nasceram da síntese das reminiscências africanas e na marronage – o equivalente haitiano ao quilombo brasileiro – “reconstituíram a solidariedade étnica, recriaram suas tradições antepassadas e redescobriram a unidade espiritual para melhor afrontar os senhores brancos. É aí, nessas comunidades de resistência, que se constrói a consciência e autonomia política e cultural dos escravos” (HURBON, 1987, p. 67), realizando a coesão da população afrodescendente, impelindo-a à luta contra o domínio colonial francês.

A percepção do potencial que esses dois elementos culturais traziam para a resistência dos negros, levou a Igreja Católica e – posteriormente – as elites haitianas a propagar que seu uso era algo vergonhoso.

Para Bourdieu (1976) “a manutenção da ordem simbólica contribui diretamente para a manutenção da ordem política” (BOURDIEU, 1976, p.70), e as elites mulatas que

ascenderam ao poder após a revolução desejavam manter-se alinhadas às potências europeias. Para tanto, julgavam necessário desmobilizar a ordem simbólica que mobilizou os ex-escravos. Era preciso civilizar o Haiti.

Para os ex-escravos, o crioulo representava uma linguagem própria é a expressão do povo haitiano e o seu elemento de resistência frente ao poder colonial. Uma maneira através da qual os negros construíram sua própria linguagem. Enquanto o Vodou, por sua vez, era a expressão da consciência de sua diferença em relação ao mundo dos senhores, a força que alimentava a sua capacidade de resistência e de luta. A força política desses dois elementos era tanta, que todos os esforços voltaram-se para impedir a sua manifestação (HANDERSON, 2010).

Era necessário mostrar que a primeira república negra nascia à altura das sociedades civilizadas, e que o Vodou tinha potencialidades políticas que poderia gerar práticas suspeitas, perigos (HURBON, 1987, p.70). Desenvolvimento e civilidade estariam ligados às sociedades europeias ocidentais e tudo aqui que se desviasse desse padrão era cunhado como bárbaro e primitivo, impondo-se, assim, um novo sistema de referências que começou por desvalorizar os costumes antigos e os modos originais de existir.

Até 1987, o francês era a única língua oficial do país. A língua “Créole” era discriminada pela elite dominante e dirigentes do país. Perguntar a um haitiano o que pensava do Vodou, do *Créole*, era uma forma de pedir-lhe sua classe social, sua visão política, seu conceito da luta política e sua visão do futuro da sociedade haitiana. Mesmo assim, é muito difícil o haitiano rejeitar o *Créole* sem sentir uma falha na sua personalidade. O *Créole* teve o mesmo caminho que o Vodou, portanto, é chamado a desempenhar o mesmo papel. O professor Joseph Désir reconhece-o como: “Veículo privilegiado de uma herança [...] nada podia impedir-lhe jogar o seu papel histórico como instrumento de coesão e de unidade nacional. É graças à língua *Créole* que nossas tradições orais existem, permanecem e se transformam”. Assim, o *Créole*, como o Vodou, será a expressão direta das relações de classe no país (...) (HANDERSON, 2010, p.64).

A invasão norte americana também se justificou no objetivo de “combater a barbárie que atingia as massas haitianas em consequência das crenças do Vodou”. A prática, considerada a expressão da “haitianidade”, tinha força suficiente para mobilizar a população e recuperar a autonomia cultural do país frente à dominação racista dos norte americanos (HURBON, 1987, p.71).

Desse modo, a demonização do Vodou no Haiti passou a ser amplamente utilizada pelas forças de dominação estrangeira para esconder as reais contradições sociais do país. Principal disseminadora dos conceitos culturais ocidentais, a Igreja Católica e seu conjunto de ações com relação ao vodou desmobilizou a população, impedindo que o povo haitiano tivesse consciência real das contradições econômicas e dos antagonismos sociais.

Afinal, o subdesenvolvimento do campesinato não seria, de forma alguma, resultado da exploração secular e da violência impingida pelas classes dominantes, mas simplesmente fruto de mentalidade supersticiosa. São os feiticeiros e os espíritos que fazem sofrer o camponês e a população mais humilde haitiana; não as empresas e organizações estrangeiras, nem os grandes proprietários (o Estado, os grandes senhores, os altos funcionários, os especuladores). E a população tão fortemente ligada ao poder espiritual acabou por aceitar a violência do aparelho eclesiástico e por integrar o sistema cristão em seu próprio universo.

O dualismo ocidental impôs sua perspectiva em que o mundo torna-se palco de um conflito existente entre Deus e o Demônio, em que “Deus é o elenco positivo, já que o seu projeto inclui a felicidade humana, antes é a própria garantia desta, enquanto o demônio pretende justamente que esta não se efetive” (GOMES, 1996, p. 234). Todos os problemas enfrentados pela sociedade haitiana sejam eles de ordem natural, social ou econômica, passaram a ser interpretados pelo ponto de vista das instituições cristãs, como um problema causado pelo Vodun.

Nossos interlocutores haitianos em sua maioria são evangélicos, alguns frequentadores da Igreja Assembleia de Deus, outros da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Eddy Dorleous e Johnny Siffard presidem como pastor e vice pastor, respectivamente, uma igreja de matriz evangélica. Seus cultos e celebrações são todos realizados em crioulo, bem como as músicas falam sobre a cultura haitiana. Suas celebrações envolvem muita música e dança, bem como falas de outros membros da comunidade haitiana como Willy, por exemplo, que também teve seu contato com o divino, como já visto anteriormente. Com atividades diárias que envolvem estudos bíblicos em crioulo, ensaios de canto e dança, e vigílias de oração, a igreja acaba envolvendo a maior parte da comunidade haitiana instalada na cidade de Brusque.

Muito embora todos os colaboradores da pesquisa tenham desviado do assunto do Vodun, talvez possamos ver a sua herança, justamente na iniciativa que deu origem a igreja que, como a religião haitiana, “atua na produção e no reforço do sentimento de comunhão e de identificação, de maneira que os indivíduos possam constituir-se como sociedade, ou ainda melhor, como comunidade e lutar pela materialização desse universo na vida cotidiana” (HANDERSON, 2010, p.78).

4.3 As fronteiras da alteridade

As questões relativas à alteridade ocupam lugar cada vez mais significativo nas discussões sobre a sociedade. As reconfigurações do mundo contemporâneo exigem-nos uma maior compreensão do *nós* e do *outro* para, ainda que minimamente, alcançarmos o entendimento do contexto sociopolítico da atualidade, bem como ampliar as reflexões em torno do sujeito contemporâneo.

A crise de identidade que atravessa hoje o sujeito, cujas identificações culturais, de classe, sexualidade, etnia e nacionalidade estão sendo deslocadas, revela-se em meio a um contexto de instabilidade no qual as velhas identificações encontram-se em declínio, e as referências que davam aos indivíduos uma percepção estável da sociedade já não possuem fronteiras tão definidas.

O estrangeiro torna-se, assim, uma fonte para a reflexão desses fenômenos que marcam a contemporaneidade:

Quando desabam todas as referências que antes pareciam tão seguras, o estrangeiro surge como um alvo ainda mais necessário, como uma referência que extrai sua positividade de seu valor absolutamente negativo, de tudo o que não sou e que tenho de destruir para ser eu mesmo, já que não sei mais muito bem quem sou (ARBEX JR., 1998, p. 10).

Deslocado de seu lugar familiar, o imigrante encontra-se em trânsito – um ser entre culturas – e torna-se símbolo da impossibilidade da compreensão totalizante do sujeito. O imigrante faz incidir um olhar de estranhamento sobre os nossos conceitos de nação e de nacionalidade. É portador de uma dupla relação de aquisição e recusa identitária na sua busca de inserção no mundo. Por isso mesmo, torna-se o emblema do sujeito contemporâneo na sociedade globalizada, paradoxalmente nativo e estrangeiro, cosmopolita e de lugar nenhum.

Ao refletir sobre os deslocamentos, quando pensamos a imigração e emigração, torna-se indispensável que a análise seja feita para além das fronteiras geográficas. As fronteiras a serem percebidas estão na possibilidade de apropriações mútuas de espaços, no intercâmbio contínuo de práticas e valores, na possibilidade de novas relações sociais criadas entre os imigrantes e os sujeitos que assim os designam. Perpassando, assim, fronteiras que não são demarcadas, não são fixas, mas criações simbólicas e sensíveis, sempre suscetíveis à modificação.

“Eu gosto do povo daqui, mas quando eu cheguei fiquei muito decepcionado com o preconceito. Eu entendo que o preconceito existe em todo lugar, até no Haiti o haitiano é

capaz de ter preconceito de gente com sua própria cabeça. Mas ninguém nasce com preconceito, a gente tem preconceito porque quer. Eu posso escolher ter preconceito de você, ou não.”

Fazendo uma referência à sociedade estratificada por questões raciais – mulatos, negros privilegiados, negros desfavorecidos – no Haiti³³, Joseph Guerlin classifica o preconceito como algo comum, mas não deixa de revelar seu desconforto com questões vivenciadas em seus primeiros tempos em Brusque.

Priscilla Miglioli relatou algumas questões sobre essa época:

Eu e minha mãe tínhamos um imóvel – a nossa casa é em cima e embaixo; nós temos mais duas moradias que mantemos alugadas. Uma já estava alugada para uma família da Bahia e a outra, então, alugamos para os haitianos. A casa foi alugada para o Johnny [Siffard] e o Joseph [Guerlin], e eu fiquei bastante chocada com o comportamento dos vizinhos e dos outros inquilinos que já estavam instalados ali, antes.(...)

No dia em que eles fizeram a mudança minha mãe preparou uma janta para eles que tinham trabalhado o dia inteiro carregando, e descarregando o caminhão, e minha mãe não pensou duas vezes em chamar os dois pra comer conosco. No dia seguinte nossos vizinhos e nossos inquilinos nos questionavam se nós não tínhamos medo de trazer dois homens do Haiti para dentro de casa; se em nenhum momento nos passou pela cabeça que eles poderiam nos matar, como fazem uns com os outros no país deles, e eu fiquei chocada. Nunca imaginei que alguém podia pensar e dizer um absurdo desses!

Nossos outros inquilinos se trancavam dentro de casa quando os haitianos chegavam e o Johnny e o Joseph vinham nos perguntar se tinham feito alguma coisa errada. Depois de um tempo, de provocação minha mãe não aceitou mais alugar a casa para os nossos antigos inquilinos. Aí sim alugamos as duas casas somente para haitianos, chegamos a conviver com dez haitianos morando ali e eles contavam muitas coisas.

Me contaram de um motorista de caminhão no trabalho, que se recusava a trabalhar com eles; algumas vezes, também, que eu saí com eles na rua era nítido muitas pessoas atravessarem a rua por se recusar a passar na mesma calçada que eles, e eles percebem isso, voltavam magoados para casa.

³³ O mulato se distancia do negro por ser mais próximo do branco do que o negro, pela cor da pele. O negro privilegiado se distancia do negro desfavorecido, por ser mais próximo do modelo ocidental, não pela cor da pele, mas pela cultura. Esse sistema de representação estará presente na formação social haitiana desde pouco depois de 1804 e permanece até hoje, apesar do trabalho de valorização da cultura africana realizado pelos movimentos como o indigenismo, o negrismo etc. (HANDERSON, 2010, p.66).

Johnny confirmou o quanto a reciprocidade, através de uma interação mais igualitária lhe foi importante:

Tem a Priscilla, a mãe dela Jandira, a tia dela a Fernanda, a sua família também. Porque desde que eu cheguei na cidade, é como eu já disse para você, eu percebo muito preconceito e quando cheguei Priscilla não tinha nenhum problema conosco. Ela entrava na nossa casa conversava com a gente, a mãe dela também deixava a gente entrar na casa delas e a Fernanda, tia dela, que foi passear conosco.

Willy conta de sua experiência no trabalho:

Eu trabalho na mesma fábrica de estacas de concreto desde que cheguei em Brusque. Quando comecei a trabalhar lá éramos seis haitianos, e hoje só tem eu lá. A maioria dos outros foi embora do Brasil em 2016 e 2017, mas alguns assim que puderam mudaram de emprego. A gente começou trabalhando fazendo as estacas, tinha que trabalhar debaixo de sol e de chuva todo dia, era um trabalho muito pesado e assim que as pessoas tivessem oportunidade elas saíam dali.

Eu dependia desse emprego porque trouxe minha esposa do Haiti e logo ela engravidou, e meu patrão então foi me dando oportunidade. Hoje eu não trabalho mais fazendo estacas, trabalho na perfuratriz, mas me incomoda o comportamento do meu patrão. Ele fala para mim que eu sou o único negro de quem ele gosta, o único estrangeiro que ele aceita. Ele fala isso rindo e parece achar que isso é elogio, mas na verdade eu me sinto mal, eu me sinto muito mal de ouvir isso.

No trabalho, Jimmy também relatou uma questão com seus colegas de fábrica:

A minha patroa veio avisar, um dia, que estava sumindo a marmita de uma moça do escritório. Ela veio perguntar para a gente na fábrica se alguém sabia o que estava acontecendo, e ninguém falou nada. Um outro empregado foi procurar a patroa e dizer que era eu que estava roubando a comida, então ela veio me procurar. Ela não estava desconfiada de mim, mas queria saber se tinha acontecido alguma coisa na fábrica e eu disse que não, que não sabia. No dia seguinte os colegas estavam rindo de mim e falando de mim pelas costas e durante o trabalho a Gisele, nossa patroa, me chamou e chamou três empregados; um nem era do meu turno, e na sala dela eu perguntei para eles porque eles tinham me acusado se eles disseram para ela que me viram pegar a comida, porque não me impediram, porque não me corrigiram na hora? Eles não me responderam, então a Gisele disse porque tinha nos chamado lá; ela tinha visto as imagens das câmeras de segurança e mostravam os três roubando a comida, eles fizeram isso para por a culpa em

mim e depois que a patroa falou eles disseram que era só uma brincadeira e que eu não precisava levar isso a sério. Mas quando é brincadeira todo mundo acha graça e eu não estava achando graça e a patroa também não achou engraçado. Eles foram suspensos do serviço e um deles pediu a conta quando voltou ao trabalho.

As narrativas dão conta de casos clássicos de xenofobia em que, tomando uma raça por superior se supõe a sujeição do outro, supondo o outro como um ser a ser civilizado. Essas posturas, alimentadas pela ideia de “invasão” divulgada pela mídia nos primeiros anos da imigração haitiana, não permitem nenhum esforço em tornar a sobrevivência do estrangeiro minimamente suportável, criando atritos desnecessários e não evitando a manifestação aberta de preconceito e ódio contra os imigrantes.

Cabe lembrar que, situada na margem esquerda do Vale do Rio Itajaí, Brusque é o acesso de um lugar que guarda uma das regiões mais brancas do país, orgulhosamente reconhecida pela preservação dos costumes de seus fundadores, de origem majoritariamente europeia.

Entidades foram fundadas, no decorrer de décadas, a fim de divulgar as tradições e costumes dos pioneiros da história da cidade, estando presentes – através de seus membros – nas escolas, empresas, cargos da administração pública, etc, imbuídos da preservação de uma ordem baseada na conservação da memória desses imigrantes estrangeiros.

Com o fortalecimento do polo industrial da região e o crescimento econômico, ocorrido nas duas últimas décadas, Brusque despontou como a cidade que mais recebeu imigrantes no estado, durante esse período, vendo sua população basicamente dobrar a partir do ano 2000.

Existe também uma postura, nem sempre tão explícita, mas que pode interferir no rompimento das fronteiras da convivência com a nova cultura. Essa postura valoriza a diversidade e a preserva, no entanto não a inclui. A atitude, que Grimson (2011) classifica como fundamentalista, identifica o outro como um ser imutável, impossível de conversão ao que a sociedade local deseja que ele seja. Partindo desse pressuposto, a melhor maneira de evitar um conflito, um choque entre as culturas é manter-se afastado, promovendo a segregação do outro grupo.³⁴

³⁴ En síntesis, el racismo justifica el sometimiento de la alteridad por su supuesta inferioridad, mientras que el fundamentalismo cultural justifica la segregación del otro en función de las diferencias culturales y de su manera de conceptualizarlas. El racismo se elogia a sí mismo como civilizador; el fundamentalismo cultural se autoexalta como preservador de la diversidad, y especialmente de “nuestra pureza” (GRIMSON, 2011, p. 65).

Conforme indica Iokoi (2008), num tempo em que os espaços se encurtam, em que o saber local é constantemente retroalimentado pelo conhecimento global, o trânsito humano vem ganhando um dinamismo singular.

Impedindo os imigrantes, ainda que silenciosamente, de partilhar desse lugar simbólico de forma igualitária, seja no trabalho, na escola, na igreja, onde eles possam transpor a fronteira do deslocamento e assim integrar a sociedade em que buscam se inserir, o grupo *estabelecido* – emprestando o termo de Elias e Scotson (2000) – supõe proteger-se. Acredita-se original em meio à emergência da pluralidade contemporânea e imagina na conservação o sucesso de sua sobrevivência, em um presente cuja tônica é a transitoriedade.

Os migrantes revelam os limites do funcionamento dos sistemas sociais, as margens, os pontos de exclusão, sua condição de extrema estigmatização social, conformando a imagem do que a cidade rejeita (IOKOI, 2008). Evidenciando, em confronto com a cultura estrangeira, faces até então invisíveis aos próprios nativos dessa sociedade. Confirmando que

(...)“a cultura é um modo de vida global” (...) “o estudo das relações entre elementos em um modo de vida global”. A cultura não é uma prática, nem apenas a soma descritiva dos costumes e culturas populares das sociedades (...) Está perpassada por todas as práticas sociais e constitui a soma do inter-relacionamento das mesmas.(...) A cultura é esse padrão de organização, essas formas características de energia humana que podem ser descobertas como reveladoras de si mesmas – “dentro de identidades e correspondências inesperadas” assim como em descontinuidades de tipos inesperados – dentro ou subjacente a todas as demais práticas sociais (HALL, 2003, p.136).

Portanto, como se percebe numa cidade composta e circunscrita por estrangeiros, o estrangeiro não é acolhido, não é aceito na sua diversidade, não é considerado na sua humanidade e nem é percebido na sua singularidade. A experiência de vida desses haitianos, em uma cidade que vive sua terceira/quarta geração de descendentes de imigrantes europeus, contrapõe-se ao discurso de valorização do trabalhador-imigrante-estrangeiro que constitui os pilares culturais de toda a região do Vale Europeu.

Transpostas as fronteiras físicas, os limites que apartam esses sujeitos da condição de cidadania são profundos, preterindo-os à condição de provisoriedade que longe de ser uma escolha, apresenta-se como uma imposição social.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Soy una raya en el mar
Fantasma en la ciudad
Mi vida va prohibida
Dice la autoridad
Solo voy con mi pena
Sola va mi condena
Correr es mi destino
Por no llevar papel*

(Clandestino – Manu Chao)

O Terremoto de gravíssimas proporções que atingiu Porto Príncipe em janeiro de 2010 foi um marco na história do Haiti, bem como em sua projeção para o mundo. As imagens de dor e destruição tomaram conta dos meios de comunicação consternando a todos, tornando-se a maior representação do país mais pobre das Américas.

Quando os informes do grande fluxo migratório de haitianos para o Brasil, justificado na catástrofe natural, tomam conta dos noticiários, não demora para que os primeiros imigrantes cheguem ao litoral norte catarinense. E Brusque – cidade que mais recebeu migrantes de outras regiões do Brasil, nos anos de 2012 e 2013 em Santa Catarina – pela primeira vez desde sua formação, nas últimas décadas do século XIX, voltou a receber um número considerável de imigrantes estrangeiros.

A imigração haitiana na cidade tem contornos bem específicos com relação a rota, origem e ofício de seu grupo de imigrantes. Iniciada efetivamente no final de 2013 ela se dá primordialmente através da rota que compreende Santo Domingo (República Dominicana), Quito (Equador) e São Paulo. Todos os imigrantes chegaram ao país legalmente, a maior parte deles com visto solicitado em Quito. Esse núcleo migratório já é fruto das oportunidades geradas a partir da Resolução Normativa 102/2013, que garantia visto especial para os imigrantes haitianos.

A maior parte desses imigrantes já tinha passado por experiências de trabalho no estrangeiro, sobretudo na República Dominicana, e todos eles possuem mais parentes vivendo em outros países.

A narrativa do terremoto aparece em suas falas como uma referência, mas nenhum deles justifica sua migração no abalo sísmico, mas sim em um “gosto haitiano por viajar”.

A imigração haitiana perdura desde século XIX, inicialmente em direção de outros países caribenhos e para o sul dos Estados Unidos, como uma reação ao não

reconhecimento da independência haitiana, o que acarretou em uma grande crise pela não conclusão do projeto revolucionário do país, conservando o Haiti em uma condição de subserviência às potências europeias e, principalmente, aos Estados Unidos.

Mais recentemente, após a saída do presidente Jean Bertrand Aristide, o país se viu em mais uma de suas graves crises políticas e, por isso, loteado por organizações estrangeiras. Esse período – entre 2003 e 2004 – coincide com a primeira viagem da maior parte de nossos colaboradores, que remonta ao aumento do fluxo migratório haitiano no século XXI.

Essa fase culmina com a ascensão do capitalismo global e sua economia de mercado como sistema socioeconômico regendo a organização mundial. A assimilação dessa nova ordem redefine as formas de produção e reformula as relações de trabalho, gerando novas rotas de imigração.

Na sociedade global a ordem é o consumo; ele rege as relações e a própria sobrevivência. Não se trabalha mais para produzir, mas sim para consumir, e nessa formatação social não existe um exército de reserva, tornando assim os processos de exclusão ainda mais perversos.

Nesse contexto a migração haitiana representa uma importante ferramenta para a economia interna do Haiti. Com o envio de remessas, os imigrantes movimentam quase um quarto do produto interno bruto do país, garantindo assim o consumo de suas famílias e mantendo também formas tradicionais de produção e trabalho na comunidade haitiana.

Com o advento do terremoto, a capital e principal cidade do país se vê destruída. O Haiti torna-se "um corpo sem cabeça" e a emigração uma resposta rápida, na tentativa de não paralisar o consumo das demais regiões do país. A diáspora haitiana se amplia, recebendo sujeitos que anteriormente não haviam sentido a necessidade de deixar seu país.

Todos os nossos colaboradores indicam a emigração como algo decidido em família e que também só é possível através dela, uma vez que todos dependeram da reunião de recursos vindos dos familiares para se lançar ao exterior.

Pela proximidade, a República Dominicana era sempre o destino mais fácil e menos dispendioso, permitindo que o migrante pudesse ir e voltar com frequência ao seu país. Mas quando os países da América do Sul passaram a fazer parte da rota dos emigrantes, mais recursos foram necessários dependendo, assim, do esforço coletivo.

O Brasil não era o destino inicial de todos. Eddy, o líder do primeiro grupo de haitianos chegado em Brusque afirma que, mesmo tendo passado pelo Equador, seu

objetivo já era vir para o Brasil, pois tinha um primo vivendo em Goiás. Para os demais o objetivo era mesmo o Equador, mas a rota passava a ser redefinida a partir das notícias recebidas com relação ao auxílio que o governo brasileiro estava concedendo para entrada desses migrantes.

A partir daí o deslocamento para Brusque realizou-se através de uma rede tecida entre parentes e amigos feitos no Equador, que trocavam informações a respeito da cidade e garantiam abrigo aos recém-chegados.

A narrativa da chegada dos quatro primeiros imigrantes a Brusque ganha contornos de Real Maravilhoso correndo, entre os imigrantes que permaneceram na cidade, como uma espécie de mito que justifica a permanência haitiana e desencadeia uma cultura de fé e solidariedade muito forte entre esses sujeitos. Esses laços estreitados entre a comunidade levaram, há dois anos, à fundação da sua própria igreja na cidade.

Movidos pela dificuldade de interação com os conceitos pregados na Igreja Assembleia de Deus que frequentavam, os haitianos realizaram inicialmente um culto em separado, acompanhado somente por seus compatriotas e, posteriormente, alugaram um espaço para ter sua própria igreja.

Nesse espaço, onde são promovidas atividades diárias, que vão desde o estudo da Bíblia a ensaios de canto e dança e vigília de oração, tudo acontece em crioulo. Através da igreja a comunidade haitiana promove o acolhimento dos recém-chegados, além de manter uma rede de incentivo e solidariedade entre aqueles já instalados na cidade. Auxiliam-se na busca de emprego, na procura de imóveis para moradia, cooperam entre si nos cuidados de suas crianças, tudo a partir das relações estabelecidas naquele ambiente.

A igreja é enaltecida pela comunidade como um trunfo, um ambiente de resistência de sua cultura em meio a uma cidade de postura segregadora, diante de sua condição de imigrantes, negros, estrangeiros. Apesar do pouco extenso vocabulário, todos, de alguma forma, apontam algum constrangimento passado por conta dessa condição; nos últimos meses de 2018 viviam um impasse por conta do imóvel da igreja, que teve o contrato de aluguel revogado, sendo negado qualquer tipo de negociação por parte da imobiliária e do proprietário do imóvel com os responsáveis.

A crise econômica que atingiu o Brasil a partir de 2016 promoveu modificações em meio à comunidade haitiana brusquense e muitos imigrantes deixaram o país, sobretudo em direção ao Chile e aos Estados Unidos. Alguns retornaram a Brusque, mas a maior parte deles seguiu viagem. A instabilidade de emprego no Brasil, o câmbio do dólar e a

possibilidade de poder mandar mais dinheiro para o Haiti é o que movimentou a saída desses haitianos.

Os que aqui se mantiveram, em grande número buscaram a reunião familiar. Parte deles já tem filhos nascidos no Brasil e muitos fazem planos de até, talvez, adquirir um imóvel, muito embora ninguém negue a possibilidade de voltar ao seu país.

Aliás, essa é uma grande queixa entre os imigrantes: a dificuldade em, vivendo no Brasil, poder retornar - mesmo que a passeio - ao Haiti, pois os pesados custos da viagem frente ao custo de vida em Brusque e os ganhos que somam em média dois salários mínimos e meio, dificultam os planos de um retorno.

O trabalho e o cotidiano pacato da cidade é o que mais agrada os imigrantes. O baixíssimo índice de violência transmite segurança e alimenta a esperança desses haitianos na possibilidade de uma vida melhor e estruturada. Ninguém nega a possibilidade de voltar a deslocar-se, pois “o haitiano gosta de viajar”, no entanto todos afirmam que só Deus é quem pode decidir a sua permanência ou não.

Expondo os negativos à luz, ouvindo o contraponto da fala, novas conexões nos levam a reflexões e outros possíveis questionamentos com relação às migrações.

Compreendendo o imigrante haitiano como um sujeito que reconhece a beleza e singularidade de sua história podemos, talvez, encarar a migração como uma forma de resistência da luta do povo haitiano por sua independência ainda não concluída. Ponderando que o envio de remessas vindas diretamente do exterior tem um impacto direto na economia e formatos de vida locais, são os haitianos que vivem a experiência do deslocamento que auxiliam os que ficam frente à intervenção estrangeira, que historicamente se reinventa no haitiano. Longe de ser um abandono, a ausência física resulta numa presença para além do território, através do financiamento da sobrevivência de uma forma de vida haitiana.

Convivendo com uma dinâmica histórica de deslocamentos, o haitiano da diáspora vive uma dupla luta por reconhecimento. A primeira é dentro de seu país com o status conferido àquele que vai viver no estrangeiro e, com seu êxito, auxiliar aqueles que ficam, mantendo fortes elos de solidariedade - um traço muito vivo dentro da comunidade haitiana.

Do outro lado é, com sua presença no exterior, um modo de lutar pelo reconhecimento, historicamente negado desde sua revolução de independência, fazendo frente a todas as representações criadas a respeito de seu país e seu povo.

Neste ponto é possível refletir sobre o cunho do termo diáspora com relação à migração haitiana para o exterior. Ao contrário da ideia bíblica que, à primeira vista, esse conceito possa nos remeter, ele pode trazer consigo a noção daquelas pessoas que carregam com elas sua própria nação. E isso é possível perceber nos detalhes das falas de cada colaborador.

Cruzadas as fronteiras físicas, os haitianos se reencontram através de laços de solidariedade. Esses laços, tão importantes na recuperação e manutenção da sua população logo após o terremoto, se intensificam quando os compatriotas se encontram nas novas fronteiras.

Diferentemente do que ocorre no Haiti, onde até a solidariedade se vê entrecortada pela extrema estratificação social que vigora desde os tempos da revolução, os haitianos se reencontram no estrangeiro através de um sistema de cooperação e acolhimento que os aproxima do que talvez possamos chamar de um sentimento de haitianidade.

Essa haitianidade apresenta-se com um duplo viés: ela ajuda a propagar o deslocamento e redefinir suas rotas e, cruzadas as fronteiras, ela auxilia os sujeitos na adaptação ao novo meio onde estão inseridos, além de buscar manter os traços da cultura haitiana que são considerados fundamentais em seu caráter.

Na cidade de Brusque, por sua vez, a presença haitiana relativiza o discurso que enaltece o imigrante estrangeiro, que ainda parece muito afetado pela máxima hegeliana de que somente o caminho percorrido pelo povo europeu conduz à civilização.

O fortalecimento da indústria local, além dos ótimos índices de qualidade de vida, colocou a cidade na rota das migrações contemporâneas nacionais e internacionais nos últimos vinte anos; no entanto, a sociedade local ainda não se organizou diante da presença do outro.

Diferentemente das grandes capitais do sudeste e suas características cosmopolitas que muitas vezes se fundem e confunde a nossa percepção com relação à presença do estrangeiro, Brusque assimila o outro reverberando práticas alimentadas pelo discurso do medo, reproduzidas de forma quase irrefletida.

Numa época em que os deslocamentos humanos atingem, ao redor do globo, números jamais antes registrados na história, a discussão sobre a imigração no âmbito local pode abrir a possibilidade de novas reflexões acerca de como a cidade deseja se inserir no contexto da globalização, de como a sociedade brusquense deseja crescer ou isolar-se da

dinâmica da sociedade contemporânea, além de perceber as possibilidades que essas escolhas podem trazer para as relações sociais locais.

Figura 18. Haitianos na Vila Operária de Brusque - 2015
Foto: Gilson Nunes

Figura 19. Criança haitiana na igreja - 2019
Foto: Marcos Vinicius Vale

Figura 20. Trabalho da distribuidora de Aço e Ferro (Johnny e Serdieu) - Novembro/2014
 Fonte: Jornal O Município

Figura 21. Dança para os noivos - celebração casamento Joseph e Elisena - Janeiro/2019
 Foto: Marcos Vinicius Vale

Figura 22. Willy Pierre em oração - janeiro/2019
Foto: Marcos Vinicius Vale

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

ALENCASTRO, Luiz Felipe. Renaux, Maria Luiza. **Caras e modos dos migrantes e imigrantes**. In: História da Vida Privada no Brasil. Vol. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Andrade, Érico. (2017). A OPACIDADE DO ILUMINISMO: O RACISMO NA FILOSOFIA MODERNA. **Kriterion: Revista de Filosofia**, 58(137), 291-309. <https://dx.doi.org/10.1590/0100-512x2017n13704ea>

BARATA, Iamê; CAROLINA, Ruana. **Haitianos entre refúgio e imigração**. Portal O Estrangeiro, 19 abr. 2012. Disponível em: <http://oestrangeiro.org/2012/04/19/refugioe-imigracao-haitiana/>. Acesso em: 04 ago. 2014.

BARRETO, Luiz Paulo Teles. Discurso da delegação brasileira no Diálogo de alto Nível das Nações Unidas sobre Migração e Desenvolvimento. In: **REFÚGIO, migrações e cidadania**. Caderno de Debates 2, Brasília: ACNUR; IMDH, 2007. p. 29-33.

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas Desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BERNARDES, Anderson. **PM emite nota oficial e trabalha para identificar autores do “Aviso para os baianos” em Brusque**. Disponível em: <https://ndonline.com.br/vale/noticias/pm-emite-nota-oficial-e-trabalha-pra-identificar-autores-ldquo-aviso-aos-baianos-rdquo-em-brusque> Acesso em: 01 de jul.2017.

BOURDIEU, Pierre. Estrutura e gênese do campo religioso. In: **A economia das trocas simbólicas**. Editora Perspectiva, 1992.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Brusque: subsídios para a história de uma colônia nos tempos do Império**. Brusque: Sociedade Amigos de Brusque, 1958.

CAFFEU, Ana Paula e CUTTI, Dirceu. Só viajar! Haitianos em São Paulo: Um primeiro e vago olhar. **Travessia – revista do Migrante**, Ano XXV, nº 70, janeiro – junho, p. 107 – 113.

CARIGNATO, Taeco Toma. ROSA, Miriam Debieux. BERTA, Sandra Letícia. Imigrantes, Migrantes e Refugiados: Encontros na Radicalidade Estrangeira. In: **REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**. Ano XIV. São Paulo: CSEM - Centro Scalabrianiano de Estudos Migratórios, 2006. Disponível na Internet: <http://www.csem.org.br/remhu/index.php/remhu/article/view/36/28>

CARPENTIER, Alejo. **O reino deste mundo**. Tradução: Marcelo Tápia. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

COGO, Denise; SILVA, Terezinha. Entre a fuga e a invasão: alteridade e cidadania da imigração haitiana na mídia brasileira. In. **Revista Famecos – mídia, cultura e tecnologia**. Porto Alegre, v. 23, n. 1, janeiro-abril, 2016.

COTINGUIBA, Geraldo Castro. **Imigração Haitiana para o Brasil – a relação entre trabalho e processos migratórios**. 2014. 155 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2014.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Felix. **O que é a filosofia?** 2ed. São Paulo: Editora 34, 1993.

DELFIM, Rodrigo Borges. Presença haitiana ajudou a transformar o debate sobre migrações no Brasil. In. **Revista Perspectivas**. v.3, 2017. Disponível em: https://br.boell.org/sites/default/files/hbs_-_perspectivas_-_america_latina_3.pdf

DIAS, Cristiano. **O vizinho que ninguém quer ter**. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,o-vizinho-que-ninguem-quer-ter,496960>> Acesso em: 20 de dez.2017.

ELIAS, Norbert (1989). **Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FÁVERO AREND, Silvia Maria; MACEDO, Fábio. Sobre a história do tempo presente: entrevista com o historiador Henry Rousso. **Revista Tempo e Argumento**, vol. 1, no. 1, 2009, pp. 201-216. Editorial Universidade do Estado de Santa Catarina.

FRAGA, Domingos. **Preconceito contra baianos em SC atinge a todos nós**. Disponível em:<<http://noticias.r7.com/blogs/pense-nisso/preconceito-contra-baianos-em-sc-atinge-a-todos-nos-2-20131109>> Acesso em: 01 de jul. 2017.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo, FFLCH-USP: 1964.

FIGUEIREDO, Eurídice. **O Haiti: história, literatura e cultura**. in. *Revista Brasileira do Caribe*, Goiânia, Vol.VI, nº12. Jan-Jun 2006, p. 371-395.

GALEANO, Eduardo. **Os pecados do Haiti**. 2010a. Disponível em: <<http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Internacional/Os-pecados-do-Haiti/6/15273>> Acesso em: 27 jun. 2017.

_____. **Haití: A maldição branca**. 2010b. Adital – Notícia de America Latina & Caribe. Disponível em: <http://www.teleios.com.br/o-haiti-e-a-maldicao-branca-eduardo-galeano/>. Acesso em: 27 jun.2017.

GINZBURG, Jaime. **Linguagem e trauma na escrita do testemunho**. Revista Conexão Letras. Porto Alegre. Vol. 3, n. 3, p. 61-66, 2008.

GOMES, Wilson. Nem anjos nem demônios. In: Alberto Antoniazzi: **Nem anjos nem demônios**. Editora Vozes, 1996.

GOENDER, Jacob. O épico e o trágico na história do Haiti. **Estudos Avançados**. n 18 (50), p. 295-302, 2004.

GRIMSON, A. Los límites de la cultura. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2011.

HALL, Stuart; SOVIK, L. (Org.). Da diáspora: identidades e mediações culturais. Tradução de: Adelaine la Guardia Resende et al. Belo Horizonte, MG: UFMG; Brasília, DF: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HANDERSON, Joseph. **Vodu no Haiti – Candomblé no Brasil: Identidades culturais e sistemas religiosos como concepções de mundo Afro-Latino-Americano**. 2010. 183 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.

_____. **Diásporas. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Surinami e na Guiana Francesa**. 2015. 430f. Tese (Doutorado). Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

_____. Diaspora. Sentidos sociais e mobilidades haitianas. In: **Diasporas**. Revista Horizontes Antropológicos. UFRGS, Porto Alegre, n°43. Jan-jun 2015, p. 51-78.

HONETH, Axel. **Luta por Reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Ed. 34, 2003.

HURBON, Laënc. **O Deus da resistência negra: o vodu haitiano**. São Paulo: Paulinas, 1987.

IANNI, Octávio. **Enigmas do pensamento latinoamericano**. São Paulo: IEA/USP, 2002. In: <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/iannienigmas.pdf>

IOKOI, Zilda M. **Imigrantes invisíveis: a História Oral como paradigma da luta contra o colonialismo cultural**. In: <http://diversitas.fflch.usp.br/files/imigrantes%20invisiveis.pdf>, 2008.

JAMES, C. L. R. **Os jacobinos negros. Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos**. São Paulo: Boitempo, 2010.

KOLTAI, Caterina. **Política e psicanálise: o estrangeiro**. São Paulo: Escuta, 2000.

LEFEBVRE, Henri. **La Presencia y La Ausência: contribucion a la teoria de las representaciones**. México. Fundo de Cultura Econômica, 1983.

MAGALHÃES, Luís Felipe Aires. **A imigração haitiana em Santa Catarina: perfil sociodemográfico do fluxo, contradições da inserção laboral e dependência de remessas no Haiti**. 2017. 355f. Tese (doutorado) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, Campinas, 2017.

MARTINS, José de Souza. **Subúrbio, Vida cotidiana e história no subúrbio da Cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha**. São Paulo: Hucitec; Unesp, 2002.

_____. **A Chegada do Estranho**. São Paulo. Editora Hucitec, 1993.

MATIJASCIC, Vanessa B. **Haiti: uma história de instabilidade política**. Cenário Internacional, São Paulo, 14/07/2009. Disponível em: <http://www.cenariointernacional.com.br/default3.asp?s=artigos2.asp&id=130>. (Acesso em: 04.ago.2014)

MEIHY, José Carlos Sebe B.; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia Prático de História Oral**. São Paulo: Contexto, 2011.

NASCIMENTO, Sebastião; THOMAZ, Omar Ribeiro. **Da crise às ruínas: impacto do terremoto sobre o ensino superior no Haiti**. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior. Programa Pró Haiti. Maio de 2010.

NOGUEIRA, Fabiana Bezerra. **Dèyè mòn, gen mòn: Imigração Haitiana no Brasil – Relatos do Vivido**. 2017.208f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo, 2017.

PAIVA, Odair da Cruz. **História da (I)migração – Imigrantes e Migrantes em São Paulo entre o final do século XIX e o início do século XXI**. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2013.

PATRICE, Jean René. **Migrantes Haitianos em São Paulo e Superexploração da Força de Trabalho**. 2017. 122f. Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

RAMOS, Érika Pires. **Refugiados Ambientais: em busca de reconhecimento pelo direito internacional**. 2011. 150f. Tese (Doutorado). Faculdade de Direito da USP, São Paulo, 2011.

SAHLINS, Marshall. O 'pessimismo sentimental' e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um 'objeto' em via de extinção (partes I e II). **Revista Mana. Estudos de Antropologia Social**, 3(1-2): 41-73; 103-150, 1997.

SAID, Edward. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia da Letras, 2007.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Renovar a Teoria crítica e Reinventar a Emancipação Social**, São Paulo: Boitempo, 2007.

SANTOS, Bruna Carla dos; BORGES, Erinaldo de Jesus. Realismo mágico e real maravilhoso: um anseio de afirmação da literatura latino-americana. **Cadernos CESPUC de Pesquisa. Série ensaios**, n.32, 2018.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998.

SCARAMAL, Eliesse dos Santos T. **Haiti: Fenomenologia da barbárie**. Goiânia: Câne Editorial, 2006.

SEGUY, Frank. **A catástrofe de janeiro de 2010, a “Internacional Comunitária” e a recolonização do Haiti**. 2014. 399f. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

SEGUY, Frank. **A catástrofe de janeiro de 2010, a “Internacional Comunitária” e a recolonização do Haiti**. 2014. 399f. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

_____. Racismo e desumanização no Haiti. **Educere e Educare – Revista de Educação**. v. 10, n. 20, p. 521-536. jul-dez 2015.

SEITENFUS, Ricardo, **Elementos para uma diplomacia solidária: a crise haitiana e os desafios da ordem internacional contemporânea**. 2006. Disponível em: [http://www.seitenfus.com.br/arquivos/elementos-diplomacia\(1\).pdf](http://www.seitenfus.com.br/arquivos/elementos-diplomacia(1).pdf). Acesso em: 20 abr. 2018.

SEVCENKO, Nicolau. **A cidade metástasis e o urbanismo inflacionário: incursões na entropia paulista**. Revista USP, São Paulo, n.63, p. 16-35, setembro/novembro 2004.

SEYFERTH, GIRALDA. **A Colonização Alemã no Vale do Itajaí-Mirim**. Porto Alegre: Movimento, 1974.

_____. **Nacionalismo e Identidade Étnica**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

SOUZA, Claudia Moraes. Deslocamentos Contemporâneos e Tráfico de Pessoas em cidades globais: Dilemas, Ações e Solidariedade. **Tráfico de pessoas : uma abordagem para os direitos humanos**. Brasília, Editora do Ministério da Justiça. 1 ed, p.345-368, 2013.

THOMAZ, Diana. Migração haitiana para o Brasil pós-terremoto: indefinição normativa e implicações políticas. **Revista USP Primeiros Estudos**. São Paulo, Ano III, n. 4, p.131-143, mar., 2013.

THOMAZ, Omar Ribeiro. O terremoto no Haiti, o mundo dos brancos e o Lougawou. **Novos Estudos**. n. 86, Março de 2010, p. 23-39.

_____. Eles são assim: racismo e o terremoto de 12 de janeiro de 2010 no Haiti. In: **Cadernos de Campo**, São Paulo, n.1, p. 273-284, 2011.

VASCONCELOS, Alex Donizete. **A MINUSTAH e a Alteridade: Representações e identidades haitianas nos discursos da ONU e da Folha de São Paulo (2004-2010)**. 2010. 189f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.